

EUZEBIO S. DORNELAS
GEÓRGIA R. R. GOMES POLY

CVID-19

(DES) ENCONTROS

ENTRE PAIS E A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Este e-book é fruto do resultado da dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ensino, da Universidade Federal Fluminense | Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (UFF/INFES), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino. A Coordenação Pedagógica pode ser percebida, dentre tantas outras funções, como o setor responsável por criar um elo de comunicação direta e objetiva com a comunidade escolar, incluindo, pais ou demais responsáveis pelos estudantes.

Neste estudo, realizamos uma análise sobre a atuação deste importante setor, durante a pandemia de COVID-19, na Rede Municipal de Ensino de um município da Região Noroeste Fluminense, sob o viés, sob o olhar atento de pais e demais responsáveis, que em determinados momentos tiveram muitas dúvidas, principalmente, durante a implementação do ensino remoto através das TDIC's (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação).

Nosso intuito foi verificar se a Coordenação Pedagógica desempenhou o seu papel durante o contexto pandêmico, proporcionando diálogos com a comunidade escolar, visando equacionar problemas ou simplesmente, atenuá-los; durante aquele difícil momento, em que um vírus (até então, desconhecido por muitos) passou a nos assombrar.

Que caminhos foram percorridos pelo setor durante a pandemia? Quais desafios foram superados – ou não – na tentativa de estabelecer um diálogo eficaz com os responsáveis? Este e-book oferece uma análise instigante e necessária, revelando respostas que podem surpreender e provocar profundas reflexões sobre o papel da Coordenação Pedagógica, especialmente em tempos de crise.

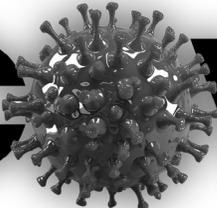
ISBN 978-65-6006-160-6



9 786560 061606 >



EXPERT
EDITORA DIGITAL

C  **VID-19**

(DES) ENCONTROS

ENTRE PAIS E A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Direção Executiva: Luciana de Castro Bastos
Direção Editorial: Daniel Carvalho
Diagramação e Capa: Editora Expert
A regra ortográfica usada foi prerrogativa do autor



Todos os livros publicados pela Expert Editora Digital estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 BY-SA. <https://br.creativecommons.org/>
"A prerrogativa da licença creative commons 4.0, referencias, bem como a obra, são de responsabilidade exclusiva do autor"

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

DORNELAS, Euzebio da Silva e POLY, Georgia Regina Rodrigues Gomes.
COVID-19: (des) encontros entre pais e a Coordenação Pedagógica.
Autores: Euzebio da Silva Dornelas; Georgia Regina Rodrigues Gomes Poly.
Belo Horizonte: Expert Editora, 2025.
292p.
Inclui bibliografia e apêndices.
ISBN: 978-65-6006-160-6

1. Educação – Pandemia – Brasil. 2. Ensino remoto – Brasil. 3. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – Brasil. 4. Coordenação Pedagógica – Brasil. 5. Comunicação Escola-Família – Brasil. 6. COVID-19 – Impactos sociais – Brasil.
I. Título.

CDD: 371.2

Pedidos dessa obra:

experteditora.com.br
contato@editoraexpert.com.br





Prof. Dra. Adriana Goulart De Sena Orsini
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dr. Alexandre Miguel Cavaco Picanco Mestre
Universidade Autónoma de Lisboa, Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Escola Superior de Comunicação Social (Portugal), The Football Business Academy (Suíça)

Prof. Dra. Amanda Flavio de Oliveira
Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Carlos Raul Iparraguirre
Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, Universidad Nacional del Litoral (Argentina)

Prof. Dr. César Mauricio Giraldo
Universidad de los Andes, ISDE, Universidad Pontificia Bolivariana UPB (Bolívia)

Prof. Dr. Eduardo Goulart Pimenta
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, e PUC - Minas

Prof. Dr. Francisco Satiro
Faculdade de Direito da USP - Largo São Francisco

Prof. Dr. Gustavo Lopes Pires de Souza
Universidad de Litoral (Argentina)

Prof. Dr. Henrique Viana Pereira
PUC - Minas

Prof. Dr. Javier Avilez Martínez
Universidad Anahuac, Universidad Tecnológica de México (UNITEC), Universidad Del Valle de México (UVM) (México)

Prof. Dr. João Bosco Leopoldino da Fonseca
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Prof. Dr. Julio Cesar de Sá da Rocha
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof. Dr. Leonardo Gomes de Aquino
UniCEUB e UniEuro, Brasília, DF.

Prof. Dr. Luciano Timm
Fundação Getúlio Vargas - FGVSP

Prof. Dr. Mário Freud
Faculdade de direito Universidade Agostinho Neto (Angola)

Prof. Dr. Marcelo Andrade Féres
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dr. Omar Jesús Galarreta Zegarra
Universidad Continental sede Huancayo, Universidad Sagrado Corazón (UNIFE), Universidad Cesar Vallejo. Lima Norte (Peru)

Prof. Dr. Raphael Silva Rodrigues
Centro Universitário Unihorizontes e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dra. Renata C. Vieira Maia
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dr. Rodolpho Barreto Sampaio Júnior
PUC - Minas e Faculdade Milton Campos

Prof. Dr. Rodrigo Almeida Magalhães
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, PUC - Minas

Prof. Dr. Thiago Penido Martins
Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Este e-book é fruto do resultado da dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ensino, da Universidade Federal Fluminense | Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (UFF/INFES), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

A Coordenação Pedagógica pode ser percebida, dentre tantas outras funções, como o setor responsável por criar um elo de comunicação direta e objetiva com a comunidade escolar, incluindo, pais ou demais responsáveis pelos estudantes.

Neste estudo, realizamos uma análise sobre a atuação deste importante setor, durante a pandemia de COVID-19, na Rede Municipal de Ensino de um município da Região Noroeste Fluminense, sob o viés, sob o olhar atento de pais e demais responsáveis, que em determinados momentos tiveram muitas dúvidas, principalmente, durante a implementação do ensino remoto através das TDIC's (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação).

Nosso intuito foi verificar se a Coordenação Pedagógica desempenhou o seu papel durante o contexto pandêmico, proporcionando diálogos com a comunidade escolar, visando equacionar problemas ou simplesmente, atenuá-los; durante aquele difícil momento, em que um vírus (até então, desconhecido por muitos) passou a nos assombrar.

Que caminhos foram percorridos pelo setor durante a pandemia? Quais desafios foram superados – ou não – na tentativa de estabelecer um diálogo eficaz com os responsáveis? Este e-book oferece uma análise instigante e necessária, revelando respostas que podem surpreender e provocar profundas reflexões sobre o papel da Coordenação Pedagógica, especialmente em tempos de crise.

AUTORES

EUZEBIO DA SILVA DORNELAS



É mestre em ensino pela UFF/INFES (Universidade Federal Fluminense/Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior), escritor, jornalista profissional filiado à FENAJ (JP 31.162/RJ), assessor de imprensa, pós-graduado em Docência do Ensino Superior, MBA em Gestão de Pessoas, pós-graduado em Comunicação Contemporânea e Relações Públicas, Bacharel em Ciências Contábeis, além de possuir complementação pedagógica em Letras/Português. É autor dos seguintes livros: “O beijo dos anjos”, “Labirintos: a eterna busca do ser” e “O pontapé inicial para a vida”. Em 2024 assinou contrato com o Grupo Editorial Zit para a publicação do livro infantil “O que é a vida?” e do infantojuvenil “Minha amiga IA: confidências e reflexões de um adolescente CDF”; além da publicação atualizada de “O pontapé inicial”.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5224622309351794>



GEORGIA REGINA RODRIGUES GOMES POLY

É professora e coordenadora do Programa de Mestrado em Ensino da UFF/INFES (Universidade Federal Fluminense/Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior). Possui graduação em Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna; Análise de Sistemas, mestrado e doutorado em Informática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Possui experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Sistemas de Computação, atuando principalmente com os seguintes temas: Informática Aplicada ao Ensino, Mineração de Dados, Mineração de Texto, Integração de Banco de Dados, Bibliotecas Digitais, Metadados, Recuperação da Informação, Educação a Distância e Sistemas de Informação.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8966061799453364>

SUMÁRIO

Autores.....	9
Introdução	13
1. Um barco à deriva	17
2. O início da jornada	23
3. Perspectiva histórica sobre a coordenação pedagógica	29
4. A coordenação pedagógica e os seus coordenadores	39
5. Covid-19: o vírus contra a educação.....	51
6. Ensino remoto, ead e ensino híbrido.....	63
7. A coordenação pedagógica e os desafios diante da pandemia.....	79
8. Trabalhos relacionados	85
8.1. Pesquisa formação na Ciberultura: Experiências da Pandemia.....	87
8.2. "Educação em tempos de pandemia e outros cenários de crise"	91
8.3. Considerações sobre os trabalhos relacionados	95
9. Planejando a pesquisa	97
10. Pesquisa inicial.....	103
11. Pesquisa principal.....	109
11.1. Pesquisa de Campo - Aplicação do questionário aos pais e responsáveis (questões fechadas).....	114

11.2. Pesquisa de Campo - Aplicação do questionário aos pais e responsáveis (questões abertas).....	123
12. Reflexão sobre a instituição privada versus a instituição pública..	147
13. Reflexões finais: (des) preparados para outra pandemia?	153
14. Referências bibliográficas.....	159



INTRODUÇÃO

“O papel da Coordenação Pedagógica durante a pandemia de COVID-19: uma análise sob o ponto de vista de pais e responsáveis”, título original da dissertação, foi a base para a construção deste e-book, que teve como coautora a professora Dra. Geórgia Regina Rodrigues Gomes Poly.

Dividimos esta pesquisa em dois momentos importantes: uma etapa inicial, com 58 entrevistados; e uma pesquisa principal, que envolveu entrevistas realizadas com 261 participantes. Esses dois momentos permitiram uma análise aprofundada sobre a atuação da Coordenação Pedagógica durante um dos períodos mais desafiadores da educação contemporânea.

O contexto pandêmico trouxe transformações radicais para o ambiente escolar, exigindo adaptações rápidas e, muitas vezes, improvisadas. Nesse cenário, o desempenho da Coordenação Pedagógica teve um papel crucial na mediação entre escola e família, especialmente durante a transição para o ensino remoto. Dúvidas, angústias e demandas dos responsáveis pelos estudantes colocaram à prova a capacidade de diálogo e articulação deste setor.

O ensino remoto, mediado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's), desafiou não apenas os docentes, mas também os gestores escolares, que precisaram redesenhar estratégias para garantir o mínimo de continuidade educacional.

Os dados coletados revelaram que, mesmo em meio a tantas adversidades, os coordenadores pedagógicos buscaram se manter próximos à comunidade escolar. Essa proximidade foi essencial para minimizar os impactos das mudanças abruptas e para garantir que os estudantes não se sentissem completamente desamparados.

Neste e-book, trazemos reflexões importantes sobre a relevância do diálogo entre a escola e a família, destacando o papel do coordenador pedagógico como um elo estratégico. Mais do que um relato sobre os desafios da pandemia, esta obra se propõe a ser um convite à reflexão sobre o futuro das relações escolares, especialmente em tempos de crise.

The background of the page is a dark, textured grey. It is filled with a repeating pattern of stylized virus particles. Each particle is spherical with a textured surface and has several thin, rod-like structures protruding from it, resembling the morphology of coronaviruses. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and movement.

1. UM BARCO À DERIVA

A pandemia de COVID-19 levantou dúvidas e preocupações entre profissionais de saúde, autoridades governamentais e cidadãos comuns. O aumento no número de casos de pessoas contaminadas pelo vírus, juntamente com as medidas de distanciamento social, quarentenas e a busca por um desenvolvimento acelerado de vacinas, marcou um período recente da humanidade.

Durante o momento pandêmico pelo qual todos nós passamos, muitos desafios foram enfrentados. A humanidade experimentou e experienciou situações sequer imaginadas pela maioria das pessoas, numa luta injusta, contra um inimigo que não podia ser visto a olho nu: um vírus, que marcou a História do Planeta Terra e, certamente, será lembrado e estudado, por muitos e muitos anos.

A forma convencional de aprender e ensinar foi radicalmente modificada da noite para o dia, afinal, com as escolas fechadas em inúmeros pontos do globo terrestre, inclusive no Brasil; foi preciso inovar! Reinventar-se, diante de desafios diários, falta de estrutura e equipamentos para todos, desconhecimento por parte de professores e alunos sobre dispositivos tecnológicos, *softwares*, plataformas de ensino e afins; além da insegurança emocional e psicológica, afinal, a morte era uma constante presença.

E diante desse contexto, o setor de Coordenação Pedagógica teve um papel fundamental na adaptação e continuidade do processo educativo. Com o fechamento das unidades escolares e a transição para o ensino remoto, os coordenadores precisaram contribuir na implementação de estratégias, a fim de amenizar os impactos negativos da pandemia na educação e assegurar a continuidade do aprendizado.

Buscar uma melhor compreensão sobre o papel da Coordenação Pedagógica durante a pandemia de COVID-19, sob o olhar de pais e responsáveis é uma oportunidade ímpar a fim de dar voz a uma parcela significativa da comunidade escolar, que passa pouco tempo dentro da escola, desconhecendo por vezes, sua dinâmica diária, práticas metodológicas adotadas, equipe de apoio e demais profissionais, entre outras questões pertinentes ao dia a dia de uma unidade escolar.

Saraiva, Traversini e Lockmann (2020, p. 02) lembram que medidas de isolamento social, objetivando reduzir a contaminação foram “adotadas ao redor do Mundo, com maior ou menor rigidez. Quase sempre, as primeiras instituições alcançadas por essas medidas são as educacionais”, afinal, possuem muitos indivíduos aglomerados por períodos mais longos.

Durante a leitura desta pesquisa será possível melhor conhecer e compreender as funções da Coordenação Pedagógica, além de sucinta trajetória histórica, referente aos cargos que precederam a figura do coordenador pedagógico. No entanto, é de suma importância ressaltar que no início do momento pandêmico – todos, inclusive a Coordenação Pedagógica – encontravam-se no mesmo barco, à deriva, sem saber o que fazer, para onde ir, ou aonde iriam parar... ou ‘naufragar’! A incerteza era o comandante de um navio que, se não afundasse, certamente apresentaria inúmeras avarias. Mas, que ‘avarias’ seriam essas?

Muitos pesquisadores vêm se debruçando sobre a temática que envolve a COVID-19. Sousa *et al.* (2020, p. 629), por exemplo, mencionam que em 2020, 46 grupos estavam trabalhando com “linhas de pesquisas específicas para investigar a pandemia da COVID-19, formados por aproximadamente 1.093 pesquisadores, professores doutores, alunos de pós-graduação e profissionais técnicos”.

Esse tipo de informação revela um novo espaço a ser explorado, e a escola precisa fazer parte deste contexto a ser pesquisado, relatando experiências desde o primeiro dia do fechamento de unidades escolares, estudando questões específicas, sobre a experiência de professores, questões comportamentais entre alunos, falta de equipamentos, evasão escolar, falta da merenda escolar, entre tantas outras questões. Muitas, continuam sem respostas e ainda há outros questionamentos, que nos afetam de alguma forma.

Buscar entender como o momento pandêmico foi enfrentado pelo setor em questão, sob a ótica dos pais ou demais responsáveis é criar oportunidades de reflexão, é ratificar o nosso compromisso,

enquanto educadores, de nos aproximarmos das múltiplas realidades que cada aluno vivenciou ou vivencia, juntamente com seus familiares.

É, literalmente, buscar entender o outro, compreender suas dores, dificuldades, compreender as minúcias e os porquês vividos por determinado aluno/família durante aquele período de crise, quando todos precisaram parar, em algum momento, a fim de repensar o presente, visando enfrentar os obstáculos diários, almejando um futuro outro. Um futuro longe de isolamento social, vírus, máscaras, *lockdown* e afins, um futuro quando um simples abraço pudesse ser possível.

Boff (2020, p. 11) cita a peste Negra e a Gripe Espanhola como momentos terríveis já enfrentados pelo ser humano; além do vírus da COVID-19, “levando milhares à morte sem, por enquanto, podermos detê-lo. Sua rápida propagação deve-se ao fato de que vivemos numa cultura globalizada com alto deslocamento de pessoas que viajam por todos os continentes e que podem ser portadores dele”.

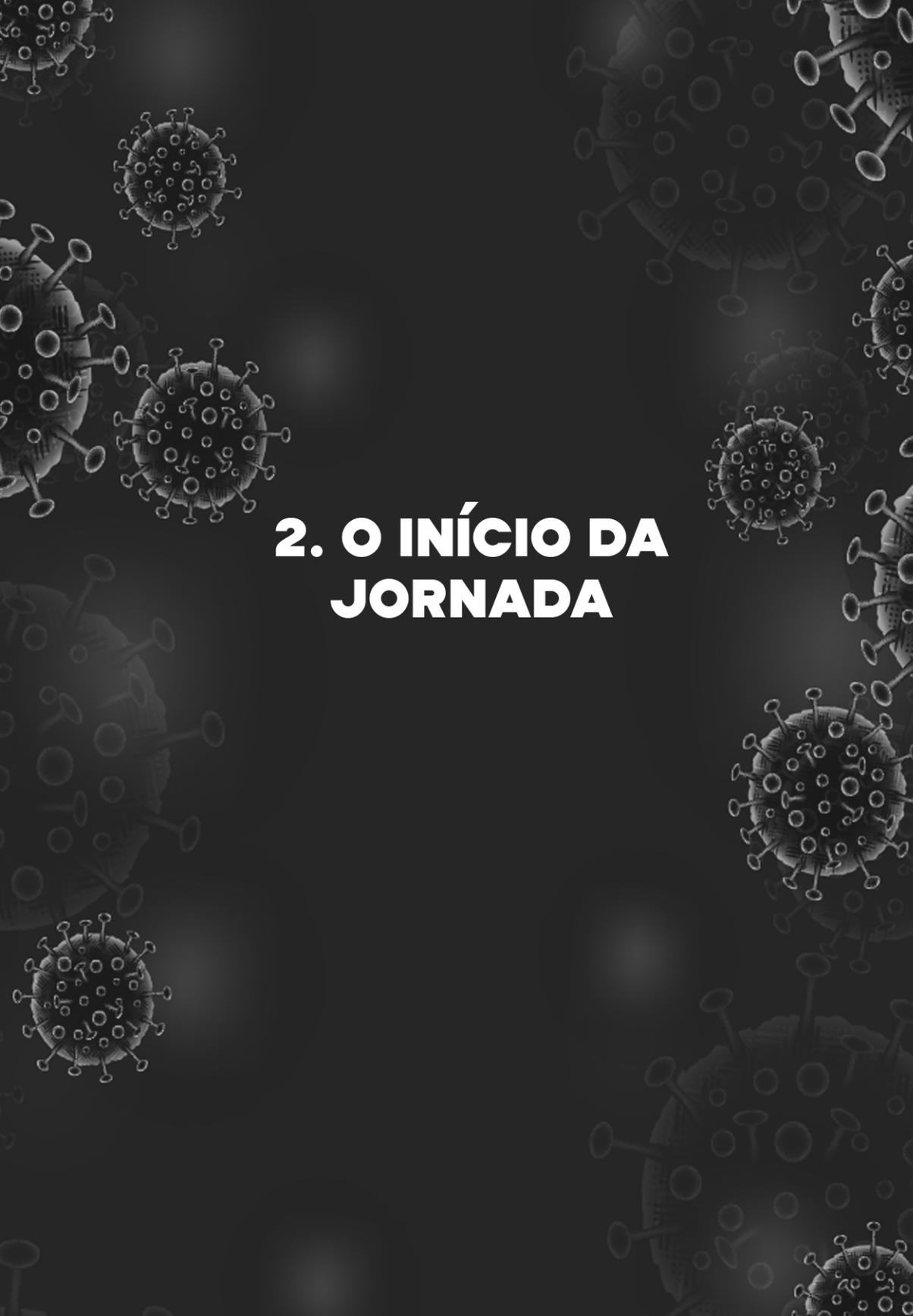
No entanto, o enfrentamento a este terrível vírus, concedeu-nos a oportunidade de refletir sobre muitas questões, principalmente, sobre as prioridades que cada um carrega consigo. Aquilo que tem importância para um, pode não ser tão importante para outro; mas, sobreviver, era a pauta diária, e muitas histórias foram sendo escritas a partir dessa premissa.

Na Educação, muitas feridas – que já estavam expostas – ficaram em evidência, como por exemplo, o abismo socioeducacional existente, afinal, quando as aulas passaram a ser possíveis com a utilização de equipamentos eletrônicos conectados à Internet, muitos alunos foram excluídos automaticamente. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), que serão esmiuçados adiante, afirmam isso. A Educação é para todos? Mais um quesito a ser pensado e repensado por todos nós.

Além de proporcionar, que as vozes de pais e responsáveis possam ser ouvidas, esta pesquisa visou levar à comunidade acadêmica e demais atores escolares, reflexões sobre o futuro. Diz o dito popular que “o futuro a Deus pertence” e sem querer levar em conta a fé – ou

não – que alguém possa ter ou não ter; o momento pandêmico expôs uma fragilidade pontual: a inexistência de um manual de crise!

Como mencionado, todos estávamos em um barco à deriva, navegando por mares nunca antes, navegados. O barco ancorou, momentaneamente, e o percurso, talvez parte dele; passou a ser conhecido. Já, as avarias, boa parte expostas, precisam ser sanadas, mas, sempre haverá remendos, uns, mais evidentes que outros; algumas outras avarias, talvez não sejam solucionadas. Mas, precisamos estar preparados para voltar a navegar.

The background of the page is a dark, textured grey. It is filled with a repeating pattern of stylized virus particles. Each particle is spherical with a textured surface and has several thin, rod-like protrusions extending from it, resembling the structure of a coronavirus. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and movement.

2. O INÍCIO DA JORNADA

Durante algumas discussões do GPINFEE (Grupo de Pesquisa de Informática no Ensino e na Educação), do INFES/UFF - Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense; conversamos sobre hipóteses, referentes a ruídos na comunicação entre o setor de Coordenação Pedagógica e pais e/ou demais responsáveis, durante o período da pandemia de COVID-19.

Posteriormente, através de uma pesquisa inicial (de forma aleatória) junto a responsáveis por estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (de instituições públicas e privadas), de uma cidade na Região Noroeste Fluminense; constatamos um problema pontual: a falta ou a má comunicação, entre coordenadores pedagógicos e familiares dos estudantes.

Esta pesquisa inicial serviu para fazermos uma análise preliminar sobre o tema e observamos que este estudo seria relevante para a área. A partir da informação obtida pela primeira pesquisa, precisávamos avançar com os estudos e, conseqüentemente, realizar uma outra pesquisa mais direcionada, portanto, delimitamos nosso foco de atuação, bem como formulamos a questão problema, que ficou definida da seguinte forma:

Durante a pandemia de COVID-19, como foi a comunicação entre a Coordenação Pedagógica e os pais (ou responsáveis) por alunos da Rede Municipal de Ensino, daquela cidade em questão? Assim sendo, optamos por realizar esta segunda pesquisa, entrevistando responsáveis por estudantes matriculados na Rede Municipal de Ensino, abrangendo alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

Objetivamos levantar questionamentos e possíveis discussões, sobre o papel da Coordenação Pedagógica durante a pandemia de COVID-19, propondo uma análise sob o ponto de vista de pais e responsáveis, que em diversos momentos e circunstâncias, depararam-se sozinhos, sem saber como proceder durante o ensino remoto.

É importante frisar que, o espaço de ensino e aprendizado sofreu mudanças, abruptas, em diversos momentos e situações, modificando o encontro entre professores e alunos; alunos e seus pares; além da

relação dos pais e responsáveis, com a escola, em um momento em que o caos parecia imperar.

Diante deste novo espaço configurado – forçosamente – pela COVID-19, ouvimos os pais e responsáveis, analisando a atuação da Coordenação Pedagógica, compartilhando questionamentos, outrora desconhecidos ou silenciados; que precisam fazer parte da pauta de discussões escolares e acadêmicas. Este trabalho é um convite à reflexão, principalmente entre a comunidade escolar; e não uma crítica pontual, como pode parecer em um primeiro momento.

Com o cotidiano escolar completamente modificado, em face do momento pandêmico, a escola precisou se reorganizar diante do desconhecido cenário, cujo vírus era uma real ameaça e, em contrapartida, o processo de ensino e aprendizagem precisava seguir adiante. Levando-se em consideração os detalhes da pesquisa, no que concerne a olhar para o cotidiano, é preciso mencionar Certeau (1996, p.31), afinal, estamos diante de “[...] uma história a caminho de nós mesmos”.

Presenciar e experienciar momentos como os vividos durante a pandemia, proporcionou-nos olhares outros, situações únicas; umas mais, outras menos complexas, que interferiram na vida de todos e nas escolas, conseqüentemente. Foram muitos os desafios, verdadeiros mosaicos, cujas peças deveriam ser encaixadas, mas, como não foram moldadas para isso, muitas ficaram fora do lugar, descontextualizadas, outras peças foram encaixadas forçadamente, ou seja, não deveriam estar colocadas onde as colocaram.

Lioti e Stentzler (2021, p. 76) dizem que nós, historicamente como educadores, “somos convidados a nos posicionar quanto às transformações das condições educacionais da sociedade, de forma especial, diante do cenário de pandemia com atividades interrompidas presencialmente em escolas”. Ainda segundo as autoras, os profissionais da Educação precisaram se reinventar, buscando adaptações, precisando entender “as novas condições que envolvem as atividades pedagógicas em contexto emergencial”.

Entendemos, perfeitamente, que os profissionais do setor educacional tinham poucas escolhas e, conseqüentemente, decisões a serem tomadas rapidamente, diante do caos. A Coordenação Pedagógica recebeu todos os olhares para si, como numa busca incessante, por um pedido de socorro. E agora? O que fazer? Dúvidas assim, e muitas outras mais, provavelmente tomaram conta de mentes e corações no meio escolar.

Como se não bastassem todos os problemas existentes, o fechamento das escolas, por mais que muitos especialistas da área de Saúde entendessem como necessário; estudiosos e pesquisadores da área de Educação percebiam que estávamos diante de um momento muitíssimo delicado, afinal, nem todos teriam oportunidades de fazer uso de equipamentos tecnológicos, para dar sequência aos estudos de forma remota.

A educação [...] é elemento da maior relevância em qualquer tempo e, mais ainda, em tempos de crise sanitária inédita. Portanto, decidir pela inoperância da escola poderia significar não só a fragilização desse espaço institucional, mas também promover amplo crescimento de desigualdades diversas [...]. (ARRUDA, 2020, p.264).

De acordo com matéria publicada no jornal El País, Hernández (2020, s.p.), informa que mais de 1 bilhão de crianças ficaram sem escola no início da pandemia e ¹“A desigualdade de acesso à tecnologia e *wifi* ameaçam o direito à educação em muitos lugares, especialmente na África, Ásia e América” (tradução nossa).

Trazendo para a realidade brasileira, vimos que muitos alunos tiveram seus direitos ao acesso à Educação, cerceados, como mencionados mais à frente neste texto. E, mesmo que tenha havido a intencionalidade em algumas cidades de mitigar o impacto da

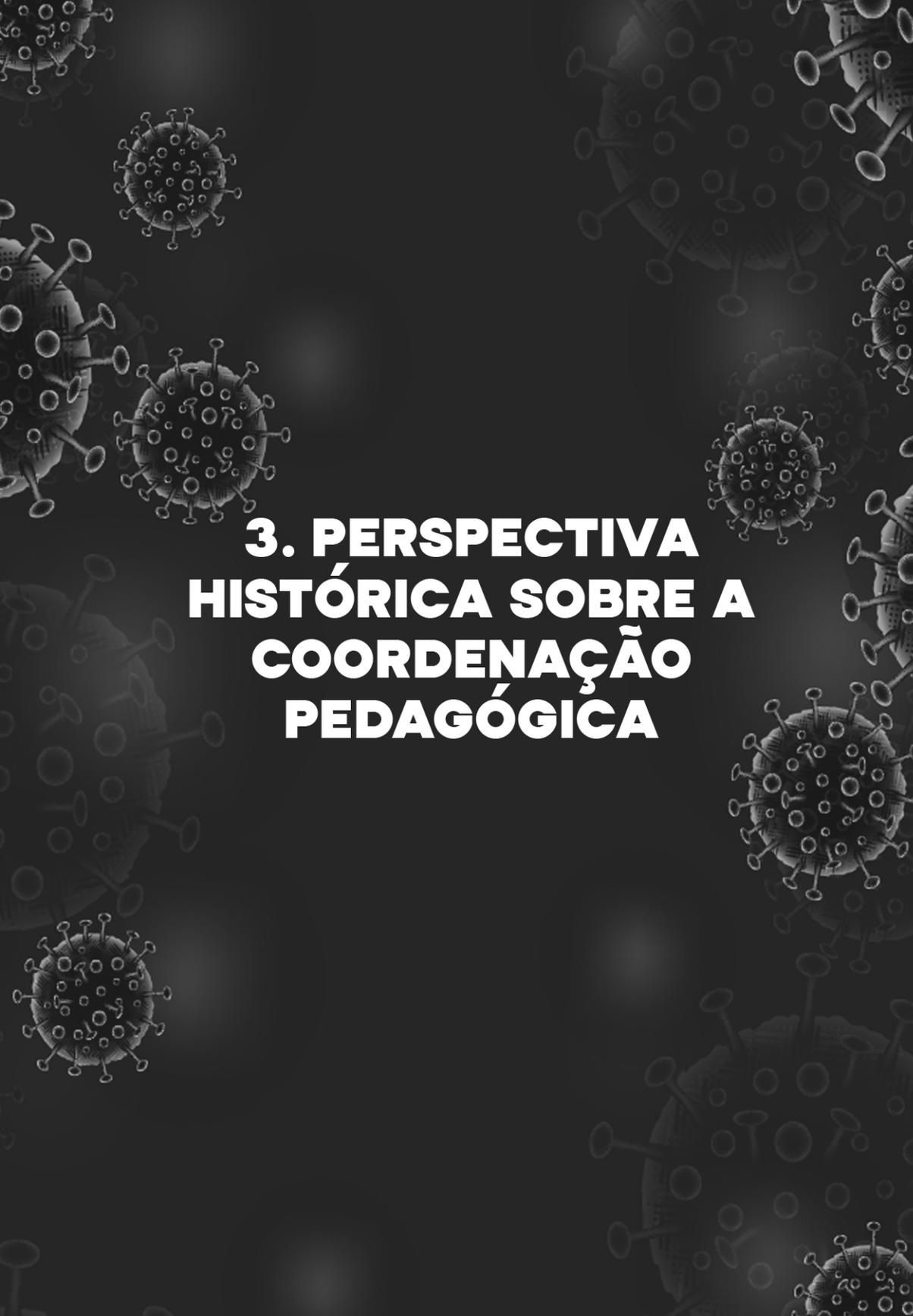
¹ “La desigualdad de acceso a la tecnología y al wifi amenazan su derecho a la educación en muchos lugares, especialmente de África, Asia y América”.

pandemia, reproduzindo material impresso e distribuindo para os alunos, a falta de acesso aos equipamentos tecnológicos foi um dos grandes problemas enfrentados.

A pesquisa realizada por Anjos e Francisco (2021, p.128), revela-nos que as TDIC's (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), foram um importante "suporte de comunicação e manutenção de vínculos entre as famílias e as instituições educacionais". Entretanto, ter acesso a essas tecnologias não foi um privilégio para todos; nem todos puderam dar sequência aos estudos, justamente pela falta desses equipamentos.

E, diante de todas essas e outras questões, a Coordenação Pedagógica e seus respectivos profissionais foram procurados, pelos professores, diretores e demais profissionais; assim como pelos pais e responsáveis, cada um com suas dúvidas, problemas e reflexões, ansiosos por respostas que, talvez, não fossem possíveis num primeiro momento... ou que ainda hoje, não hajam respostas, mas, precisamos perguntar, sempre, além de promover reflexões e debates.

O momento pandêmico nos colocou diante de importante fato histórico e, enquanto pesquisadores, precisamos buscar respostas que nos auxiliem a compreender não só o passado e suas consequências presentes; precisamos olhar para frente, objetivando trilhar um caminho para o futuro, que possa ser melhor compreendido.

The background of the page is a dark grey color with a repeating pattern of stylized, light grey virus particles. Each particle is spherical with numerous small protrusions on its surface, resembling a coronavirus. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and texture.

3. PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Objetivando uma melhor compreensão da exposição deste trabalho, optamos por delinear as mudanças ocorridas com o passar dos anos, buscando inclusive, conhecer um pouco sobre as figuras do supervisor escolar, Prefeito de Estudos e outros, que antecederam à função de coordenador pedagógico.

O papel da Coordenação Pedagógica vem ganhando destaque no decorrer dos anos, afinal, a escola é um organismo vivo que passa por constantes transformações e, com a Coordenação Pedagógica, não poderia ser diferente, as mudanças também aconteceram com o passar dos anos – e seguem acontecendo – evidenciando seu papel e sua relevância na comunidade escolar.

O setor é um importante elo de ligação que abrange todo o processo educativo, além de construir relações, desenvolver metodologias alternativas, alimentar a base metodológica da escola, bem como exercer outras funções, que serão mencionadas no decorrer deste trabalho.

Esta pesquisa não pretende esmiuçar a trajetória histórica da Coordenação Pedagógica, no entanto, para melhor compreensão do trabalho, optamos por realizar uma breve perspectiva histórica, mostrando algumas transformações ocorridas com o tempo.

De acordo com Macedo (2016, p. 37), historicamente, o supervisor escolar tem a responsabilidade de controlar as ações no ambiente escolar, tendo entre as suas funções, o papel de fiscalizar, e em algumas situações acabam envolvidos em meio a processos que burocratizam o ensino. “Desde os primórdios da instalação das escolas no Brasil, à época da companhia jesuíta, os então denominados Prefeitos tinham a incumbência de primar pela execução dos planos de estudos”.

Segundo Horta (2007, p. 40), “na configuração dos primeiros Colégios Jesuítas, vemos pela primeira vez a descrição de um cargo, Prefeito Geral, ou Prefeito de Estudos, ocupado por um profissional a quem os professores deveriam remeter-se”. Aqui, já temos pistas de que a Educação no Brasil se valia da figura de um indivíduo, a fim de controlar o processo educativo, desde o período da colonização.

Saviani (2003a, p. 21) aponta a figura do Prefeito de Estudos como a gênese da ideia de supervisão educacional, já na proposta de ensino dos jesuítas, no início da colonização. Segundo ele, a função supervisora é abstraída das demais outras, funções educativas e “representada na mente como uma tarefa específica para a qual, em consequência, é destinado um agente, também específico, distinto do reitor e dos professores, denominado Prefeito de Estudos”.

Pinto (2011, p. 36) menciona o artigo 5º da Lei de 15 de outubro de 1827, quando politicamente independente, o Brasil através da referida Lei “institui as escolas de primeiras letras em todas as cidades vilas e lugares populosos do Império, determinando que os estudos se realizassem de acordo com o método de Ensino Mútuo”.

E, Saviani (2003a, p. 22) evidencia as funções, ressaltando a importância de observar “que no Ensino Mútuo o professor absorve as funções de docência e também de supervisão. Com efeito, ele instrui os monitores e supervisiona as suas atividades de ensino, assim com a aprendizagem do conjunto dos alunos”.

A função de fiscalizar, uma das prerrogativas atribuídas à Coordenação Pedagógica até nos dias atuais, pode ser observada como uma das atribuições do Prefeito de Estudos, assim como no método do Ensino Mútuo. Havia essa ideia de supervisão e, que pudesse realizar essa função, de forma recorrente e permanente.

O final do período monárquico, como menciona Pinto (2011, p. 36), é marcado pela necessidade de articular os serviços de Educação, primando por uma estruturação e implementação em uma coordenação nacional, em um sistema nacional de ensino. O autor ainda menciona que o período republicano foi “marcado pela reforma da instrução pública paulista, que instituiu o Conselho Superior da Instrução Pública, a Diretoria Geral da Instrução Pública e os Inspetores de Distrito”.

Voltando no tempo na tentativa de melhor entender o passado, identificamos o auge da atuação da inspeção escolar na educação brasileira, controlada pelo ideal português, conforme mencionam Corrêa e Ferri (2016, p. 42), dizendo que foram mais de dois séculos

(XVI e XVII) sob influência doutrinal, tendo o modelo europeu como base. “A educação jesuítica, marcada na história do país a partir de 1500, garantia a hegemonia da igreja, tanto na catequização dos índios, quanto na formação cultural da elite, branca e masculina”.

Corrêa e Ferri (2016, p. 43), ainda observam que não foi apenas no período jesuítico que a educação brasileira teve suas atividades conduzidas sob rígido controle. “A história que sucede a transição em relação ao controle político de Portugal, marcado pela reforma pombalina, aponta indícios de que, embora de maneira diferenciada, havia no período monárquico, outras formas de acompanhamento da educação”.

As autoras ainda mencionam as responsabilidades dos professores, que além do exercício da docência, deveriam também se ocupar da ação supervisora, acumulando, portanto, essas tarefas. Essas responsabilidades estavam pautadas na Lei de 1827, que criava as escolas de primeiras letras; e, nessas instituições, o ensino se baseava tendo como referência o Método de Ensino Mútuo.

Outra questão que vem à baila neste período, com fortes influências da educação jesuítica é a formação religiosa, conforme menciona Negrão (2000, p. 02), como pilar do sistema educativo jesuítico. “Cuidava-se para que a fidelidade doutrinária fosse mantida, irrestritamente, evitando-se quaisquer textos, autores, questões polêmicas ou debates em discordância com a doutrina da Igreja”.

Percorrendo a história da Educação no Brasil, observa-se que desde o período da colonização havia o anseio em controlar o sistema educativo em toda a sua essência, regulando as atividades desempenhadas nas escolas, além de limitar os responsáveis por essas atividades. E esse desejo poderia ser motivado por questões políticas, culturais ou até mesmo conforme o contexto histórico vigente, tendo como base dois pontos centrais: a vigilância e a punição.

Já em 1920, com a criação da Associação Brasileira de Educação é possível observar o surgimento de alguns profissionais do setor educativo, com o surgimento dos técnicos em escolarização, além da criação do Departamento Nacional do Ensino e o Conselho Nacional de

Ensino, “que começam a reservar em órgãos específicos o tratamento técnico dos assuntos educacionais”, Pinto (2011, p. 36).

Saviani (2003a, p. 26) destaca a reforma pernambucana de 1928, que foi redigida por Carneiro Leão, rompendo em seu dizer “com os velhos moldes de confundir na mesma direção, a parte técnica e a parte administrativa”. Ainda de acordo com o autor, separar as questões administrativas das técnicas foi condição essencial para “o surgimento da figura do supervisor como distinta do diretor e também do inspetor. Com efeito, na divisão do trabalho nas escolas [...] cabe ao diretor a parte administrativa, ficando o supervisor com a parte técnica”.

Dividir funções administrativas, deixando-as a cargo dos diretores; bem como que os coordenadores pedagógicos, ocupem-se das funções pedagógicas, persistem até os dias de hoje, nas escolas brasileiras, pontuando os respectivos trabalhos, proporcionando o devido direcionamento a cada profissional, para que os mesmos desempenhem suas respectivas funções.

Em 1932, com a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, foi possível identificar este importante período histórico referente à profissionalização técnica dos especialistas em Educação. Saviani (2003a, p. 27) reforça que o manifesto postula “[...] os trabalhos científicos no ramo da educação já nos faziam sentir, em toda a sua força reconstrutora, o axioma de que se pode ser tão científico no estudo e na resolução dos problemas educativos, como nos da engenharia e das finanças”.

Outro momento significativo que precisa ser pontuado, refere-se à preparação de supervisores sob influência norte-americana, através de cursos realizados via Programa Americano-Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar (PABAE), conforme relata Pinto (2011, p. 37), “que foi responsável pela formação de supervisores para atuarem no ensino elementar brasileiro, com vistas à modernização do ensino e ao preparo do professor leigo”.

Há outros capítulos mais, que discorrem sobre a história educacional no Brasil e profissionais com ação supervisora nas escolas.

E, é justamente no período denominado Estado Novo, que é possível perceber alguns registros referentes ao inspetor escolar. Ferreira e Fortunato (2010, p. 05), revelam que entre os anos de 1937 e 1945 houve intervenções por parte do governo, junto à educação escolar, através da “inspeção escolar da época, com a finalidade de eliminar qualquer foco de resistência à ideologia getulista”.

Diante desse contexto histórico, percebe-se a presença do inspetor escolar, sendo utilizado com o intuito de impor práticas e normas, que garantam uma educação nos moldes ideológicos da política getulista. Outras funções também eram atribuídas ao inspetor, dentre elas, visitas às instituições escolares, intencionando acompanhar o funcionamento das unidades; informar a instâncias superiores, sobre professores e suas respectivas aulas; fiscalizar questões relacionadas à administração; emitir relatórios *etc.*

Como podemos observar, a figura do inspetor também é presente durante a trajetória histórica da Educação, apresentando-se sob uma perspectiva fiscalizadora e com o caráter conservador. Esse profissional pode ser identificado como o personagem a quem foi atribuída a função de organizar o ambiente escolar, além do sistema educacional de forma mais ampla.

Barcelos (2014, p. 91), afirma que os inspetores “incorporaram padrões de desempenho de eficiência para avaliar o trabalho do diretor, do professor, dos funcionários administrativos e dos alunos, o que revela uma racionalidade técnica”. Além dessa racionalidade, a autora explica que o profissional buscava um ostensivo controle, indicando por vezes, como deveria ser a consolidação do sistema de ensino.

O profissional inspetor escolar era treinado para realizar tal função, com seus direitos, deveres e obrigações, bem como, sendo responsabilizado pelo não cumprimento de suas tarefas. Uma função lapidada na rigidez e por que não dizer, autoritarismo também; resultados de ações controladoras, que tinham como meta, avaliar a unidade escolar, regulamentando todas as suas práticas, seja o

trabalho do professor ou o nível de aprendizado dos alunos; as questões administrativas, éticas e morais.

Realizar esta breve análise sobre estudos que perpassam sobre a história de profissionais da Educação, no decorrer dos anos, foi uma experiência ímpar, sendo possível perceber em momentos distintos e em ocasiões outras, figuras centrais (como o inspetor escolar, Prefeitos de Estudos e supervisor escolar) que no desempenho de suas funções, “caminharam” na direção dos dias atuais ao encontro do coordenador pedagógico e suas atribuições.

Waltrick (2008, p. 29) afirma que a função do coordenador pedagógico está em “vias de construção, marcada pelas ambiguidades que cercam a delimitação dos campos de atribuição entre essa função e aquelas vinculadas à área de supervisão escolar”. A autora ainda cita Blandino (1996, p.10), que aponta para a “necessidade de se construir a identidade desse profissional, até então não definida”. Para Pinto (2011, p. 149), a concepção deste profissional se formula a partir de uma prática que “supera a fragmentação no exercício de suas funções”.

Alves (2007, 258) entende que a Coordenação Pedagógica se inicia em um contexto histórico, e sendo assim, articula-se “como uma função de gestão educacional”, observando as particularidades do momento. Conforme a autora, ressignificar o papel do coordenador pedagógico, tendo como ponto de partida a supervisão escolar, proporciona o aparecimento de uma função nova, priorizando os papéis de articulação, coletivo e participação.

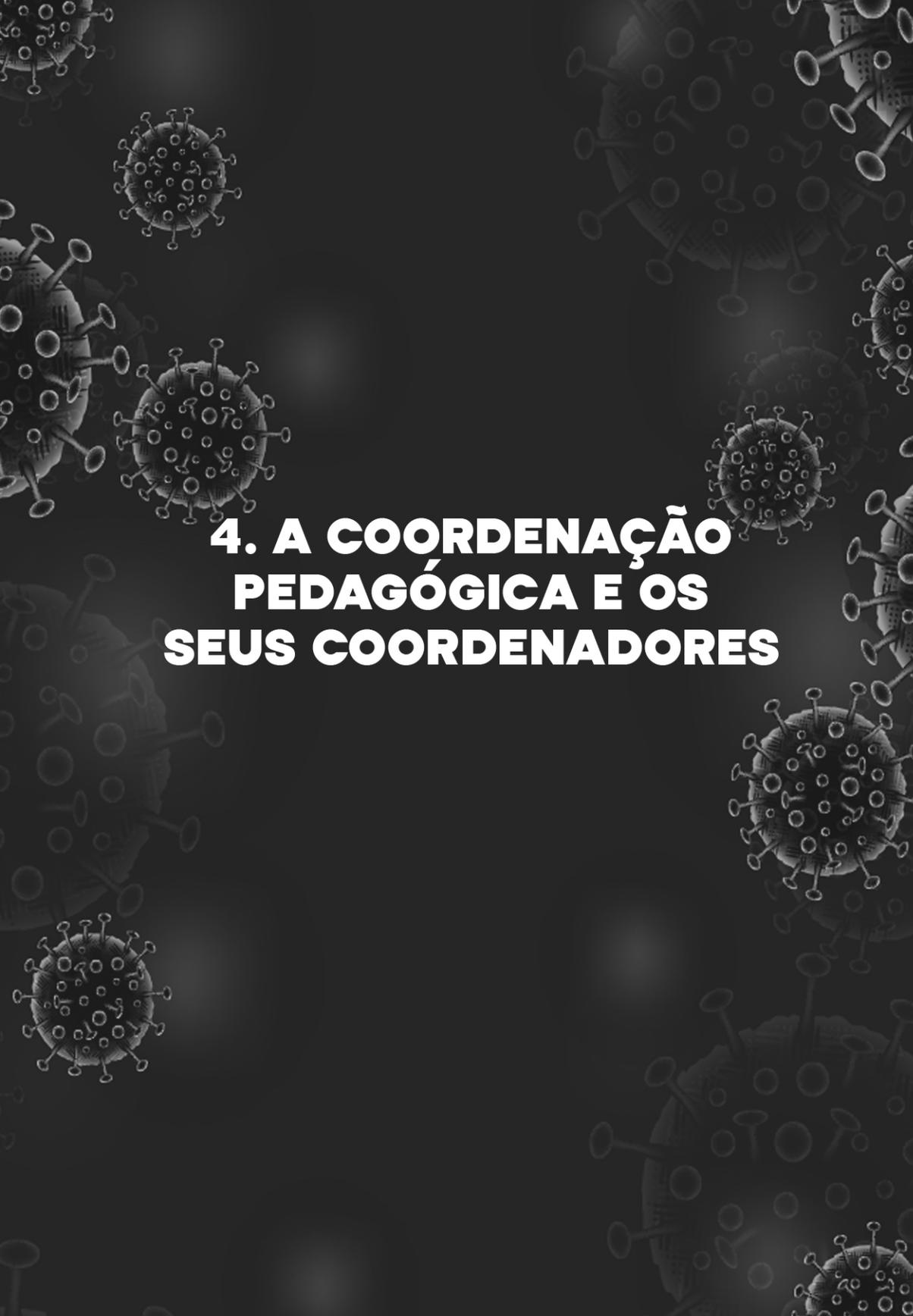
Já Franco e Nogueira (2016, p. 49), mencionam que durante as últimas cinco décadas “a história da coordenação pedagógica se apresentou de forma fragmentada, não linear, episódica, o que nos leva a considerar que não se construiu, no Brasil, uma cultura da prática de coordenar”. As autoras ainda mencionam que desde o início da coordenação pedagógica, é possível observar “suas raízes” atreladas a questões técnicas e administrativas, “consideradas como integrantes do caráter pedagógico”.

Domingues e Belletati (2016, p. 62) também realizaram importante contribuição, ao mencionar que o profissional coordenador

pedagógico, de acordo com o sistema de ensino ao qual a escola esteja vinculada no âmbito nacional brasileiro, pode ser denominado como “professor (a) coordenador (a); orientador (a) pedagógico (a); supervisor (a) pedagógico (a)”.

Percebemos ao longo destas páginas iniciais que a Coordenação Pedagógica não apresenta uma linearidade histórica em sua constituição. Ou seja, o setor vem se constituindo a partir dos obstáculos e desafios que surgiram no cotidiano, ao longo da história educacional brasileira. As questões que surgiram com o passar dos anos em torno do setor foram enfrentadas com ações emergenciais, ou até mesmo planejadas, em determinados momentos, ajudando a moldar o setor e, conseqüentemente, a figura do coordenador pedagógico.

Nos dias atuais, a Coordenação Pedagógica ocupa lugar de destaque, onde os olhos da comunidade escolar estão diariamente focados no setor, que precisa de um profissional capacitado a articular seu trabalho, com o coletivo à volta; focando na atuação dos professores, bem como no processo de ensino e aprendizagem, acompanhando os anseios e necessidades dos corpos docente e discente. O setor desempenha trabalhos múltiplos, que visam muitos e diversos interesses da comunidade escolar.

The background of the page is a dark gray color with a repeating pattern of stylized virus particles. Each virus particle is depicted as a spherical body covered in numerous small, circular protrusions, resembling the surface of a coronavirus. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and texture.

4. A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E OS SEUS COORDENADORES

Ao falar em Coordenação Pedagógica; pensar, discutir, refletir sobre este importante setor no universo escolar, faz-se necessário, também, abordar a figura do coordenador pedagógico, afinal, ambos estão entrelaçados numa espécie de simbiose que, por vezes, leva-nos a confundir o setor, com o profissional em questão.

As relações que ocorrem na escola, segundo Fernandes (1997, p. 111), sejam de alunos e professores, ou de relações ligadas à administração, ao ensino, ao técnico, sistema educacional, pressões familiares, dentre outras questões; ganham concretude, quando “o micro e o macro se integram, interagem, dando cor e forma, a valores, ideias, interesses e necessidades de diferentes grupos”.

E é justamente nesta integração, interação de múltiplos atores que vivem e convivem na comunidade escolar, que nos deparamos com o setor de Coordenação Pedagógica, que com a sua equipe de coordenadores, ou apenas um (conforme o tamanho da escola), entra em ação, a fim de lidar com as questões referentes à sua alçada.

A Coordenação Pedagógica, como propõe Domingues (2009, p. 26), não pode mais ser vista como burocrática e técnica, “mas uma prática intelectual que se modifica em função do tempo histórico, das práticas sociais e políticas e das experiências vivenciadas pelos educadores no contexto educativo”.

De acordo com Libâneo (2004), estas são as atribuições da Coordenação Pedagógica:

- Responder por todas as atividades pedagógico-didáticas e curriculares da escola e pelo acompanhamento das atividades de sala de aula, visando a níveis satisfatórios de qualidade cognitiva e operativa do processo de ensino e aprendizagem;
- Propor para discussão, junto com o corpo docente, o projeto pedagógico-curricular da unidade escolar;
- Coordenar reuniões pedagógicas e entrevistas com professores visando a promover inter-relação horizontal e vertical entre as disciplinas, estimular a realização de projetos conjuntos entre os professores,

diagnosticar problemas de ensino e aprendizagem e adotar medidas pedagógicas preventivas, adequar conteúdos, metodologias e práticas avaliativas;

- Acompanhar o processo de avaliação da aprendizagem (procedimentos, resultados, formas de superação de problemas *etc*);

- Cuidar da avaliação processual do corpo docente;

- Acompanhar e avaliar o desenvolvimento do plano pedagógico-curricular e dos planos de ensino e outras formas de avaliação institucional;

- Coordenar e gerir a elaboração de diagnósticos, estudos e discussões para a elaboração do projeto pedagógico-curricular e de outros planos e projetos da escola;

- Assegurar a unidade de ação pedagógica da escola, propondo orientações e ações de desenvolvimento do currículo e do ensino e gerindo as atividades curriculares e de ensino, tendo em vista a aprendizagem dos alunos;

- Prestar assistência pedagógico-didática direta aos professores, através de observação de aulas, entrevistas, reuniões de trabalho e outros meios, especialmente em relação à:

- elaboração e desenvolvimento de planos de ensino;

- desenvolvimento de competências em metodologia e procedimentos de ensino específicos da matéria, incluindo a escolha e utilização do livro didático e outros materiais didáticos;

- práticas de gestão e manejo de situações específicas de sala de aula, para ajudar na análise e solução de conflitos e problemas de disciplina, na motivação dos alunos e nas formas de comunicação docente;

- apoios na adoção de estratégias de diferenciação pedagógica, de soluções a dificuldades de aprendizagem dos alunos, de reforço na didática específica das disciplinas, e de outras medidas destinadas a melhorar as aprendizagens dos alunos, de modo a prevenir a exclusão e a promover a inclusão;

- realização de projetos conjuntos entre os professores;
 - desenvolvimento de competência crítico-reflexiva;
 - práticas de avaliação da aprendizagem, incluindo a elaboração instrumentos.
- Cuidar dos aspectos organizacionais do ensino: supervisão das atividades pedagógicas e curriculares de rotina, coordenação de reuniões pedagógicas, elaboração do horário escolar, organização de turmas de alunos e designação de professores, planejamento e coordenação do conselho de classe, organização e conservação de material didático e equipamento, e outras ações relacionadas ao ensino e à aprendizagem;
- Assegurar, no âmbito da coordenação pedagógica, em conjunto com os professores, mediante:
- exercício de liderança democrático-participativa;
 - criação e desenvolvimento de clima de trabalho cooperativo e solidário entre os membros da equipe;
 - identificação de soluções técnicas e organizacionais para gestão das relações interpessoais, inclusive para mediação de conflitos que envolvam professores, alunos e outros agentes da escola;
- Propor e coordenar atividades de formação continuada e de desenvolvimento profissional dos professores, visando ao aprimoramento profissional em conteúdos e metodologias e oportunidades de troca de experiências e cooperação entre os docentes. (LIBÂNEO, 2004, p. 219-223).

Como é possível verificar são muitas as atribuições da Coordenação Pedagógica e muitos os desafios no cotidiano escolar, com demandas surgindo a todo instante, além dos inúmeros compromissos e atividades, que precisam ser planejados, objetivando uma posterior aplicabilidade, bem como um contínuo acompanhamento de suas tarefas e ações.

E, para trabalhar no setor de Coordenação Pedagógica de uma escola, é preciso que o profissional entenda a complexidade da tarefa educativa. Franco (2008, p. 119) menciona os conflitos de valores, bem

como as perspectivas que permeiam o setor, “carregando um forte componente axiológico e ético, o que demanda um trabalho integrado, integrador, com clareza de objetivos e propósitos e com um espaço construído de autonomia profissional”.

O coordenador pedagógico é uma espécie de elo de ligação dentro da comunidade escolar, intermediando questões junto ao corpo docente, bem como lidando com situações conflituosas, seja com a direção, professores, alunos ou responsáveis por estes. Franco (2008, p. 128) compara o profissional a uma importante peça no quebra-cabeça escolar, no entanto, adverte que o quebra-cabeça precisa estar “sempre em processo de constituição”, pois se não for assim, as peças acabam ficando dispersas, cada qual em um canto, ou até mesmo perdidas, dificultando a organização do caos aparente.

Já Domingues (2009, p. 75), discorre sobre a essência das atividades do coordenador no século XXI, atuando como gestor de processos de formação, tendo “especial importância da possibilidade de conduzir uma reflexão, que produza consciência de identidades possíveis, frente às descontinuidades da contemporaneidade, determinações das políticas públicas e necessidades educativas da comunidade”.

Pinto (2011, p. 77), menciona algumas funções do coordenador pedagógico, oferecendo suporte aos professores, além de dominar os procedimentos referentes ao processo de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula. Mas, adverte sobre a necessidade de “ter domínio dos demais procedimentos que envolvem a totalidade das atividades educativas que ocorrem em toda a escola e que estão direta ou indiretamente, relacionadas com as práticas educativas da sala de aula”.

É importante destacar que o coordenador precisa conhecer muito bem suas atribuições, assim como precisa conhecer a comunidade escolar que o rodeia, dessa forma, a troca de experiências junto aos demais atores, o ajudará significativamente na construção de um melhor ambiente de trabalho. Preocupar-se com as relações

interpessoais é uma boa iniciativa, um indicativo de que o profissional está atento às necessidades diversas.

Outro relevante fator que merece ser destacado, trata-se da liderança e a forma como o profissional conduz as questões pedagógicas durante a rotina escolar. Liderança e competência precisam caminhar lado a lado, a fim de conquistar as melhores alternativas para a comunidade escolar.

Ainda vale destacar a importância de o coordenador pedagógico, ter à disposição instrumentos metodológicos, que possam auxiliá-los na verificação de avanços e/ou retrocessos de cada turma; sejam relatos, registro de notas ou mesmo anotações em dispositivos eletrônicos; são ferramentas que podem ser analisadas a qualquer tempo, contribuindo significativamente com os trabalhos e possíveis mensuração de resultados.

Uma de suas atribuições é justamente avaliar a metodologia utilizada pelos professores no dia a dia em sala de aula, contribuindo na condução e melhoria do processo metodológico, bem como na troca de informações e experiências junto ao corpo docente.

Estar ‘conectado’, para utilizarmos uma palavra muito usada nos tempos atuais, é também uma condição de suma importância na vida do coordenador. Conhecer projetos que se destacam em outras escolas, além de obter conhecimento sobre novas tecnologias na área educacional são essenciais no desenvolvimento profissional, proporcionando à escola e aos demais, oportunidades de ampliar os olhares sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Ao analisarmos as páginas iniciais deste trabalho é possível observar que a organização escolar vem se tornando um espaço cada vez mais democrático, demandando por parte do coordenador pedagógico, uma formação humana e teórica que possa contribuir com os demais membros da escola, objetivando um crescimento educacional mútuo, com a colaboração dos demais profissionais, alunos, além da comunidade no entorno escolar.

Placco e Almeida (2010, p. 59) ressaltam que o coordenador no exercício de sua função precisa estar atento não só ao planejamento,

formação do educador e desenvolvimento profissional, mas, precisa ser sensível às relações interpessoais e sociais, além de lidar com as complexidades em torno do ser humano no universo escolar, “com a formação de um ser humano que pode ser sujeito da transformação de si e da realidade, realizando, ele mesmo, essa formação, como resultado de sua intencionalidade”.

A proposta de trabalho apresentada pelo coordenador em uma unidade escolar, precisa estar alicerçada na ética e no comprometimento com os demais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. É preciso ter em mente que o ambiente e as experiências estão em constantes transformações, ou seja, avanços poderão ocorrer, mas, retrocessos também. Portanto, é preciso saber lidar com fracassos e derrotas; além disso, o olhar de observador precisa se pautar no equilíbrio, pois, somos todos humanos e todos estão sujeitos a erros e acertos.

Os processos de formação continuada são questões essenciais, que também merecem destaques quando pesquisamos a figura do coordenador pedagógico. Placco, Almeida e Souza (2015, p. 11), advertem-nos que a formação precisa ser “centrada na escola, isto é, centrada no contexto organizacional onde estão os professores”. Os professores podem ser formados em diferentes modalidades, até mesmo fora dos limites escolares, mas, precisam estar com os olhos direcionados para o centro das questões educacionais, que permeiam a própria escola.

O coordenador pedagógico exerce a importante função de zelar pela evolução profissional dos demais professores, estes, em diversos casos e situações carecem de direcionamento a fim de conciliar a prática diária em sala de aula, com oportunidades outras que possam contribuir com a qualificação profissional; que posteriormente será compartilhada com seus pares e, principalmente, com o corpo discente, proporcionando avanços no processo educacional.

E para buscar melhores soluções, precisa-se pensar e buscar, constantemente, processos de formação continuada, visando uma melhor capacitação para os professores da escola. O coordenador

pedagógico exerce relevante papel na condução da equipe em busca de saberes outros, que possam auxiliar no processo educativo, deixando-o mais eficiente, proporcionando melhorias na forma de se ensinar e aprender.

A formação continuada precisa levar esses profissionais a refletirem e a repensar as metodologias e práticas pedagógicas implementadas na escola. O professor precisa aperfeiçoar seus conhecimentos, desenvolver novas habilidades, ter contato com outras metodologias, implementar – quando possível – conhecimentos outros com o auxílio de tecnologias, que possam deixar as aulas mais dinâmicas, enfim, redescobrir-se enquanto profissional que tem a missão de ensinar.

E todo esse processo de proporcionar a continuidade da formação docente tem, na figura do coordenador, o grande aliado para o sucesso da formação. Antes de qualquer coisa, o coordenador pedagógico precisa estar atento às necessidades da equipe que o cerca. Precisa ter um olhar apurado e estar sensível àquilo que se passa na escola e, além disso, algumas ações podem ser implementadas, como por exemplo, pesquisas de autoavaliação, realização de palestras e seminários, bem como o estímulo individual junto aos professores, sempre visando a capacitação alinhada aos anseios da escola.

Os processos de formação continuada, com propõem Tozetto e Kailer (2019, p. 367), precisam “estimular uma perspectiva crítica, reflexiva e problematizadora, que forneça aos docentes a possibilidade de um pensamento autônomo, criativo, colaborativo e formativo”. As autoras ainda mencionam o estudo e a pesquisa, como referências; contribuindo com o coordenador pedagógico de forma que ele obtenha uma emancipação profissional. “A formação deve requerer a consolidação de uma ação do coordenador pedagógico, comprometida com os saberes necessários para uma atuação consciente por parte do docente em sala de aula”.

As autoras ainda prosseguem, mencionando que os saberes do coordenador pedagógico não estão limitados aos das ciências e nem aos do domínio da matéria, pois, o seu saber é multifacetado.

Há, ainda, os saberes profissionais, éticos, políticos, relacionais, entre outros, que se manifestam no cotidiano do trabalho do coordenador pedagógico. A dicotomia teoria e prática da formação do coordenador pedagógico interfere no modo como os saberes vão se relacionar durante sua atuação, os quais acabam se sobrepondo de acordo com o processo de profissionalização. Assim, os saberes do coordenador pedagógico não são apreendidos no vazio, o coordenador mobiliza saberes de acordo com sua trajetória pessoal e profissional. (TOZETTO E KAILER, 2019, p. 371).

Essa mescla de saberes adquiridos ao longo de sua trajetória pessoal/profissional, poderá facilitar a vida do coordenador, levando-o a perceber a realidade à sua volta, bem como as entrelinhas de cada momento e situação experienciados no cotidiano escolar, proporcionando-lhe melhores condições durante as tomadas de decisões.

O saber não é uma condição restrita a um único indivíduo específico, ou a um grupo de indivíduos; saberes estão atrelados a histórias de vida e, estes, fazem parte do cotidiano da humanidade. Sendo assim, o universo escolar é o espaço ideal para exercer essa troca de informação e conhecimento, mesclando saberes e experiências de vida entre coordenadores e professores, estes e seus pares, professores e alunos, enfim, todos complementando o processo de ensino e aprendizagem de forma plural e democrática.

O saber curricular é também um aspecto importante e, o coordenador pedagógico, precisa estar atento a isso, afinal, ele é o profissional capaz de orientar no desenvolvimento e na organização curricular; portanto, ter pleno conhecimento dessa questão irá possibilitar no auxílio aos professores, a elaborar os planos de ensino e as respectivas práticas pedagógicas, entre outras questões.

O coordenador pedagógico também precisa ser um mobilizador, ser capaz de planejar uma formação continuada de maneira

colaborativa e coletiva, como propõem Tozetto e Kailer (2019, p. 376), pois, assim sendo, há uma valorização do conhecimento dos demais professores e, conseqüentemente, uma colaboração mais efetiva na construção do coletivo dentro da escola. O coordenador pedagógico precisa assumir a mediação no processo de formação continuada, fazendo-se valer da teoria e da prática, com “[...] uma postura baseada na cooperação, na alteridade e no diálogo, a qual permite que o professor assuma o processo de construção da sua profissão, como protagonista”.

Traçar o perfil do coordenador pedagógico não é uma tarefa tão simples, afinal, já deu para perceber que tal função exige um profissional multitarefa, realizando ações e trabalhos de acordo com as demandas que surgem no cotidiano escolar.

Pluralidade, ajuda a formar o espaço escolar, com suas dúvidas, tensões, confrontos e contradições. E é justamente neste espaço que o aluno se percebe enquanto ser, pertencente a um grupo diverso de pessoas com necessidades e anseios individuais, que precisam em um determinado ponto, convergir para uma vontade coletiva. Posto isso, o coordenador pedagógico pode e deve contribuir para essa construção coletiva.

Inclusive, os programas de formação continuada podem ser idealizados coletivamente, reunindo os professores, diretores e coordenadores; bem como ouvindo os demais integrantes da comunidade escolar, a fim de perceber possíveis contribuições que poderão – de uma forma ou outra – auxiliar no direcionamento do conteúdo formativo, a ser implementado.

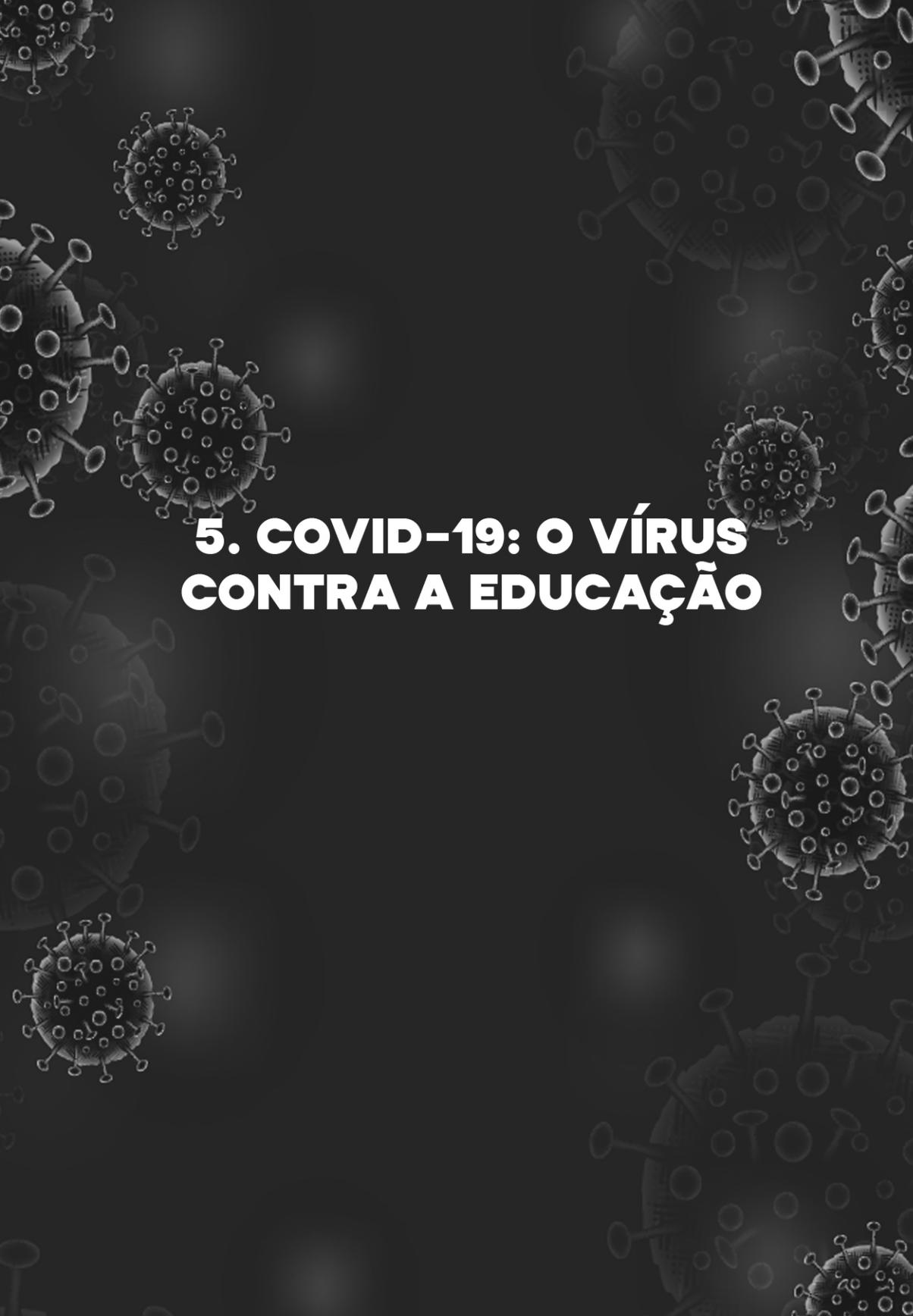
Pimenta (2002, p. 72-73) destaca o envolvimento pessoal como determinante junto ao coletivo, incluindo a própria formação continuada; e nesse processo compartilhado pode haver adesões e até mesmo, resistências. “Trabalho coletivo significa tomar a problemática da escola coletivamente com base na individualidade de cada um, da colaboração específica de cada um, em direção a objetivos comuns”.

É preciso ainda, pontuar as dificuldades que podem ocorrer na tentativa de se buscar uma articulação coletiva junto aos atores

escolares. Bruno (2005, p. 14) evidencia que o coordenador pedagógico, precisa saber extrair as expectativas e desejos pessoais dos demais, a fim de conhecê-los e modificá-los em prol da coletividade. “Uma das dificuldades do trabalho coletivo está no confronto de expectativas e desejos dos sujeitos envolvidos. Dificuldade que precisa de condições especiais para ser superada”. A confrontação desses anseios vai exigir a compreensão de que algo que era desejo de um, poderá ser transformado em benefícios para todos.

‘Liderança’, ainda que se esteja sob pressão a todo momento; ‘soluções’ para conflitos, problemas pedagógicos, metodológicos e afins, precisam ser apresentadas; ‘qualidade’ no processo de ensino e aprendizagem da escola; ‘formação contínua’ que possa contribuir significativamente com o corpo docente; ‘foco’ constante no aprendizado dos alunos; são algumas das atribuições que o coordenador precisa ter em mente, no exercício de sua função.

Realmente, não há como negar! A tarefa não é fácil e o setor de Coordenação Pedagógica nunca esteve tão em voga, como nos últimos anos, em decorrência da pandemia de COVID-19; quando a comunidade escolar voltou suas atenções para esse importante setor, algo que pretendemos continuar abordando no decorrer das próximas páginas.

The background of the page is a dark gray color, overlaid with a repeating pattern of stylized, light gray COVID-19 virus particles. Each particle is spherical with numerous small, rounded protrusions (spikes) extending from its surface. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more prominent than others, creating a sense of depth and texture.

5. COVID-19: O VÍRUS CONTRA A EDUCAÇÃO

Quando a Organização Mundial da Saúde – OMS – começou a investigar sobre os inúmeros casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China, no final de 2019 (OPAS, 2022), muitas pessoas poderiam pensar que aquele problema de saúde, específico; pudesse ficar restrito àquele espaço geográfico, apenas. Infelizmente, pouco tempo depois, o Mundo tomou conhecimento de uma nova cepa (tipo) de coronavírus, denominado, COVID-19. E, na ocasião, a OMS elaborou três recomendações básicas a fim de tentar conter a COVID-19, sendo elas, isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social.

Duarte (2020) explica que os coronavírus são da ordem *Nidovirales* família *Coronaviridae*.

A subfamília *Coronavirinae* é composta pelos gêneros *Alphacoronavirus* e *Betacoronavirus*, cujos membros infectam mamíferos e *Gammacoronavirus* e *Deltacoronavirus*, os quais infectam tanto aves quanto mamíferos. O SARS-CoV-2 é um β -coronavírus (subgênero *Sarbecovirus*, subfamília *Orthocoronavirinae*), possuindo como material genético RNA de sentido positivo não segmentado. [...] O surto de uma doença ocasionada por um novo coronavírus e caracterizada por desenvolver pneumonia, foi relatada em Wuhan, província de Hubei, China. [...] O Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus (ICTV) adotou síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) como nome para o novo vírus causador da COVID-19. (DUARTE, 2020, p. 3586).

O autor ainda mencionou que estudos preliminares realizados no início do surto de COVID-19 apontavam que a origem, teria começado no mercado de frutos do mar de Huanan. “A origem do vírus provavelmente se deu por seleção natural. Vários estudos apontam que

o morcego é o reservatório natural de diversos coronavírus, dentre os quais poderiam incluir-se o SARS-CoV-2” (Duarte, 2020, p. 3588).

Este trabalho não tem a pretensão de pormenorizar a origem ou possíveis hipóteses de surgimento do vírus em questão, apenas, pretendemos pontuar o início dos fatos numa sequência cronológica, seguindo a narrativa informacional disponibilizada para a população, principalmente através dos veículos de comunicação; possibilitando uma melhor compreensão dos acontecimentos, que irão interferir diretamente no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, em sala de aula.

Para Gorbalenya *et al.* (2020, p. 2), “os sintomas mais comuns são febre, tosse e dificuldade em respirar. Os casos mais graves podem evoluir para pneumonia grave com insuficiência respiratória grave, falência de vários órgãos e morte”. Além disso, os autores mencionam que em caso de a pessoa sentir falta de ar ou apresentar dificuldades para respirar, é necessário procurar cuidados médicos imediatamente. Pressão no peito, dor contínua, confusão mental, tom azulado na pele e nos lábios, também são sinais preocupantes.

E em casos em que a pessoa estivesse infectada ou com a suspeita de ter contraído o vírus, havia a recomendação de medidas adicionais, para evitar a proliferação do vírus, dentre elas, utilizar máscaras, não utilizar transporte público, ficar em cômodos separados dos demais membros da família, entre outras medidas. Momentos difíceis, dias e horas incontáveis sem saber o que iria acontecer. O medo da morte, provavelmente, assustaria qualquer um nessas condições.

Hongzhou (2020, p. 69) mencionou à época, que existiam testes e vacinas em desenvolvimento, e que havia uma previsão de estarem disponíveis em 2021. “Até estar disponível uma vacina, as autoridades de saúde tentam diminuir o ritmo de contágio para diminuir o pico da curva epidemiológica”. Esse processo, ainda segundo o autor, foi denominado de achatamento da curva. O objetivo era diminuir o ritmo de novas infecções, sendo assim, haveria a diminuição de uma sobrecarga de trabalho nas unidades de saúde, até que fosse descoberta uma vacina ou tratamento.

E, dessa forma, enquanto uma solução não era apresentada; a morte nunca esteve tão presente, rodeando as pessoas, deixando-as, muitas delas, ansiosas, desanimadas, angustiadas e depressivas. Deixando muitas pessoas de luto! E o famoso bordão, “vai passar”, propagado nos veículos de comunicação, até mesmo na tentativa de criar uma esperança; não passava! Todavia os meses foram avançando, as pessoas tiveram que se reinventar, no enfrentamento à pandemia. E, na escola, não foi diferente.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), “[...] 156 nações determinaram o fechamento de escolas e cerca de 1,4 bilhão de alunos estão sem aulas” (UNESCO, 2020a, s. p.). Na data de 26 de maio de 2020, a organização divulgou pesquisa revelando que “[...] 90% dos alunos de todos os sistemas de ensino do planeta, em abril, estavam impossibilitados de frequentar suas aulas”. O número foi reduzido para 70%, posteriormente, devido ao retorno gradual das aulas presenciais na China; e em outros países, após a primeira fase do isolamento social.

A Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, publicada no Diário Oficial da União em 18/03/2020, Edição: 53, Seção: 1, Página: 39; dispõe “sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”.

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso da atribuição que lhe confere o art. 87, parágrafo único, incisos I e II, da Constituição, e considerando o art. 9º, incisos II e VII, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, resolve: Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor [...]. (BRASÍLIA: DOU Diário Oficial da União, 2020, p. 1).

E a partir dessa Portaria, o ‘caos’ se instalou na comunidade escolar, pois, os desafios a serem colocados em prática, a partir de então, jamais haviam sido, sequer, esboçados. Não havia um planejamento de crise!

Nascimento, Mansur e Gomes (2020, p. 96) abordaram as mudanças do setor educacional, em função do coronavírus; assim como os outros segmentos da sociedade. “[...] o fechamento das escolas, aderido aos poucos em todo o Brasil como forma de mitigar as possibilidades dos lecionandos de serem os vetores do vírus em suas famílias e comunidade, representou uma medida drástica imposta pela pandemia”.

Tal medida acarretou, na sociedade e, especialmente, na comunidade acadêmica, incertezas, inquietações e angustias, uma vez que, dentre tantas interrogações, era sabido que a dinâmica e os processos educacionais seriam, inevitavelmente, reestruturados, considerando que não seria possível projetar o fim do isolamento social. (NASCIMENTO; MANSUR; GOMES, 2020, p. 96).

Escolas fechadas; alunos em casa; pais e/ou responsáveis sem saber o que fazer para que os filhos pudessem continuar estudando, e motivados; as TDIC’s (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) surgindo como novidade para muitos; experiências, muitas e diversas, espalhadas Brasil à fora, na tentativa de se achar soluções práticas e viáveis; além do medo de contrair o vírus, marcaram a vida da comunidade escolar desde o início da pandemia, gerando reflexos até os dias de hoje.

O estudar, o aprender e o ensinar – em casa, ou melhor, em casas – desnudou múltiplas realidades, adentrou na intimidade de lares, expôs a dificuldade financeira de muitos; inclusive, vale lembrar que muitas pessoas perderam seus empregos; além disso, as diferenças entre as classes sociais ficaram ainda mais evidenciadas, com a utilização das TDIC’s, afinal, milhões de alunos [Nascimento *et al.* (2020)] não tinham

acesso à Internet e, conseqüentemente, tiveram seus direitos negados, ao processo educacional de forma remota, medida adotada de forma emergencial.

Nascimento *et al.* (2020, p. 9) buscaram responder quantos estudantes, no Brasil, não tinham acesso à internet de qualidade, a fim de realizar as atividades remotas durante a pandemia de COVID-19. Na formulação da nota técnica, os autores apresentaram as estimativas baseadas em dados de 2018, como válidas para 2020. “Tais estimativas remetem, no total, a cerca de 6 milhões de estudantes sem acesso domiciliar à Internet em banda larga ou 3G/4G e que, por conseguinte, não teriam como atender em casa a atividades remotas de ensino e aprendizagem”.

Para se chegar a tal número, Nascimento *et al.* (2020, p. 7) utilizaram questionário suplementar de Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) que, “desde 2016, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aplica no quarto trimestre do ano, como parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua”.

Os dados da PNAD Contínua permitem estimar a proporção de estudantes, em cada nível e etapa de ensino, que não tinha acesso domiciliar à Internet em banda larga ou 3G/4G, aqui consideradas como requisitos mínimos para ensino remoto por meio de videoaulas e de conteúdos disponibilizados em plataformas on-line. Em segundo lugar, utilizaram-se os dados de matrícula do Censo da Educação Básica (CEB), do Censo da Educação Superior (CES) ou do GeoCapes, para se chegar aos números de estudantes do ensino regular sem acesso domiciliar à Internet, respectivamente para a fase obrigatória da educação básica (pré-escola, anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio), para a graduação e para a pós-graduação *stricto sensu*. (NASCIMENTO *et al.*, 2020, p. 7-8)

Ainda é preciso se levar em consideração as emoções de alunos e professores, diante de um contexto complicado e totalmente diferente daquilo que todos estavam acostumados no dia a dia, em uma sala de aula. ‘Isolamento social’ era uma expressão praticamente desconhecida e passou a ser uma das mais mencionadas em todo o Mundo, incluindo, obviamente, entre os atores da comunidade escolar.

E, por conseguinte, muitos alunos, professores, bem como outros profissionais sentiram medo, tristeza, impotência, raiva, frustração, dentre outros sentimentos mais. E as pessoas precisavam falar, necessitavam ser ouvidas e compreendidas, e tudo isso refletia direta ou indiretamente nas atividades diárias que precisavam ser realizadas, a fim de se cumprir o cronograma escolar.

Reis, Oliveira e Andrade (2020, p. 52), realizaram um estudo para investigar as emoções de professores e alunos durante a suspensão das aulas presenciais, quando estas foram substituídas por atividades não presenciais, durante o isolamento social ocasionado pela pandemia. O resultado do trabalho apontou três emoções distintas nos dois grupos pesquisados – alunos e professores – sendo elas: medo, tristeza e frustração. O medo, ainda segundo os autores, acontece devido ao estado de alerta “demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa”. Já a tristeza pode ser caracterizada como a diminuição ou a contrariedade da nossa potência, em fazer algo. E a frustração “um estado psíquico que resulta do bloqueio da motivação provocada por qualquer barreira que impede de alcançar um projeto ou objetivo esperado”.

Não restam dúvidas de que o espaço educacional atraiu boa parte dos holofotes durante o momento pandêmico, afinal, coube à escola assumir o papel de conectar as pessoas, visando dar sequência ao processo de ensino e aprendizagem. Também ficou nos ‘ombros’ desta instituição, a difícil tarefa de conjugar todas as questões já mencionadas, desde lidar com o emocional das pessoas, até encontrar uma forma de como as aulas seriam conduzidas.

A participação de pais/responsáveis durante o momento pandêmico, também foi outro quesito importante, que precisa ser mencionado. Estar confinado com os filhos, tendo que realizar o

trabalho cotidiano de suas respectivas atividades profissionais, – ou as incertezas pela perda do trabalho – aliadas às atividades e tarefas escolares, mexeu com a rotina das pessoas, que precisaram se reinventar, buscar possibilidades outras, que pudessem fazer parte de uma nova rotina. E nesse turbilhão todo, ficou evidente a necessidade de se preocupar com o comportamento dos filhos. Como a pandemia estava afetando crianças e adolescentes?

Foi mais um momento difícil, afinal, era preciso estar atento à saúde física e mental dos alunos. Rocha, Veloso, Bezerra *et al.* (2021, p. 3490-3491), realizaram um estudo, cujo principal objetivo foi analisar o impacto da pandemia de COVID-19 na saúde infanto-juvenil. Durante a pesquisa, os autores identificaram que no grupo de 200 participantes, com idade de 3 a 18 anos, 42,5% apresentaram queda no rendimento escolar; 43% tinham dificuldades em dormir; e 42% apresentaram algum tipo de irritação ou irritabilidade. Tristeza, dor de cabeça, choro excessivo, desconforto foram outras questões apontadas durante o estudo.

O distanciamento social afastou os estudantes das escolas e, além disso, diminuiu as possibilidades de diversão e lazer, bem como a prática de atividades físicas. O espaço escolar, além de ser o local sagrado para o processo de ensino e aprendizagem, é propício a brincadeiras, diversão, socialização e prática esportivas. E a falta deste lugar, o não poder usufruir deste espaço, foi sem dúvida alguma, uma perda irreparável para os estudantes.

Os autores ainda elencaram algumas estratégias importantes para amenizar os impactos da pandemia, na vida de crianças e adolescentes:

Estabelecimento de comunicação efetiva entre pais e filhos, compartilhando os sentimentos causados pela pandemia para tomar atitudes de enfrentamento, monitoramento do tempo de uso de telas, organização de rotina diária, evitando impaciência e ansiedade, desenvolvimento de atividades de lazer e instituição

de prática de exercícios, para auxiliar no combate ao estresse. (ROCHA, VELOSO, BEZERRA *et al.*, 2021, p. 3494).

Mas, será que as famílias tinham esse tipo de conhecimento? E, ainda que tivessem informações sobre essas formas de amenizar os impactos da pandemia, será que haveria possibilidade de colocá-las em prática? Os desafios, medos e incertezas estavam presentes na vida das famílias, diariamente; sobreviver a tudo isso era a missão a ser cumprida, algo que nem todos – infelizmente – conseguiram.

E na escola, a missão também era a mesma, afinal, alunos, professores e demais profissionais precisavam sobreviver; precisavam superar as barreiras muitas, a fim de conseguirem estudar. O processo de ensino e aprendizagem, mesmo diante das dificuldades já elencadas, teve sequência na modalidade de ensino remoto, com algumas ressalvas já observadas; que precisam ser refletidas junto às comunidades escolar e acadêmica.

E o papel da Coordenação Pedagógica durante a pandemia de COVID-19, também precisa ser (re) pensado e merece uma melhor reflexão por parte de todos nós, educadores. Questões como capacitação e suporte aos professores, que tiveram que se adaptar rapidamente ao ensino remoto, sem uma preparação adequada, precisa fazer parte da agenda de discussão da comunidade escolar e acadêmica.

Realizar planejamentos de capacitação, a fim de garantir que o corpo docente esteja familiarizado com as ferramentas digitais, conheça estratégias de ensino online, bem como uma avaliação objetiva e sincera sobre o processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia, deveriam ser discutidos, visando uma melhoria da prática e das ações implementadas.

Outra questão importante que deveria ser observada pelo setor, diz respeito à discussão sobre o desenvolvimento de estratégias, junto ao Poder Público, um estudo sobre a possibilidade do fornecimento de dispositivos e conectividade a alunos em situação de vulnerabilidade,

garantindo que todos os estudantes tenham igualdade de acesso à Educação; caso situação semelhante, venha ocorrer novamente.

O período de pandemia de COVID-19 deixou a Coordenação Pedagógica muito em evidência, e conseqüentemente, repensar métodos de avaliação, analisando diferentes formas de atividades online, desenvolvimento de projetos e discussões com os alunos; também deveriam ser analisados pelo setor.

Assim como intensificar os esforços, na elaboração de planejamento que forneça orientação individual, bem como recursos para lidar com o estresse e a promoção de um ambiente virtual acolhedor, afinal, manter o engajamento dos alunos no ambiente virtual pode ser uma tarefa bastante desafiadora.

O foco desta pesquisa tem um viés muito específico, baseado na análise de pais e responsáveis; entretanto, essas reflexões propostas podem fornecer subsídios ao setor de Coordenação Pedagógica, para que possa estar cada vez mais preparado, principalmente, em um outro contexto pandêmico ou algo parecido.

The background of the page is a dark gray color, overlaid with a repeating pattern of stylized virus particles. Each virus particle is depicted as a spherical body covered in numerous small, circular protrusions, resembling a coronavirus. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and movement.

6. ENSINO REMOTO, EAD E ENSINO HÍBRIDO

Praticamente da noite para o dia, o setor de Coordenação Pedagógica se deparou com o fechamento de escolas e, desvendar, buscar entender do que se tratava ensino remoto, EaD e Ensino Híbrido, fez-se necessário (ou deveria ter feito). Antes de adentrarmos na questão central deste tópico, é preciso uma sucinta apresentação sobre o uso de tecnologias na Educação.

Há décadas o tema vem sendo explorado, principalmente, no que diz respeito à utilização de computadores, desde meados da década de 1950, como mencionou Valente (1999, p. 11), “quando começaram a ser comercializados os primeiros computadores com capacidade de programação e armazenamento de informação, apareceram as primeiras experiências do seu uso na Educação”. E, como exemplo, o autor mencionou a utilização do computador para resolver problemas nos cursos de pós-graduação em 1955; além de ser utilizado como máquina de ensinar em 1958, no Centro de Pesquisa Watson da IBM e na Universidade de Illinois - Coordinated Science Laboratory.

Ou seja, não é de hoje que professores vem trabalhando na tentativa de utilizar as potencialidades do computador, aliadas a práticas de disciplinas, objetivando um processo de ensino e aprendizagem diferenciado, ofertando possibilidades outras de conhecimentos, para os alunos. Entretanto, vale ressaltar que a utilização do computador no ambiente escolar pode ser caracterizada de duas maneiras: como mera transmissão de informação para o aluno; ou para que o aluno possa utilizar dessa ferramenta para construir o próprio conhecimento.

No Instrucionismo, como propõe Valente (1999, p. 12), “o computador assume o papel de máquina de ensinar, e a abordagem pedagógica é a instrução auxiliada por ele”. Esse tipo de abordagem se baseia em “métodos tradicionais de ensino”, mas, ao invés de utilizar livros, apostilas e folhas de papel, usa o computador para transmitir as instruções ao aluno.

Já no Construcionismo temos uma perspectiva diferente, quando o aluno tem a iniciativa de construir o próprio conhecimento, utilizando o computador como ferramenta. Valente (1999, p. 12) reforça que “a construção do conhecimento advém do fato de o aluno

ter de buscar novos conteúdos e estratégias para incrementar o nível de conhecimento que já dispõe sobre o assunto, que está sendo tratado via computador”. Nesse caso o aluno é uma espécie de professor, que passa a ‘ensinar’ a máquina.

Papert (2008, p. 134) menciona que “a teoria Construcionista tem como meta ensinar de forma a produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo de ensino”. Maltempi (2012, p. 288), aborda o Construcionismo como teoria de aprendizado e estratégia para a Educação, compartilhando “que o desenvolvimento cognitivo é um processo ativo de construção e reconstrução das estruturas mentais, no qual o conhecimento não pode ser simplesmente transmitido do professor para o aluno”.

Ainda vale citar Nascimento e Gomes (2020, p. 04), que destacam a importância do professor “na relação que se estabelece entre as tecnologias e a educação, uma vez que a simples inserção do computador ou demais tecnologias no espaço escolar não contribui, por si só, em termos de melhorias no ensino e na aprendizagem”. O processo de construção do conhecimento é uma mão de via dupla, onde a troca de conhecimento e experiências parte tanto do professor, quanto do aluno. O conhecimento é horizontal, e as ferramentas tecnológicas são importantes no caminho do conhecimento e não o conhecimento em si.

Baseando-nos nessa breve explanação, é possível perceber que a construção do conhecimento, tendo as tecnologias como suporte, permite ao aluno ser um sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, sendo protagonista em sua jornada rumo ao saber. Mas, durante a pandemia de COVID-19, ficaram evidentes as inúmeras dificuldades advindas da inserção das tecnologias, como mediadoras entre professores e alunos, e demais profissionais da escola.

E o que a Coordenação Pedagógica deveria fazer em pleno contexto pandêmico, para que a escola (mesma fechada) pudesse continuar fomentando o conhecimento?! Com a utilização de meios e ferramentas tecnológicas foi possível a implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) no Brasil, que depois de certo tempo,

estabeleceu-se como ensino remoto. É importante frisar que no início da pandemia, houve muita confusão entre esses termos e a EaD (Educação a Distância), algo que abordaremos mais à frente.

Em um país de dimensões continentais, com suas respectivas particularidades; bem como as diferentes realidades que norteiam o ensino público e privado; além das distintas realidades sociais existentes nos inúmeros “Brasis”; não restam dúvidas de que essas conjunturas interferiram nas ações escolares de enfrentamento à pandemia de COVID-19, bem como nos resultados referentes ao ensino remoto. Essas considerações são extremamente importantes para o entendimento do contexto histórico, no entanto, não são alvos da pesquisa realizada e, portanto, não fazem parte da proposta em questão.

Esclarecimento feito, Silveira *et al.* (2020, p. 38) explicam que o termo ensino remoto foi adotado durante a pandemia de COVID-19, aplicado de maneira emergencial, a fim de lidar com uma situação inesperada, quando foram utilizadas as TDIC’s (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), a fim de transmitir as aulas, mas, utilizando a mesma metodologia das aulas presenciais. Já a EaD possui toda uma estrutura diferenciada, utilizando ambientes virtuais, tutores, metodologias de ensino própria, primando pela interação; além de um projeto educacional diferenciado.

Vivemos em uma sociedade que ‘respira’ tecnologia e todo o imediatismo proporcionado por ela; e no que diz respeito a processos de ensino e aprendizagem, não é diferente, são muitas as possibilidades tecnológicas à disposição, que podem contribuir de maneira significativa para o ensino escolar e acadêmico.

Todavia, é difícil pensar que – alguém esperasse – que, praticamente da noite para o dia, a comunidade escolar se visse obrigada a se readequar de suas práticas diárias, tendo que utilizar ferramentas e recursos online, durante uma pandemia. Alunos, professores, diretores, coordenadores pedagógicos, dentre outros, tiveram que se reinventarem em um ambiente mediado por aparelhos de celular, computadores, *tablets* e afins, conectados à Internet;

migrando práticas pedagógicas e metodologias (antes restritas à sala de aula), para o que inicialmente foi chamado de Ensino Remoto Emergencial, como mencionado a pouco.

Durante o período de isolamento social, quando as TDIC's eram o *point* de encontro, os atores escolares passaram a se reunir através de videoconferência, e tecnologias como o Skype, Google Hangout, Zoom, ou ainda plataformas de aprendizagem como Google Classroom, Microsoft Teams, Moodle *etc*, passaram a ser amplamente difundidos e conhecidos no meio escolar. Professores também se utilizaram da gravação de vídeos, disponibilizando-os principalmente no YouTube e WhatsApp.

Perceba que durante este momento (obviamente que há exceções), essas tecnologias foram usadas sob uma perspectiva de transmissão da comunicação, ou seja, o professor utilizou as TDIC's como ferramenta para se comunicar com os alunos, apenas isso. Talvez, a imagem que melhor simbolize este momento é a do professor na frente da câmera, escrevendo em um quadro; este professor não está fisicamente no mesmo espaço que os alunos, no entanto, age como se estivesse; a única diferença é a presença de uma câmera transmitindo a sua imagem e, conseqüentemente, a informação.

Oliveira, Corrêa e Morés (2020, p. 03), mencionam que a COVID-19 gerou uma situação em que o Brasil e demais países, implementaram a modalidade de Ensino Remoto Emergencial, fazendo uso de tecnologias conectadas à Internet e “por vezes, complementadas com materiais impressos, disponibilizados nas secretarias das escolas, com uma metodologia semelhante à do ensino presencial”. Os autores ainda mencionam que tal modalidade inclui horários de aulas fixos, além de salas virtuais com os alunos, tendo o mesmo número de estudantes na modalidade presencial.

Para Moreira e Schlemmer (2020, p. 07), essa modalidade de ensino demandou que tanto professores, como alunos, migrassem “para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem”. Os autores ainda advertem a necessidade de repensar as práticas

educativas, que tenham o apoio das tecnologias; afinal, apenas a transferência de uma prática presencial, para o universo online, considerando apenas a ferramenta tecnológica, não é capaz de mudar a metodologia pedagógica.

Moreira e Schlemmer (2020, p. 08) ainda mencionam o Ensino Remoto Emergencial, como ‘aula remota’ ou ‘ensino remoto’, que podem ser definidos como “uma modalidade de ensino ou aula, que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes [...]”, visando suprir de forma emergencial, a ausência das aulas presenciais. Uma possibilidade dos alunos se manterem estudando, mesmo distante fisicamente de seus professores e pares.

A nomenclatura em inglês, *Bring Your Own School Home* (BYOSH), traduzida como “traga sua escola para casa”, também foi utilizada nesse período, segundo Moreira e Schlemmer (2020, p. 09). Os autores pontuaram as dificuldades do momento, quando os professores se sentiram bastante sobrecarregados, tendo que produzir conteúdos e aulas, além de avaliações, bem como a instruírem familiares dos alunos, no auxílio das tarefas propostas. Professores e alunos conectados de forma remota, com a mesma carga horária do sistema presencial, ou seja, uma aula nos moldes presenciais transferida para o contexto digital.

Baseado na explanação de Moreira e Schlemmer (2020) é possível concluir que o ensino remoto, em algumas situações, poderia ser comparado ao ensino a distância realizado nas décadas finais do século XX, através de aulas preparadas para TV ou rádio, ou ainda com as apostilas impressas enviadas pelos Correios; tendo apenas como diferença, o fato de naquela época, não era possível a utilização de transmissões desses conteúdos via Internet.

Ainda é possível perceber que durante o período pandêmico, professores adotaram softwares e aplicativos, a fim de reproduzirem suas aulas expositivas em salas de aula, para as telas de computadores, *smartphones* e *tablets*. Essas tecnologias foram utilizadas sob uma ótica meramente instrumental, tendo suas práticas e metodologias reduzidas a um ensino transmissivo, apenas.

É importante reforçar que o distanciamento social trouxe algumas consequências graves, como por exemplo, “oportunizando inclusive a evasão e o aumento da desigualdade, assim como o desconforto de ter que assumir o processo de ensino e aprendizagem como condição de autonomia, de empoderamento e de autodeterminação”, como destacam Castaman e Rodrigues (2020, p. 03).

Ter aulas online não era para todos, afinal, as diferenças socioeconômicas ficaram ainda mais evidente durante o momento pandêmico, como já mencionado. Nem todos os alunos e professores tinham os aparatos necessários em suas respectivas moradias, para a realização das atividades escolares de forma totalmente remota. Esta é uma questão de suma importância que (em pesquisas futuras), pretendemos aprofundar os estudos em relação a esse quesito propriamente dito.

Seguindo com a contextualização deste capítulo, é válido reforçar que nas últimas décadas do século XX, a educação a distância foi possível através da utilização de tecnologias de comunicação, principalmente através da TV e rádio, com o auxílio de materiais impressos enviados pelos Correios, permitindo uma parcela da população de ter acesso a determinado tipo de ensino, como explicam Pelli e Vieira (2018, p. 02).

Para Moore e Kearsley (2007, p. 1), é muito simples o conceito básico de educação a distância. “Alunos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam. Estando em locais distintos, eles dependem de algum tipo de tecnologia para interagir”. Esse tipo de educação contribui com o rompimento de barreiras relacionadas ao tempo e espaço, facilitando a comunicação, além de contribuir com a disseminação de ideias e conhecimento.

Moraes (1997, p. 68) ainda reforça que a educação a distância pode ser entendida como um sistema aberto, “composto por mecanismos de participação e descentralização flexíveis, com regras de controle discutidas pela comunidade e decisões tomadas por grupos interdisciplinares”. Ou seja, no ambiente de aprendizagem mediado

pelas tecnologias, pressupõe uma participação colaborativa não só na sala de aula virtual, como nas demais etapas que abrangem a EaD.

Moore e Kearsley (2007, p. 3) afirmam que além da interação com professores; acesso por parte dos alunos a materiais instrucionais, bem como o planejamento de ensino e aprendizagem com tutores, seja de forma presencial ou a distância; a figura deste profissional (tutor), é de extrema importância para auxiliar na realização de tarefas e atividades, além de sanar as dúvidas dos alunos. Vale destacar que este profissional não existe no ensino remoto.

Outras importantes ferramentas utilizadas pela EaD são as plataformas que, como detalham Moore e Kearsley (2007, p. 3), permitem uma série de recursos, além do desenvolvimento de “metodologias educacionais, que utilizam canais de interação web e visam oferecer suporte necessário para a realização das atividades curriculares propostas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)”. Os autores ainda citam algumas dessas importantes plataformas, dentre elas, TelEduc, AulaNet, Amadeus, Eureka, MOODLE (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment), e outras. O aluno matriculado na EaD ainda conta com o apoio de um polo presencial, com toda estrutura necessária para apoiar este aluno, tanto nas questões administrativas, quanto acadêmicas.

Historicamente, a evolução da educação a distância no Brasil, de acordo com Saraiva (1996) é demarcada pelo surgimento e conseqüentemente pela disseminação dos meios de comunicação, passando pela correspondência, transmissão de rádio e TV, além da utilização de equipamentos de informática e tecnológicos. De acordo com Alves (2011, p. 87), existe um registro de um anúncio no Jornal do Brasil no ano de 1904, oferecendo curso por correspondência de datilógrafo, “sendo a primeira evidência da prática dessa modalidade de ensino no País”.

Segundo Kenski (2010, p. 2), no ano de 1923 a Fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro “realizou a transmissão radiofônica de programas com ensino de literatura, radiotelegrafia e telefonia, línguas e outros”. Posteriormente, na década seguinte, o autor menciona

o registro do Instituto Rádio Monitor, que dentre seus objetivos primeiros, utilizava-se da transmissão radiofônica com o intuito de ensinar, iniciando suas atividades em 1939. E, após a sua extinção, surgiu em 1941, o Instituto Universal Brasileiro, que ficou conhecido em todo o País pela disseminação de seus cursos profissionalizantes e supletivo, a distância, através de correspondências.

Pelli e Vieira (2018, p. 05) mencionam que com a chegada da televisão no Brasil, foi possível promover experiências de ensino, com os programas Telecurso Primeiro e Segundo Grau, e 2000. Os programas surgiram a partir de 1978, por “iniciativa de empresas de comunicação em oferecer ensino, com os meios de comunicações televisivos, fascículos e num processo de atualização de tecnologias, com uso de teles salas, equipamentos de mídias, mapas, livros e outros materiais didáticos”.

No entanto, mesmo estando presente no território brasileiro a todo esse tempo, a EaD foi ratificada como uma modalidade de educação de forma regular e com o caráter formal, a partir da promulgação da Lei nº 9.394/1996, principalmente no que concerne ao ensino superior. A referida lei estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e em seu artigo 80, afirma que “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”.

A partir desse marco legal, há um processo natural de regulamentação de credenciamento de instituições de ensino, que passaram a ofertar cursos na modalidade de Educação a Distância - EaD, como reforçam os autores Ferreira e Mill (2013, p. 144). “Por esse marco regulatório foram estabelecidos os fundamentos legais para a consolidação de um sistema nacional de educação a distância, que no âmbito federal foi sustentado pela instituição do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB)”.

Ainda é preciso mencionar a conceituação de Educação a Distância no Brasil definida pelo Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005, que em seu Art. 1º, diz que na EaD, a “mediação

didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos”.

Essa definição se complementa mencionando a obrigatoriedade de momentos presenciais em sala de aula, buscando avaliar os estudantes, bem como a prática de estágios obrigatórios, caso o curso em questão demande tal prática; além de defesas de trabalho para conclusão do curso, bem como atividades laboratoriais, quando for o caso específico.

Definitivamente, ensino remoto não é EaD; e outra característica marcante nas diferenciações entre ambos, é o fato de a EaD possuir uma divisão relativamente bem demarcada, como propõem Oliveira e Garbin (2020).

O processo de ensino na Educação a Distância (EaD) possui uma divisão relativamente bem demarcada: há o momento de produção e o momento de oferta dos cursos. É comum que essa divisão faça com que as equipes responsáveis pela produção tenham pouco contato com os alunos, e as que cuidam da oferta tenham pouca compreensão dos processos anteriores ao material didático chegar ao corpo discente. As equipes responsáveis pela produção do material didático são fundamentais porque são as que se referem à análise do cenário, ao design gráfico e educacional dos materiais e ao seu desenvolvimento e implementação em um contexto de ensino, bem como avaliação da sua efetividade. (OLIVEIRA e GARBIN, 2020, p. 107).

São muitos os profissionais envolvidos no processo de EaD, não só professores, tutores, coordenadores e afins, mas, profissionais de outras áreas, como por exemplo, produtores e editores de vídeos,

técnicos de som e iluminação, designer e diagramadores que irão produzir livros, apostilas e materiais impressos, entre outros.

É preciso ainda fazer um parêntese a fim de mencionar que a EaD, mesmo com todas as ferramentas disponíveis, a fim de democratizar a prática de ensino e aprendizagem, rompendo principalmente as barreiras geográficas; precisa constantemente repensar o seu papel, além de encontrar outras maneiras para contribuir com a construção cidadã e multiplicação do conhecimento.

Santos (2019, p. 50) menciona que há argumentos que saem em defesa da EaD, visando legitimar sua expansão, “não apenas pela perspectiva do direito, mas também pela ampliação do mercado educacional”. E, dentre aqueles defensores da modalidade de ensino, a principal argumentação é “o fato de ela chegar a lugares onde a educação presencial não chega – e a custo menor”.

Porém, nem tudo são flores e a qualidade do ensino, bem como o mercado que transformou a EaD em um negócio (apenas), são pontos relevantes de discussões entre autores críticos a essa modalidade. Santos (2019, p. 51) leva em consideração a força de empresários do mercado educacional, diante daqueles que tomam as decisões em todas as esferas, inclusive, regulatórias. “Não é possível ignorar que esses empresários influenciam nas decisões, sobretudo nos votos parlamentares e no âmbito da regulação [...] sempre após intensos processos de negociação entre empresários e instâncias reguladoras”.

Lopes e Pereira (2017, p. 16) afirmam que é preciso reconhecer as possibilidades e potencialidades da EaD, na área educacional, além de promover o debate para que e para quem essa modalidade está sendo promovida. Entretanto, eles advertem que “é preciso reconhecer que a EaD aplica princípios industriais na educação. Busca-se o máximo resultado com o menor investimento, o que revela grandes contradições”.

Por fim, esclarecidas as diferenças entre ensino remoto e EaD, entendemos ser relevante fazer uma menção, ainda que breve, sobre o Ensino Híbrido, essa modalidade educacional que visa trabalhar com aulas presenciais e online.

Christensen, Horn e Staker (2013 p. 25) mencionam que o Ensino Híbrido é entendido como uma forma que utiliza características do ensino online, assim como incorpora o modelo tradicional de uma sala de aula, juntando essas duas realidades em uma só. “Ele parte de dois modelos: (a) o disruptivo, que se distancia da sala de aula tradicional, utilizando o ensino online, e (b) o sustentado, que combina a antiga tecnologia com a nova para criar algo que possua um melhor desempenho”.

Esse formato permite aulas mais envolventes, estimulando a cooperação entre os alunos e a criatividade, em busca de soluções para questões elencadas pelo professor, este, assume uma postura de mediação, auxiliando os alunos quando necessário; e não uma postura de detentor do saber. O Ensino Híbrido é composto por estes principais modelos, em quatro categorias:

- O modelo de Rotação é aquele no qual, dentro de um curso ou matéria (ex: matemática), os alunos revezam entre modalidades de ensino, em um roteiro fixo ou a critério do professor, sendo que pelo menos uma modalidade é a do ensino online.

Outras modalidades podem incluir atividades como as lições em grupos pequenos ou turmas completas, trabalhos em grupo, tutoria individual e trabalhos escritos.

O modelo de Rotação tem quatro sub-modelos: Rotação por Estações, Laboratório Rotacional, Sala de Aula Invertida, e Rotação Individual.

- modelo de Rotação por Estações – ou o que alguns chamam de Rotação de Turmas ou Rotação em Classe – é aquele no qual os alunos revezam dentro do ambiente de uma sala de aula.

- modelo de Laboratório Rotacional é aquele no qual a rotação ocorre entre a sala de aula e um laboratório de aprendizado para o ensino online.

- modelo de Sala de Aula Invertida é aquele no qual a rotação ocorre entre a prática supervisionada

presencial pelo professor (ou trabalhos) na escola e a residência ou outra localidade fora da escola para aplicação do conteúdo e lições online.

- modelo de Rotação Individual difere dos outros modelos de Rotação porque, em essência, cada aluno tem um roteiro individualizado e, não necessariamente, participa de todas as estações ou modalidades disponíveis.

- O modelo Flex é aquele no qual o ensino online é a espinha dorsal do aprendizado do aluno, mesmo que ele o direcione para atividades offline em alguns momentos.

Os estudantes seguem um roteiro fluido e adaptado individualmente nas diferentes modalidades de ensino, e o professor responsável está na mesma localidade.

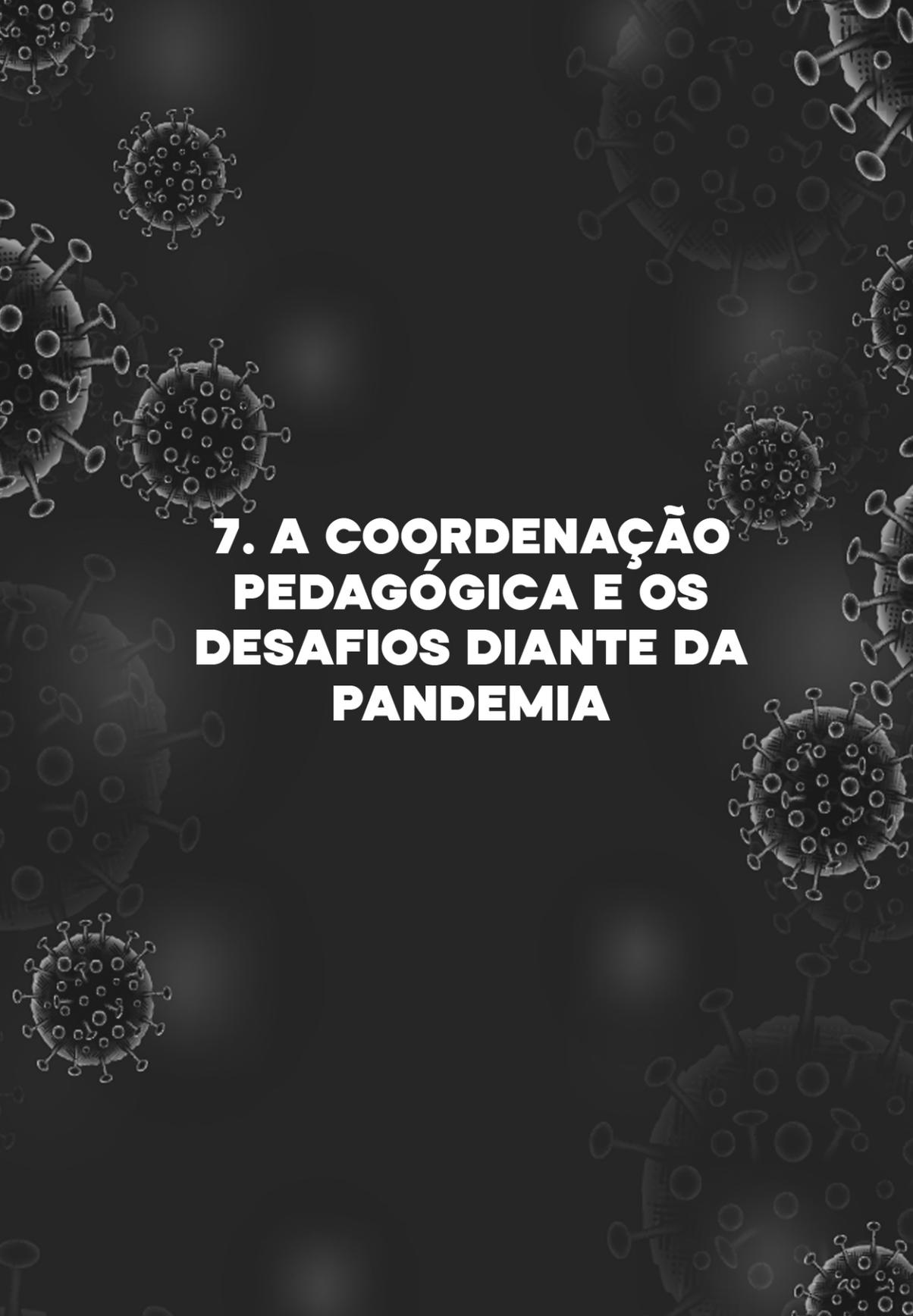
- O modelo A La Carte é aquele no qual os alunos participam de um ou mais cursos inteiramente online, com um professor responsável online e, ao mesmo tempo, continuam a ter experiências educacionais em escolas tradicionais. Os alunos podem participar dos cursos online tanto nas unidades físicas ou fora delas.

- O modelo Virtual Enriquecido é uma experiência de escola integral na qual, dentro de cada curso (ex: matemática), os alunos dividem seu tempo entre uma unidade escolar física e o aprendizado remoto com acesso a conteúdos e lições online. (CHRISTENSEN, HORN E STAKER, 2013, p. 27).

Consideramos importante essas observações, a fim de melhor compreendermos a existência de práticas e metodologias de ensino, com a utilização de tecnologias, além de proporcionar um olhar mais atento sobre como a Coordenação Pedagógica agiu, ou poderia ter agido, em pleno contexto pandêmico.

Já em relação ao que foi aplicado durante a pandemia de COVID-19, é possível observar que, de forma geral (obviamente sempre haverá exceções), aconteceu apenas a transmissão da

informação através de aparelhos tecnológicos, conectados à Internet. A mesma prática metodológica utilizada em sala de aula, foi apenas retransmitida – de casa – pelos professores, aos alunos.

The background of the page is a dark gray color, overlaid with a repeating pattern of stylized, light gray virus particles. Each virus particle is depicted as a spherical body covered in numerous small, protruding spikes or receptors, resembling a coronavirus. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and movement.

7. A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E OS DESAFIOS DIANTE DA PANDEMIA

Durante o momento pandêmico, a Coordenação Pedagógica esteve na mira de olhares, dos membros da comunidade escolar. O ensino formal experienciou situações e momentos difíceis e foi necessário amplo esforço, a fim de se garantir o direito à Educação. A sala de aula convencional se modificou, quando as TDIC's passaram a fazer parte do cotidiano de alunos e professores, modificando o espaço; reduzindo o tempo de aulas; e transformando relacionamentos, alterações de práticas pedagógicas e outras mudanças mais.

E uma das grandes dificuldades no início da pandemia de COVID-19, foi a falta de conhecimento das TDIC's por parte de professores, conforme esclarecem Cruz; Gomes; Azevedo Filho (2021). “Porém, foi visto que os docentes, de forma geral, não tinham conhecimentos ou não se sentiam confortáveis na utilização das TDIC's para criação das aulas, sejam no formato de videoaulas ou na forma de videoconferências”. E complementam:

O mesmo se deu com os alunos, que estavam acostumados com a forma presencial de ensino, onde precisaram se adequar a este novo paradigma de formato de aulas os quais não estavam habituados no seu cotidiano diário. Portanto, os docentes tiveram que se autocapacitarem e os alunos também precisaram se ajustar aos diversos aplicativos/plataformas/LMS utilizados pelas várias instituições de ensino e utilizando-se de diferentes dispositivos com diversos tamanhos de tela, sejam eles smartphones, tablets, computadores de mesa e notebooks. (CRUZ; GOMES; AZEVEDO FILHO; 2021, p. 03).

De uma hora para outra, a forma tradicional de Ensino teve que ser repensada e readaptada. Este novo contexto expõe fragilidades de professores, que não conheciam as novas tecnologias e muito menos como obter resultados significativos, desses recursos. E o papel da Coordenação Pedagógica passou cada vez mais a estar em evidência.

Neste complexo cenário, equipes pedagógicas precisaram buscar compreender o cenário educacional, a fim de obter parâmetros de atuação; e estabelecer critérios para a realização do ensino remoto, visando garantir aos alunos o direito à Educação.

Ainda no meio de toda essa turbulência, foi preciso repensar as individualidades e o momento de cada aluno, professor e demais colaboradores da escola, bem como a experiência de pais e responsáveis no enfrentamento à COVID-19. As inquietações emocionais, aliadas às questões pedagógicas, eram a combinação perfeita para complicar ainda mais o cenário.

Martins; Andrade; Zandavalli (2020, p. 7) mencionaram o papel da Coordenação Pedagógica na organização do trabalho remoto, cabendo ao profissional em questão, “elaborar ações metodológicas juntamente com os professores capazes de subsidiar o momento que busca soluções digitais, e atender aos estudantes com uma proposta de recursos e ferramentas pertinentes”.

Diante dos desafios diários que se acumulavam, nunca se esperou tanto da Coordenação Pedagógica, aquele setor capaz de assumir o protagonismo, estimulando a criatividade junto à comunidade escolar, além de ampliar o trabalho colaborativo, onde todos, pudessem dar a sua parcela de contribuição, na busca por soluções no processo de ensino e aprendizagem.

O novo cenário exigiu de coordenadores pedagógicos, uma ampliação comunicacional, exigindo troca de informações e experiências com outros profissionais, demais professores e até mesmo alunos, a fim de selecionar ferramentas e implementar estratégias, que pudessem dar subsídios para que as aulas fossem realizadas.

Repensar e reorganizar a forma como o processo de ensino e aprendizagem deveria ser conduzido, não foi tarefa fácil e, enquanto pesquisadores, é preciso entender todas as dificuldades existentes, além de tentar ‘enxergar’ nas entrelinhas do contexto, experiências que extrapolaram a ambiência escolar.

Filho; Freitas; Gomes *et al.* (2022, p. 10) mencionam os desafios referentes ao processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia, que vão carecer de “pesquisas a longo prazo, pois os reflexos e as análises didáticas e pedagógicas serão sentidos a médio e longo prazo”. Há muitas questões a serem colocadas em discussão, buscando reflexões que possam nos ajudar a compreender este difícil momento da história.

Enquanto pesquisadores, estamos tendo a oportunidade de ver, presenciar e experienciar este fato recente da história da humanidade, que impactou profundamente todos os setores da sociedade, incluindo, o segmento educacional. Os reflexos de todos os problemas ocasionados pela pandemia de COVID-19, provavelmente, serão observados e estudados durante as próximas décadas, na tentativa de melhor compreender os fatos.

Dentre algumas das questões propostas nesta pesquisa, buscou-se mensurar como foi o atendimento da Coordenação Pedagógica durante o período pandêmico; além de visar entender as etapas que precederam a implementação do ensino remoto, e possíveis avaliações posteriores; observar se houve ou não *feedback* em relação a sugestões e críticas realizadas pelos pais ou responsáveis, junto ao setor; entre outros questionamentos mais.

O papel da Coordenação Pedagógica durante a pandemia de COVID-19 precisa ser um exercício de reflexão conjunto, levando a comunidade escolar a ponderar seus respectivos papéis, visando o amadurecimento coletivo; além de fortalecer os vínculos, somando forças em prol da Educação, que precisará sarar suas dores e cicatrizar as feridas, deixadas por este terrível momento.

E, esta análise, sob o ponto de vista de pais e responsáveis poderá se tornar um interessante ponto de partida, na tentativa de compreender os anseios, desejos e preocupações, daquela parcela da comunidade escolar, que, via de regra, é a que passa menos tempo na escola.

Este é um debate em constante construção, que expõe dores e cicatrizes que necessitam ser mencionadas. Sarar essas dores ou

encobrir as cicatrizes, provavelmente, isso nunca será possível; no entanto, confrontar os difíceis momentos experienciados devido ao período pandêmico, certamente deixará a comunidade escolar mais forte e resiliente, equacionando derrotas e vitórias, preparando-nos para enfrentar momentos difíceis, durante a jornada escolar.

Reviver algo semelhante, é algo que muito provavelmente nós – educadores – não queiramos experienciar, todavia, precisamos tirar lições sobre todo e qualquer tipo de aprendizado, ainda que tenha sido doloroso.

Aprendemos muito, com as situações enfrentadas durante o momento pandêmico e precisamos continuar aprendendo, a fim de ressignificar experiências, seguir adiante e continuar lutando, não só por uma Educação que sonhamos e idealizamos; mas, por nossas vidas!

The background of the page is a dark, textured grey. It is covered with a repeating pattern of stylized virus particles. Each particle is spherical with a textured surface and has several protruding spikes or glycoprotein spikes. The particles are rendered in a light grey color, creating a subtle, scientific aesthetic. The text is centered in the middle of the page.

8. TRABALHOS RELACIONADOS

Este capítulo tem como meta precípua apresentar o ‘Estado do Conhecimento’ ou ‘Estado da Arte’, sobre trabalhos relacionados à Coordenação Pedagógica em tempos de pandemia de COVID-19, bem como a utilização do ensino remoto durante esse período; objetivando mapear – ainda que de forma sucinta – a produção acadêmica sobre a temática em questão.

Durante a pesquisa utilizamos as seguintes bases: Scielo - Scientific Electronic Library Online, Periódicos CAPES, Catálogo de Teses CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Dedalus - Banco de Dados Bibliográficos da USP, Portal Domínio Público, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (UERJ), Google Acadêmico, entre outros. Sempre buscando relacionar palavras chaves, como por exemplo, “COVID-19 na Educação”, “Coordenação Pedagógica na pandemia”, “Coordenação Pedagógica durante a pandemia”, “Coordenação Pedagógica e pais na pandemia”, “Coordenação Pedagógica + pandemia”, “Coordenação Pedagógica + Covid”, “Coordenação Pedagógica + pais + pandemia”.

Vale ressaltar que, apesar de encontrarmos muitos trabalhos que correlacionam o momento pandêmico de COVID-19 à Educação; foram poucos os trabalhos identificados, envolvendo a Coordenação Pedagógica a este momento específico; e se levamos em consideração todo esse contexto, sob o ponto de vista de pais e responsáveis, as buscas se tornaram ainda, muito mais complexas.

8.1. PESQUISAFORMAÇÃO NA CIBERCULTURA: EXPERIÊNCIAS DA PANDEMIA

Revista Científica em Educação a Distância - Fundação CECIERJ

EAD em Foco, v. 12, nº 3 (2022)

Em “Pesquisaformação na Cibercultura: Experiências da Pandemia” (Revista Científica em Educação a Distância - Fundação

CECIERJ), especificamente no artigo “Educação no Contexto da Pandemia: Percepções Críticas da Coordenação Pedagógica”; Santos, Santo e Souza (2022) objetivaram analisar algumas das estratégias do setor, durante o processo de ensino remoto na Rede Pública de Educação do Estado da Bahia.

Assim sendo, o papel da Coordenação Pedagógica foi analisado no período entre 2020 a 2022 em dois colégios de Ensino Médio da rede estadual no interior da Bahia. Mesmo entendendo ser pequena a amostragem apresentada no artigo, optamos por tecer breve análise, devido à abordagem sobre as críticas e percepções do setor, durante a COVID-19.

Santos, Santo e Souza (2022, p. 02) realizaram uma pesquisa, intencionando verificar as estratégias utilizadas pela Coordenação Pedagógica, durante o momento pandêmico em que foi utilizado o ensino remoto, objetivando refletir sobre o papel desempenhado pelo setor, frente aos desafios impostos naquele momento, primando por “identificar as principais contribuições da Coordenação Pedagógica nesse processo, tendo como lócus de análise dois colégios de Ensino Médio da rede estadual no interior da Bahia”.

Os autores utilizaram o relato de experiência, com uma abordagem qualitativa no processo metodológico, visando construir a pesquisa em questão, a partir de uma percepção reflexiva e crítica, durante o momento pandêmico nos dois colégios públicos no período entre 2020 e 2022. Durante a coleta de dados, houve observação participante, quando os pesquisadores conversaram com os professores “nos momentos de análises, planejamentos, replanejamentos e, também, no processo de avaliação e reavaliação do trabalho pedagógico, no âmbito da gestão da aprendizagem dos estudantes”, conforme explicam Santos, Santo e Souza (2022, p. 04).

E, durante o momento pandêmico, os coordenadores pedagógicos pesquisados se posicionaram no centro das discussões da escola, visando orientar pedagogicamente o professor, bem como buscando alternativas e conhecimentos sobre os recursos tecnológicos disponíveis, a fim de promover capacitação junto ao corpo docente,

para que o ensino remoto emergencial fosse implementado. Os coordenadores mantiveram frequente contato com a Secretaria de Educação daquele estado, além do Núcleo Territorial de Educação (NTE) e com as referidas escolas.

No que diz respeito à elaboração do plano pedagógico de enfrentamento à pandemia de COVID-19, não houve a participação dos gestores escolares, coordenadores, professores, diretores, pais/responsáveis e estudantes, ou seja, os principais interessados não foram sequer ouvidos; justamente àqueles que conhecem a realidade escolar. Resumidamente, não houve uma participação democrática na elaboração do plano pedagógico, diante de um momento tão delicado e complicado, que interferiu no cotidiano de todos, literalmente.

Já em relação a entraves e facilidades que surgiram com a implementação do ensino remoto, os pesquisadores apontaram muitos desafios administrativos e pedagógicos, “gerando a evasão, dificultando a construção das aprendizagens e a precarização do trabalho pedagógico. Por outro lado, essa forma de ensino favoreceu a ampliação do repertório de competências digitais”, esclarecem Santos, Santo e Souza (2022, p. 09).

A falta de uma contrapartida do Estado, sem ajuda para aquisição de equipamentos de informática, acessórios para gravar áudios e vídeos, interfaces digitais, entre outros, também foram listadas pelos pesquisadores, evidenciando que os coordenadores pedagógicos precisaram ‘se virar’, para conseguirem colocar em prática o ensino remoto, juntamente com os demais profissionais das escolas.

Mesmo sem a colaboração do Estado, houve uma reação positiva por parte de coordenadores, diretores, professores e demais profissionais, que transformaram suas residências em uma extensão da sala de aula e, utilizando equipamentos próprios, incluindo acesso à Internet, arcaram com essas despesas para que as aulas pudessem ser realizadas remotamente.

O ensino remoto durante o momento pandêmico promoveu muitos desafios à Coordenação Pedagógica, entre eles, a falta de preparo de muitos professores para trabalhar com as TDIC's, algo que

nem mesmo os coordenadores pedagógicos estavam preparados para enfrentar.

Nessa perspectiva, a Coordenação Pedagógica do Colégio B buscou parceria com o Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA), do município de Valença, Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia, por meio do curso de Licenciatura em Computação, o qual disponibilizou um curso online com encontros síncronos e assíncronos com a carga horária de 30 horas sobre as ferramentas do Google que colaboraram para facilitar a realização das aulas online. Além disso, as Coordenações dos Colégios A e B organizaram oficinas e rodas de diálogos online com os professores sobre os recursos digitais e as TDIC's para aulas remotas no intuito de apresentar-lhes possibilidades de realização do ensino não presencial, a fim de garantir ao estudante a continuidade do seu percurso formativo com vistas à elevação do seu senso crítico reflexivo enquanto sujeito social. (SANTOS, SANTO e SOUZA, 2022, p. 12).

Ainda de acordo com os autores da pesquisa, as coordenações assistiram a *lives* realizadas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, que firmaram parceria com o Instituto Anísio Teixeira (IAT), com o intuito de orientar sobre o ensino remoto. Os profissionais ainda tiveram momentos oportunos, para relatarem suas dificuldades e estratégias adotadas durante o período pandêmico. Momento quando era possível a troca de experiências com profissionais de outras unidades escolares.

A pesquisa ainda revelou que ambas as coordenações, trabalharam de forma significativa no que se refere à formação continuada dos professores, auxiliando-os, bem como assumindo a função de intermediadora, promovendo o diálogo junto à comunidade escolar, além de promover momentos de formação sobre as TDIC's no contexto de ensino remoto.

Por fim, a conclusão da pesquisa demonstrou que os coordenadores pedagógicos foram determinantes nas decisões tomadas, auxiliando na orientação do planejamento e no desenvolvimento do trabalho pedagógico, além de atuar na formação continuada dos professores. Já em relação às dificuldades encontradas, os pesquisadores identificaram entraves na gestão da aprendizagem dos alunos, observando “demasiado índice de evasão escolar, bem como os prejuízos na aprendizagem dos estudantes, consequência da falta de estrutura adequada para o acompanhamento das atividades”, Santos, Santo e Souza (2022, p. 13).

Ainda, observou-se, que o ensino remoto auxiliou no desenvolvimento de competências digitais, entre os professores, que acabaram se habituando com os recursos disponíveis. Eles passaram a conhecer novas ferramentas de trabalho, que facilitaram o processo de ensino e aprendizagem, garantindo aos alunos, a continuidade do processo de formação.

A utilização das TDIC's possibilitou a ressignificação da prática docente, segundo os pesquisadores, que ainda propuseram ao final do artigo, a continuidade dos estudos, aprofundando as pesquisas sobre essas tecnologias, as quais em um contexto pós-pandêmico, poderiam continuar sendo utilizadas, ampliando-se para um sistema de ensino de forma híbrida, com atividades presenciais e online.

8.2. “EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E OUTROS CENÁRIOS DE CRISE”

Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS)

Revista Humanidades e Inovação v. 8, nº 61

Já a Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) realizou ampla pesquisa intitulada “Educação em tempos de pandemia e outros cenários de crise”, visando compartilhar estudos, pesquisas e

experiências ocorridos durante o momento pandêmico de COVID-19. Ao todo foram 73 produções escritas formando um considerável material, primando inclusive, pela diversidade de temas abordados.

Um dos artigos, “O coordenador pedagógico e a organização do trabalho escolar no contexto da pandemia”, chamou consideravelmente a nossa atenção. Nele, Ferraz, Ferreira e Ferraz (2021) pretenderam identificar os principais problemas e quais medidas seriam adotadas, utilizando-se o ensino remoto. Os pesquisadores observaram três coordenadores pedagógicos, que atuam na Rede Municipal de Ensino na Bahia, estabelecendo quatro eixos de discussão: formação, cuidado, ensino remoto e trabalho coletivo.

Ferraz, Ferreira e Ferraz (2021, p. 320) buscaram observar durante o período pandêmico, a atuação do coordenador pedagógico junto a professores, alunos e familiares, objetivando desenvolver um trabalho no contexto de ensino remoto, mediando a organização pedagógica do trabalho, com os docentes; dificuldades da Coordenação Pedagógica durante o enfrentamento da pandemia; mediação entre escola e família; além de ações implementadas para amenizar os problemas apontados pelos professores.

Os autores ainda contextualizaram a operacionalização da Organização do Trabalho Pedagógico (OTP), durante o difícil momento de pandemia, a fim de identificar os obstáculos e enfrentamentos do setor pedagógico, diante das dúvidas, incertezas e limitações ocasionadas pelo momento, afinal, era preciso compreender o que era realmente, ou não, pedagógico.

Para Ferreira (2008, p. 178), “pedagógico é todo o pensar-agir da escola com o intuito de produzir conhecimento. [...] Afinal, se os sujeitos-estudantes ingressam na escola é porque intencionam aprender”. E o aprender envolve a ampliação do entendimento de mundo, a pluralidade de interlocuções, subjetividades que se multiplicam.

Simplificando, a OTP visa um ordenamento, planejamento sistemático que irá facilitar o trabalho desenvolvido na escola, por toda a equipe de gestão escolar, bem como os professores. E, durante o

contexto de pandemia de COVID-19, necessitaram-se de readequações das práticas pedagógicas, para o ensino não presencial.

Assim sendo, os coordenadores pesquisados sinalizaram que na OTP durante os momentos de crise, confirmaram que, seja na modalidade virtual ou presencial, a Educação precisa seguir adiante, desempenhando o papel de promotor do aprendizado dos alunos, realizando o planejamento do trabalho pedagógico, avaliando recursos e metodologias; execução da aula, reavaliando sempre que possível as ações; e a avaliação, analisando as ações realizadas.

Como havia a necessidade do distanciamento social, os pesquisadores utilizaram questionário, encaminhando-o via e-mail. O questionário foi estruturado de forma aberta, com perguntas sobre o setor de Coordenação Pedagógica, em instituições que estavam trabalhando com o ensino remoto.

Entre as questões, orientações dos coordenadores “na organização do trabalho pedagógico dos professores, identificação das demandas relatadas pelos professores e as estratégias apresentadas pelos coordenadores para solucioná-las”, Ferraz, Ferreira e Ferraz (2021, p. 323). Também, buscou-se conhecer dificuldades encontradas pelos coordenadores pedagógicos, durante o momento pandêmico.

Libâneo (2011, p. 77), nos ensina que “o coordenador pedagógico é um profissional imprescindível para assegurar nas escolas a integração e articulação do trabalho didático pedagógico [...]”. E, durante os momentos de dificuldades ocasionados pela pandemia, este profissional esteve no ‘olho do furacão’, experienciando o dia a dia de um novo contexto, distante fisicamente do chão de escola.

E diante do novo contexto, os coordenadores pesquisados apresentaram os seguintes desafios encontrados, durante o período pandêmico: planejamento, implementação de projetos educativos, orientação à comunidade escolar, além da formação continuada dos professores.

Diante das narrativas dos profissionais, alvos da pesquisa, evidenciou-se a falta de apoio no processo de formação continuada dos professores, a fim de que os mesmos pudessem melhor utilizar

as ferramentas digitais. Também não foram encontradas alternativas para realizar um trabalho coletivo, com alunos e familiares e demais profissionais da escola; apenas atendimentos pontuais e específicos surgidos no dia a dia.

A pesquisa ainda evidenciou limitações no trabalho pedagógico, via ensino remoto, haja vista a situação socioeconômica de inúmeros alunos, sem acesso a equipamentos conectados à Internet, confirmando inclusive, casos de evasão escolar. O estado emocional, principalmente de professores, foi levado em conta durante os relatos dos coordenadores, que mencionaram a saúde de professores, pertencentes a grupos de risco; como outro problema a ser solucionado durante a pandemia.

Objetivando atenuar alguns problemas detectados, os coordenadores solicitaram à Secretaria Municipal de Educação, apoio na implementação de cursos básicos, que pudessem contribuir no processo de integração, além no desenvolvimento de práticas de ensino através das TDIC's.

Ainda foram feitas outras sugestões, entre elas, reuniões de planejamento uma vez por semana, bem como discussões de atividades através de videoconferências. Durante esses encontros eram realizadas sugestões de conteúdos, a serem ministrados junto aos estudantes, reflexões e troca de experiências sobre o momento pandêmico, entre outros assuntos.

E, em relação a algumas funções do coordenador pedagógico foram detectadas algumas dificuldades, como por exemplo, a dificuldade de implementar a utilização de determinadas tecnologias de comunicação, já que muitos professores desconheciam ou demonstravam pouco interesse em utilizar as TDIC's. Ou seja, esse desconhecimento ou falta de interesse dificultavam na elaboração do planejamento pedagógico, bem como na execução das ações coletivas. Havia dificuldade tanto na relação coordenador/professor, como na relação professor/aluno.

Sobre as consequências das dificuldades relatadas pelos coordenadores pedagógicos foram possíveis identificar problemas

relacionados ao medo, principalmente da morte; precarização e sobrecarga do trabalho realizado pelos professores; adaptações ao ensino remoto de práticas utilizadas em sala de aula; além da necessidade de aprender a utilizar novas tecnologias, praticamente, de forma impositiva.

Por fim, os pesquisadores analisaram que mesmo diante de todas as dificuldades experienciadas durante a pandemia de COVID-19, observou-se uma mudança comportamental.

Os atores escolares, em sua maioria, tentaram fazer com que o processo de ensino e aprendizagem acontecesse, ainda que de forma remota e mesmo sem contemplar a todos. Uniram forças para que as aulas fossem realizadas! Transformaram suas casas – professores, alunos, pais/responsáveis e demais profissionais – em uma extensão da escola; e com erros e acertos, persistiram, na esperança de que dias melhores viriam.

8.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRABALHOS RELACIONADOS

Observe-se que, em ambos os estudos mencionados, foi possível perceber a atuação do coordenador pedagógico frente ao desafio de um contexto pandêmico, quando o processo de ensino e aprendizagem só foi possível acontecer de forma remota. Como mencionado no início deste capítulo, outros trabalhos correlacionando o momento pandêmico à Educação, são encontrados com mais facilidade nas plataformas de pesquisas acadêmicas.

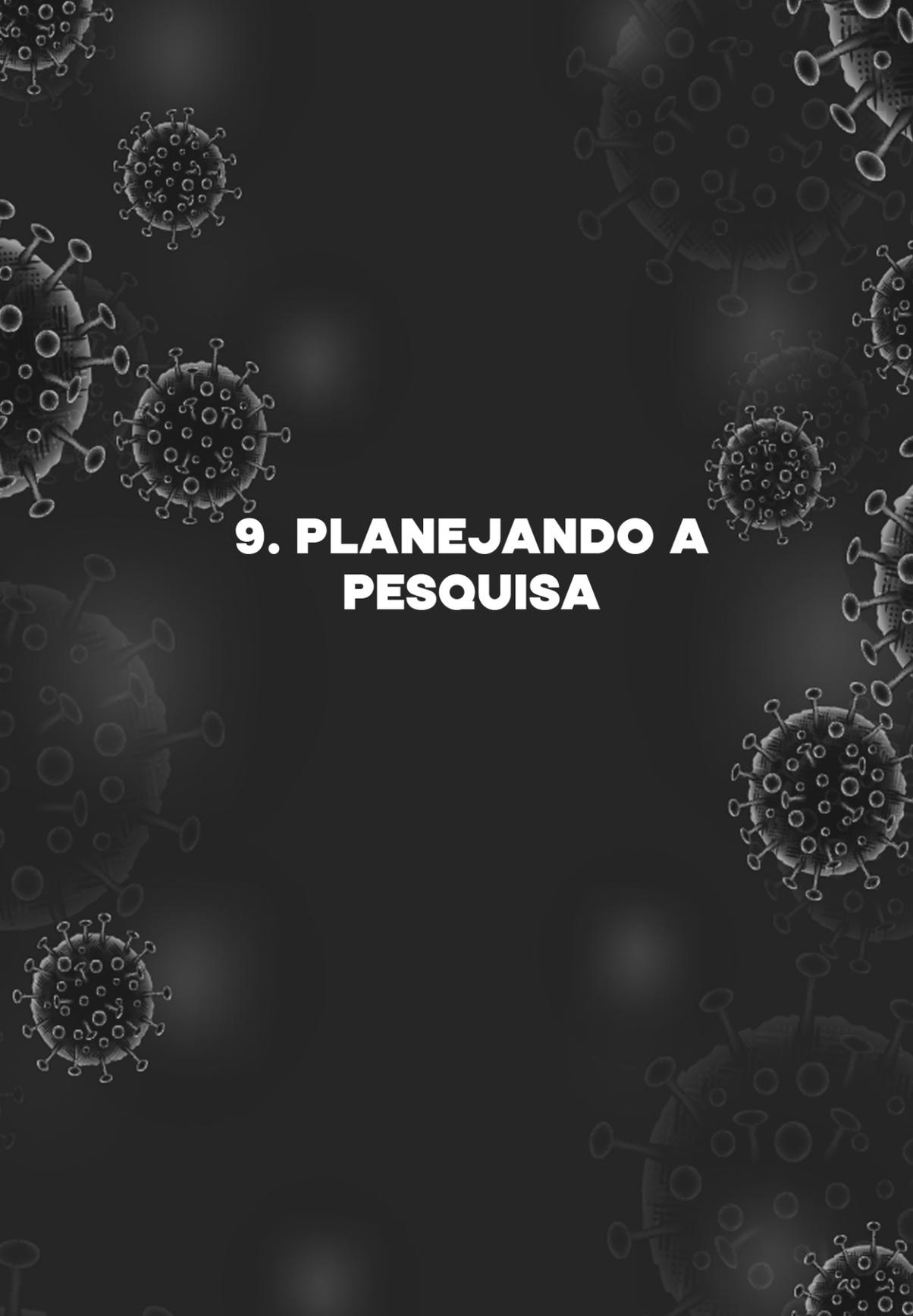
No entanto, identificamos pouquíssimos trabalhos envolvendo a Coordenação Pedagógica a este momento específico; e quando levamos em consideração todo esse contexto, sob o ponto de vista de pais e responsáveis; não conseguimos identificar pesquisas com esse viés, naquela oportunidade.

Acreditamos que a análise sobre o papel da Coordenação Pedagógica durante a pandemia, sob o olhar de pais e responsáveis; seja a potência da nossa pesquisa, que primou por ouvir, justamente,

aquela parcela da comunidade escolar que passa menos tempo na escola, mas, atua nos ‘bastidores’ da vida, buscando em momentos outros, entender a dinâmica escolar.

E, durante a pandemia, muitos pais e responsáveis tiveram seu lugar de fala ignorados, seja em consequência das muitas dificuldades que sobrevieram, literalmente, da noite para o dia; seja pelas atitudes tomadas sem ouvi-los, ignorando o conceito de decisão democrática; seja pela falta de estrutura tecnológica, a fim de manter um canal de comunicação direta com o público em questão; seja por qualquer outro motivo.

Pais e responsáveis por estudantes precisam ter acesso a informações sobre a escola, ao processo de ensino e aprendizagem, a metodologias; precisam poder falar, opinar, discutir; precisam ser ouvidos. Precisam ter pleno conhecimento de seus deveres e direitos, em todo o tempo; principalmente, em tempos difíceis, como o que todos nós experienciamos, durante a pandemia de COVID-19.

The background of the page is a dark, monochromatic pattern of stylized virus particles. These particles are spherical with numerous small, protruding spikes or receptors on their surface, resembling coronaviruses. They are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and movement. The overall aesthetic is scientific and clinical.

9. PLANEJANDO A PESQUISA

Pensar em uma pesquisa científica, pressupõe buscar caminhos que facilitem o processo de investigação, atravessando passagens que conduzam a respostas, para questionamentos previamente elaborados. Ou seja, é preciso ter método, a fim de buscar os objetivos pretendidos.

Segundo Demo (1985, p. 19), a metodologia é simplesmente uma preocupação instrumental. “Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica, praticamente para atingirmos tal finalidade, colocando-se vários caminhos”.

De acordo com Gil (1999, p.26), para que haja a realização de uma investigação científica é preciso um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos”, pois, dessa forma, os objetivos são atingidos, através da utilização dos métodos científicos.

Severino (2007, p.102), reforça dizendo que a ciência necessita utilizar um método próprio, o método científico, sendo o elemento “fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do conhecimento comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana”, entre elas, religião, arte e filosofia.

Já Trujillo Ferrari (1982) define o método da seguinte forma:

Método é a forma de proceder ao longo de um caminho. Na ciência, os métodos constituem os instrumentos básicos que ordenam de início o pensamento em sistemas e traçam de modo ordenado a forma de proceder do cientista ao longo de um percurso, para alcançar um objetivo. (TRUJILLO FERRARI, 1982, p. 24).

Dessa forma, podemos perceber a existência de algumas definições de “método” na literatura e, conforme destaca Minayo (1996, p. 46), “cada autor tem peculiaridades em sua forma teórica de concepção e análise da realidade”.

O objetivo da utilização do método em uma pesquisa científica, baseia-se na premissa de que a análise precisa estar pautada na coerência, visando atingir os objetivos propostos. Neste capítulo, pretendemos trilhar os caminhos demonstrando ao leitor, o processo de investigação escolhido, através de todas as etapas que contribuíram com o todo desta pesquisa.

Em um primeiro momento, realizamos pesquisa bibliográfica, intencionando buscar elucidações para os questionamentos propostos, baseando-se em referências teóricas, visando analisar as contribuições científicas sobre a temática proposta. Fonseca (2002, p. 32), reforça a necessidade de a pesquisa ser realizada através do levantamento de referências teóricas que já foram publicadas, seja por meios eletrônicos ou escritos, como livros e artigos, até mesmo publicações na Internet. “Qualquer trabalho científico, inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”.

Souza, Oliveira e Alves (2021, p. 65) ratificam que a pesquisa científica é “iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas, relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada”. Dessa forma, auxilia-nos logo no início da pesquisa, visando conhecer, por exemplo, a existência de outros trabalhos sobre o mesmo tema.

De acordo com Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Já Severino (2007), conceitua a pesquisa bibliográfica da seguinte forma:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos

estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

Cervo e Bervian (2002, p. 16) revelam que “a ciência é um modo de compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico através do uso da consciência crítica”. Assim, é possível que o pesquisador, tenha subsídios suficientes, a fim de distinguir aquilo que é essencial, do superficial; além do principal e o que é secundário.

O trabalho de pesquisa bibliográfica pretendeu buscar referências, objetivando levantar informações, bem como outros conhecimentos, a respeito do assunto em questão. A busca por respostas, diante dos questionamentos apontados, iniciou-se por leituras muitas, que pretenderam ‘pavimentar a estrada’ rumo ao conhecimento, a fim de respaldar a pesquisa em questão.

Assim que os primeiros passos em direção à pesquisa exploratória foram dados, primeiro com a pesquisa bibliográfica e depois com o trabalho de pesquisa de campo, utilizou-se a formulação de questionário, a fim de coletar informações junto a pais ou demais responsáveis, sobre o processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia de COVID-19, bem como suas respectivas experiências diante do ensino remoto.

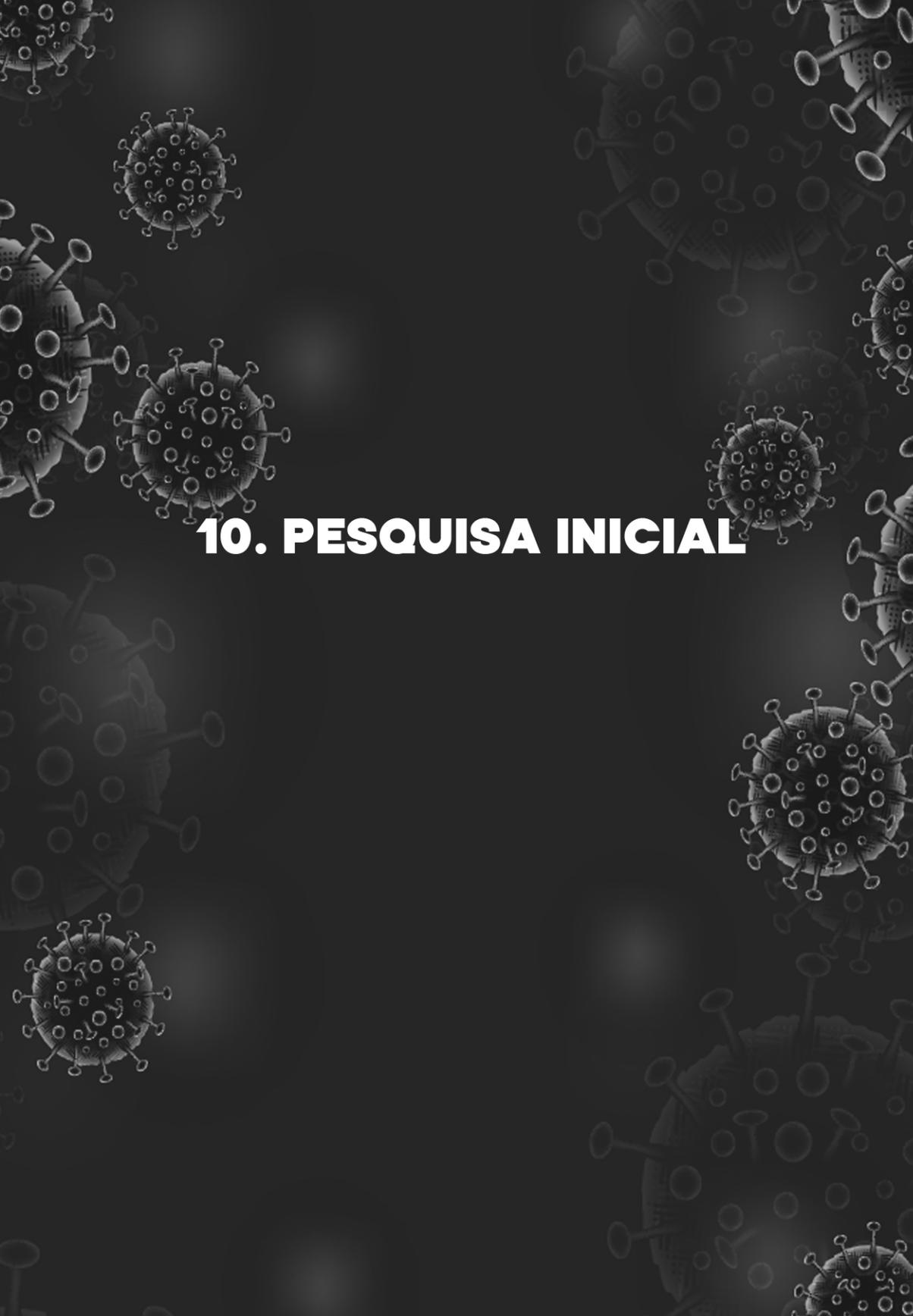
Objetivamos compreender situações e momentos específicos entre essa significativa parcela da comunidade escolar. Para Queiróz (1992, p. 13), o estudo exploratório, “tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere”. O autor ainda acrescenta que o comportamento humano, no contexto social ao qual está inserido, facilita a compreensão.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52), a pesquisa exploratória visa “proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses”, ou ainda, segundo os autores, descobrir uma nova abordagem sobre o assunto investigado.

Já Piovesan e Temporini (1995, p. 321), mencionam o estudo da pesquisa exploratória, “na qualidade de parte integrante da pesquisa principal, como o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer”.

Richardson (1989, p. 281) define a pesquisa exploratória de forma direta e objetiva, pois, segundo o autor, tal pesquisa “procura conhecer as características de um fenômeno para procurar explicações das causas e consequências de dito fenômeno”. E Mattar (1994, p. 84) também define a pesquisa exploratória de forma prática. “Ela visa prover o pesquisador de um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva”.

Sequenciando nosso método de trabalho, realizamos num primeiro momento uma pesquisa inicial, que nos revelou dados relevantes – como veremos adiante – e nos direcionou para um segundo momento, quando realizamos a pesquisa principal, junto a pais e responsáveis por alunos da Rede Municipal de Ensino, de uma cidade localizada na Região Noroeste Fluminense.



10. PESQUISA INICIAL

Em busca de um melhor conhecimento sobre a temática proposta, objetivamos evidenciar questões pontuais sobre possíveis relacionamentos – ou não – por parte de responsáveis por alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, com o setor de Coordenação Pedagógica.

Naquela oportunidade, 58 pessoas residentes em uma cidade do Noroeste Fluminense foram entrevistadas, quando disponibilizamos o formulário através do WhatsApp e redes sociais, coletando informações sobre alunos de instituições públicas e privadas. Dentre os objetivos, ampliar nosso conhecimento sobre o tema; e verificar a possibilidade de avançarmos com os estudos, através de um recorte mais específico.

E, alguns dados despertaram a nossa atenção, a ponto de decidirmos ampliar as investigações futuras. O primeiro dado foi em relação ao *feedback* do setor de Coordenação Pedagógica, junto aos responsáveis que faziam algum tipo de questionamento, como revela o Gráfico 1.

FEEDBACK DO SETOR, JUNTO AOS RESPONSÁVEIS

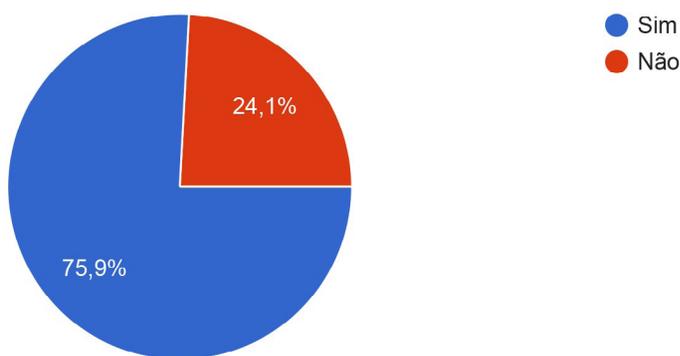


Gráfico 1 - Fonte: próprio autor

Nesse caso específico, o coordenador pedagógico não cumpriu com uma de suas principais funções, promover o elo de ligação entre a escola e os responsáveis pelos estudantes junto a esse percentual de responsáveis. Outro importante questionamento que precisava

ser investigado é se durante o ensino remoto houve alguma reunião da Coordenação Pedagógica com os responsáveis para explicar como seriam as aulas.

RESPONSÁVEIS QUE NÃO TIVERAM NENHUM TIPO DE REUNIÃO COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

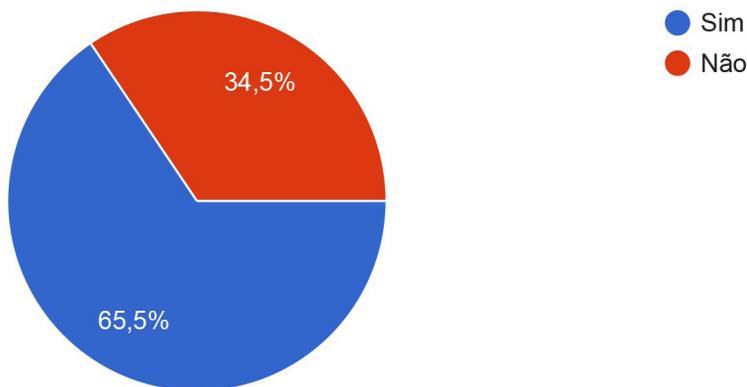


Gráfico 2 - Fonte: próprio autor

Outro fator deveras importante incorporado ao questionário, perguntava se em algum momento, a Coordenação Pedagógica fez alguma avaliação sobre a eficiência do processo de ensino e aprendizagem das aulas remotas, conforme mostra o Gráfico 3.

ENTREVISTADOS, QUE AFIRMARAM NÃO EXISTIR AVALIAÇÃO SOBRE O PROCESSO REMOTO

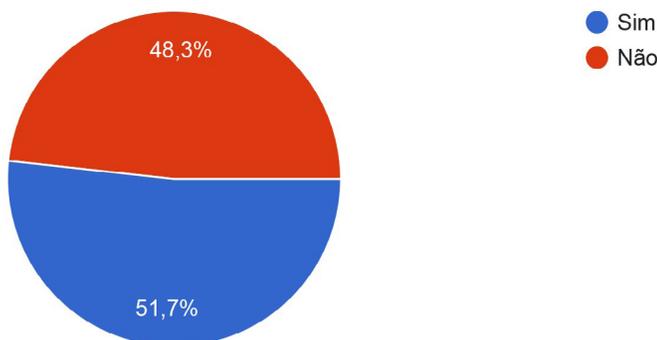
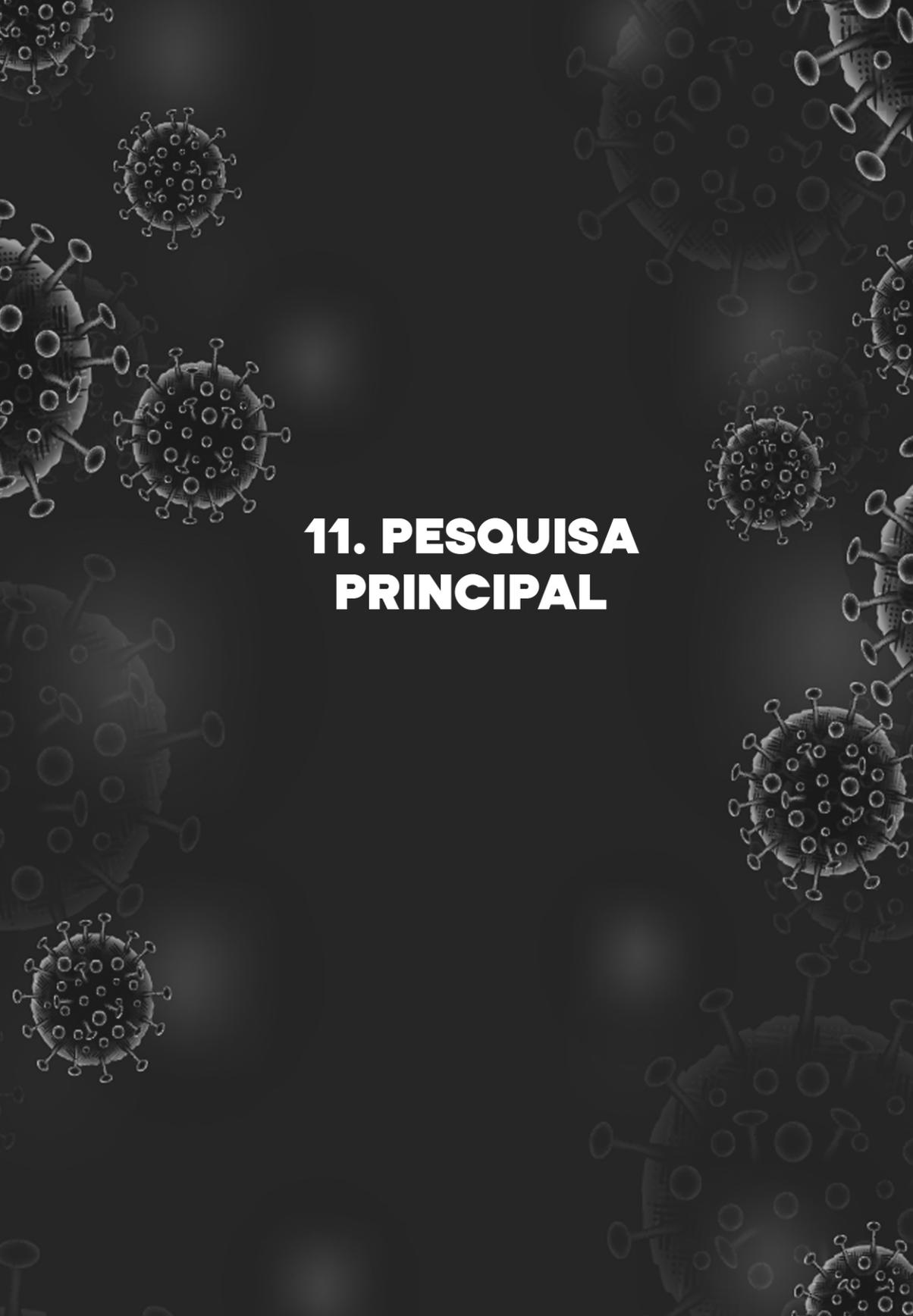


Gráfico 3 - Fonte: próprio autor

O principal objetivo desse questionamento foi avaliar se o setor em questão, teve a preocupação em mensurar resultados que pudessem verificar a eficiência – ou não – daquilo que estava sendo proposto aos alunos.

Assim sendo, foi possível observar que tal avaliação foi realizada por um pouco mais da metade, sendo 51,7% afirmaram que tiveram uma avaliação a fim de analisar a eficácia do processo de ensino e aprendizagem das aulas remotas; enquanto 48,3% (quase a metade dos entrevistados) disseram não ter existido nenhuma avaliação.

Esses e outros dados iniciais, obtidos na pesquisa preliminar junto a 58 entrevistados; foram importantes para darmos sequência aos nossos estudos, e posteriormente, realizar a pesquisa principal, junto a responsáveis por estudantes da Rede Municipal de Ensino.



11. PESQUISA PRINCIPAL

Com os dados da pesquisa inicial em mãos, demos sequência aos nossos estudos. Sendo assim, implementamos nossa pesquisa, junto a pais e responsáveis por alunos da Rede Municipal de Ensino, de uma cidade do Noroeste Fluminense.

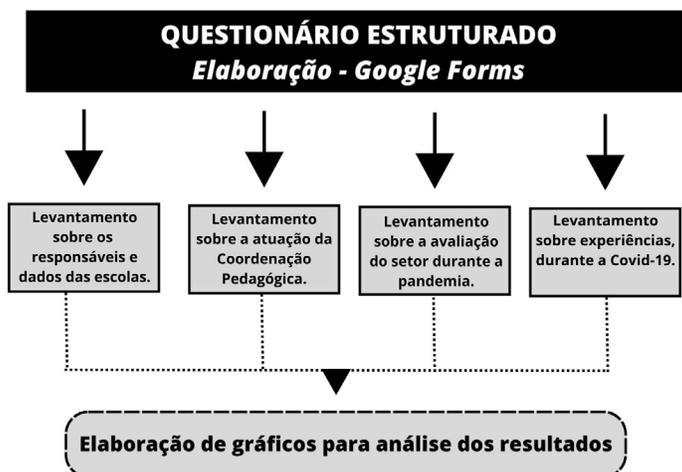
No dia 04 de dezembro de 2023, encontramos-nos com o secretário municipal de Educação, quando na oportunidade apresentamos os números da pesquisa inicial e demonstramos o interesse em fazer um estudo mais apurado, junto à rede municipal. Na ocasião o secretário se colocou à nossa disposição e nos encaminhou à subsecretária municipal de Educação, quem ficaria responsável por nos fornecer o suporte necessário para a realização da pesquisa.

A subsecretária também se colocou à nossa disposição, e imediatamente começamos a colocar a nossa pesquisa em prática. Naquela mesma data foi elaborado ofício a fim de darmos transparência ao nosso intuito, e formalizar o pedido junto ao setor de protocolo da Secretaria Municipal de Educação.

Para esta pesquisa principal foi estabelecida uma meta, objetivando ouvir cerca de 200 a 300 participantes; um alvo audacioso, mas que entendíamos ser possível alcançar. Já no dia 05 de dezembro de 2023, o questionário estava disponível, com 15 perguntas, sendo dois questionamentos abertos; um deles, inclusive, deixando o entrevistado à vontade para relatar suas experiências com a Coordenação Pedagógica ou com a escola, durante a pandemia de COVID-19.

O questionário da pesquisa principal ficou aberto para obtenção de respostas até o dia 30 de dezembro de 2023. Depois desse período, os dados já se encontravam disponíveis para serem analisados. O questionário principal para este estudo foi organizado de acordo com a ótica apresentada na Figura 1.

FIGURA 1 - FLUXOGRAMA DA PESQUISA DE CAMPO



Fonte: próprio autor

De acordo com Trujillo Ferrari (1982, p. 168), a pesquisa se destina a “duas finalidades mais amplas que a simples procura de respostas. Essas finalidades estão: vinculadas ao enriquecimento teórico das ciências; e relacionadas com o valor prático ou pragmático”.

Em relação ao método e à forma de abordar o problema, a pesquisa se classifica como quali-quantitativa, unindo descrição e interpretação das informações, levando-se em conta as entrevistas obtidas junto ao grupo de responsáveis; como ainda é possível a análise estatística de dados encontrados.

De acordo com Schneider, Fujii e Corazza (2017, p. 570), a união dos métodos qualitativos e quantitativos objetiva o fornecimento de um quadro mais amplo, referente ao estudo proposto. “Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos”.

E enquanto pesquisador, concentramo-nos justamente na busca por essa perspectiva, através de olhares e observações de pais e demais responsáveis em relação à Coordenação Pedagógica, no período pandêmico, visando compreender um novo contexto formado. De acordo com o setor de estatísticas da Secretaria Municipal de Educação, em 2020 haviam 8.476 alunos matriculados na Rede Municipal de Ensino, e um total de 36 escolas.

O procedimento adotado pela pesquisa realizou uma pesquisa de campo com a aplicação de questionário, contendo questões fechadas e abertas, quando na oportunidade foram entrevistadas 261 pessoas. Foi disponibilizando o seguinte link de acesso <https://forms.gle/BrAbUkgMzPTiFn7b6> com uma mensagem explicativa, em anexo, sobre a sua finalidade e demais informações pertinentes à pesquisa.

Das 36 escolas, obtivemos respostas de responsáveis por alunos que estudam em 21 escolas. No entanto, em 15 escolas (14 da zona rural e 1 de distrito) não obtivemos a resposta de sequer um único representante. Os participantes da pesquisa ficaram cientes sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do CONEP, dando ciência aos mesmos, dos procedimentos da pesquisa, bem como as informações sobre o caráter voluntário da pesquisa.

Foi utilizado questionário estruturado, com questões fechadas e abertas, apresentado desta forma: uma parte inicial de dados, referentes às escolas; um levantamento sobre a utilização ou não das TDIC's; em seguida, momento destinado às relações pessoais entre pais e demais responsáveis, e o setor de Coordenação Pedagógica; e por fim, espaço para que pais ou demais responsáveis, pudessem relatar suas experiências com a Coordenação Pedagógica ou com a escola, durante a pandemia de COVID-19.

O questionário foi elaborado no *Google Forms*, por possuir múltiplas ferramentas que se destacam consideravelmente, permitindo a facilitação da coleta de informações, devido a uma interface simples direta e objetiva. Além disso, é possível apurar os resultados de forma prática, tendo à disposição, gráficos, tabelas e outras ferramentas,

que facilitam a compreensão e a apresentação dos resultados obtidos. Ainda sobre o *Google Forms*, Mota (2019), afirma que os formulários podem servir:

Para a prática acadêmica e também para a prática pedagógica [...]. São apontadas, então, algumas características do Google Forms: possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios. Em síntese, o Google Forms pode ser muito útil em diversas atividades acadêmicas, nesse caso em especial, para a coleta e análise de dados estatísticos. (MOTA, 2019, p. 373).

Este recurso tecnológico foi implementado, buscando facilitar o trabalho de coleta de dados e informações, devido à praticidade que os entrevistados encontram no acesso ao questionário, recebendo um link através do aplicativo WhatsApp, proporcionando que as respostas sejam coletadas de maneira prática e ágil.

Durante as análises, pretendeu-se identificar situações e problemas ocorridos durante o período pesquisado em questão, assim como a atuação do setor de Coordenação Pedagógica, diante dos desafios encontrados na implementação do ensino remoto.

11.1. PESQUISA DE CAMPO - APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO AOS PAIS E RESPONSÁVEIS (QUESTÕES FECHADAS)

Nesta fase da pesquisa exploratória são apresentados os resultados e discussões sobre a percepção de pais ou algum outro responsável, por estudante da Rede Municipal de Ensino, durante o período de pandemia de Covid-19. Objetivamos analisar o papel da Coordenação Pedagógica durante este difícil momento pandêmico,

levando-se em consideração o olhar atento e crítico dos responsáveis, que também experienciaram esse contexto, ao lado dos alunos. Durante o trabalho de pesquisa foram entrevistadas 261 pessoas.

1ª Análise - Perfil dos entrevistados

A primeira análise teve como objetivo identificar se o entrevistado era pai ou mãe de aluno da Rede Municipal de Ensino, ou algum outro parente responsável pelo estudante; como revela o Gráfico 4.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

1 Você é...

261 respostas



Gráfico 4 - Fonte: próprio autor

Em seguida, buscamos identificar em qual série o estudante estava durante o momento pandêmico, Educação Infantil, Fundamental I (1º ao 5º ano) ou Fundamental II (6º ao 9º ano), de acordo com o Gráfico 5.

SÉRIE DOS ESTUDANTES, DURANTE O MOMENTO PANDÊMICO DE COVID-19

3 E em qual série estava durante o momento pandêmico?

261 respostas

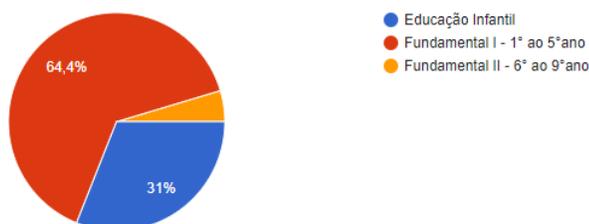


Gráfico 5 - Fonte: próprio autor

2ª Análise - Participação dos entrevistados junto à escola; demandas e feedbacks

O Gráfico 6 apresenta uma importante informação sobre a participação e interação dos responsáveis, junto à escola. O questionamento visa identificar se em algum momento durante o período pandêmico, o entrevistado foi convidado a participar com ideias e sugestões sobre como contribuir com o desenvolvimento das aulas.

PARTICIPAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS COM IDEIAS E SUGESTÕES, JUNTO À ESCOLA

9 Em algum momento durante o período pandêmico, você foi convidado(a) a participar com ideias e sugestões, sobre como contribuir com o desenvolvimento das aulas?

261 respostas

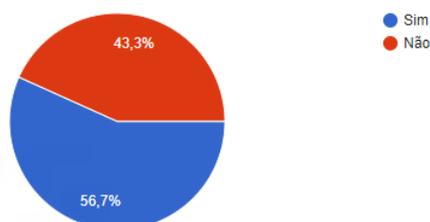


Gráfico 6 - Fonte: próprio autor

No Gráfico 7, demonstramos que uma das funções da Coordenação Pedagógica é atender a comunidade escolar em circunstâncias diversas. E durante a pandemia de Covid-19 a comunicação era utilizada por WhatsApp, redes sociais etc. Quando questionados se o setor respondia aos questionamentos e tirava dúvidas, os entrevistados responderam da seguinte forma:

REFERENTE A RESPOSTAS DO SETOR, JUNTO A PAIS E RESPONSÁVEIS

5 Uma das funções da Coordenação Pedagógica é atender a comunidade escolar (professor, aluno, pais/responsáveis) em circunstâncias diversas. E, durante a pandemia de Covid-19, a comunicação era realizada por WhatsApp, redes sociais etc. A Coordenação Pedagógica respondia aos seus questionamentos e tirava suas dúvidas?

261 respostas

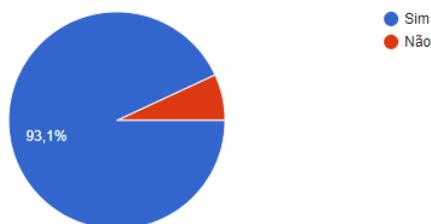


Gráfico 7 - Fonte: próprio autor

Outro dado relevante que diz respeito ao *feedback* de demandas apontadas pelos responsáveis, como pode ser constatado no Gráfico 8.

ÍNDICE DE SATISFAÇÃO REFERENTE A FEEDBACK

6 E qual o índice de satisfação você atribui ao setor, referente às respostas dadas, sobre esses questionamentos e dúvidas?

261 respostas

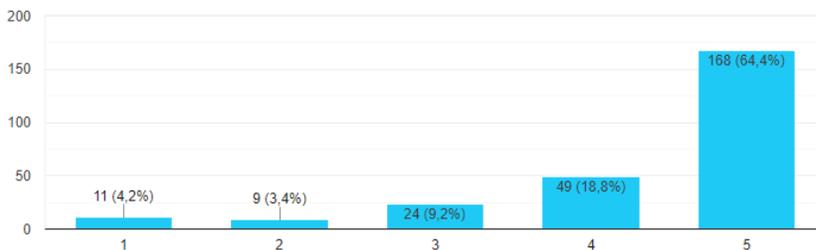


Gráfico 8 - Fonte: próprio autor

3ª Análise - Coordenação Pedagógica sob a ótica dos responsáveis

No Gráfico 9 é possível observar que no início da pandemia de Covid-19, o coordenador pedagógico se fez presente, demonstrando que seria o elo de ligação entre o entrevistado e a escola; segundo o grupo pesquisado.

O COORDENADOR COMO ELO DE LIGAÇÃO ENTRE ESCOLA E RESPONSÁVEIS

4 No início da pandemia de Covid-19, o(a) coordenador(a) pedagógico(a) se fez presente, demonstrando que seria o elo de ligação entre você e a escola?

261 respostas

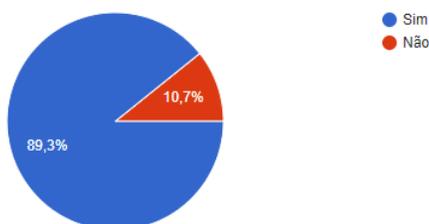


Gráfico 9 - Fonte: próprio autor

Já no Gráfico 10, quando convidados a fazerem uma análise do trabalho da Coordenação Pedagógica durante todo o período da pandemia de Covid-19, os entrevistados avaliaram da seguinte forma:

ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO SETOR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

12 Durante todo o período da pandemia de Covid-19, como você avalia o trabalho da Coordenação Pedagógica?

261 respostas

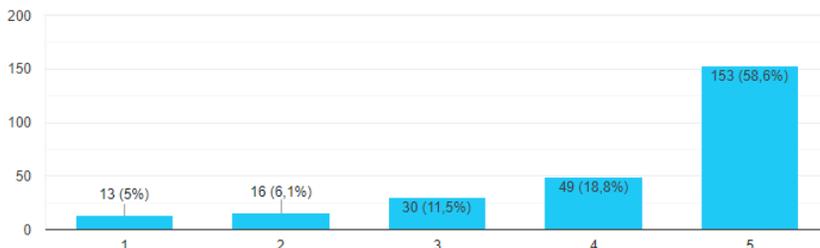


Gráfico 10 - Fonte: próprio autor

4ª Análise - Impressões de pais e responsáveis sobre a avaliação do processo remoto

Nesta quarta análise, observou-se as impressões de pais e demais responsáveis, sobre a avaliação do processo de ensino e aprendizagem de forma remota, durante o período de pandemia de COVID-19.

Aqui, vale ressaltar que, quando questionados sobre se no início ou durante o processo de implementação do ensino remoto, houve uma ou mais reuniões, com os responsáveis, para explicar como as aulas seriam ministradas durante a pandemia, os resultados foram os seguintes:

25,3% disseram que não houve reunião; 29,1% disseram ter tido apenas uma reunião; enquanto que 45,6% disseram ter existido duas ou mais reuniões. Ou seja, segundo 74,7% dos entrevistados, em algum momento eles tiveram algum tipo de informação sobre como seria a implementação do ensino remoto.

No Gráfico 11, foi questionado se em algum momento a Coordenação Pedagógica havia realizada avaliação sobre a eficiência ou não, do processo de ensino e aprendizagem através das aulas remotas.

AVALIAÇÃO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM, VIA AULA REMOTA

10 Em algum momento, a Coordenação Pedagógica fez alguma avaliação sobre a eficiência (ou não) do processo de ensino e aprendizagem, através das aulas remotas?

261 respostas

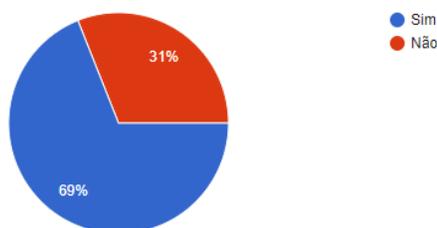


Gráfico 11 - Fonte: próprio autor

E quando questionados sobre o índice de satisfação referente à postura da Coordenação em verificar e eficiência das aulas remotas, as respostas ficaram da seguinte forma, de acordo com o Gráfico 12:

ÍNDICE DE SATISFAÇÃO SOBRE A POSTURA DO SETOR EM VERIFICAR A EFICIÊNCIA DO PROCESSO REMOTO

11 E como você avalia o índice de satisfação referente à postura da coordenação em verificar a eficiência, ou não, das aulas remotas?

261 respostas

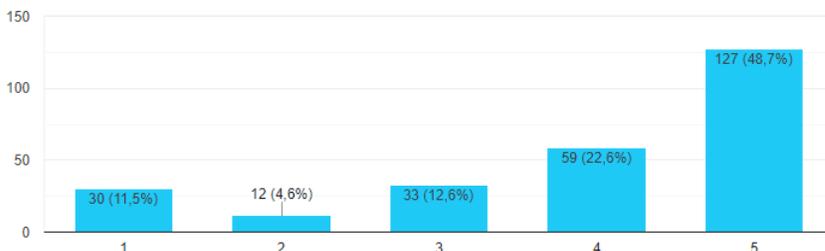


Gráfico 12 - Fonte: próprio autor

E por fim, como revela o Gráfico 13, perguntou-se aos entrevistados como eles classificariam o processo de ensino remoto durante a pandemia.

CLASSIFICAÇÃO DO PROCESSO REMOTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

13 Como você classificaria o processo de ensino remoto durante a pandemia?

261 respostas

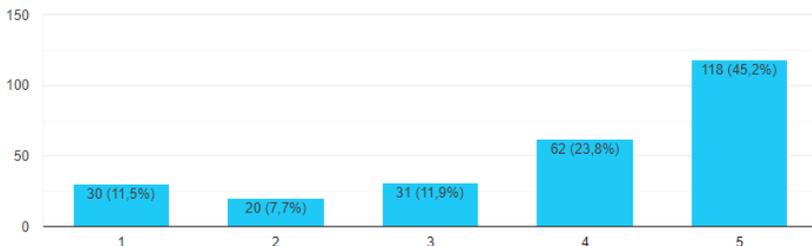


Gráfico 13 - Fonte: próprio autor

Diante da análise dos gráficos expostos é possível analisar que o grupo de entrevistados pesquisado, ficou basicamente dividido quando o assunto foi referente à participação ativa na escola, podendo contribuir ou não, com ideias e sugestões; afinal, para 56,7% dos entrevistados foi possível participar de forma ativa, enquanto os outros 43,3% disseram que não.

Já em relação à eficácia do setor sobre questionamentos e dúvidas dos responsáveis, a Coordenação Pedagógica foi bem avaliada. Mais de 90% dos pais e responsáveis afirmaram que os coordenadores atendiam às demandas solicitadas; e outro dado que corrobora esta afirmativa, demonstra que 83,2% dos entrevistados ficaram satisfeitos com as respostas fornecidas pelo setor.

Bruno e Christov (2015, p. 88) nos apresentaram o coordenador pedagógico como “leitor”, aquele com aptidão para fazer uma leitura de mundo, sobre fatos e acontecimentos que se desenrolaram durante a pandemia, reforçando a importância deste profissional, principalmente, durante o momento de crise. “[...] leitor de seus professores, dos estudantes, da comunidade na qual está inserida a escola, da cidade, do país, do mundo contemporâneo”.

E dessa forma, analisando as questões fechadas da aplicação do questionário aos pais e responsáveis, percebemos que o setor de Coordenação Pedagógica, conseguiu fazer uma leitura mais próxima da realidade, ainda que momentânea, que pudesse atender às necessidades de pais e responsáveis.

Para 89,3% dos entrevistados, o setor cumpriu com o seu papel de proporcionar o elo de ligação entre a escola e os pais e demais responsáveis. No entanto, no que diz respeito à qualidade do trabalho executado, percebemos que as notas indicadas pela escala linear de 1 a 5 ficaram variadas, apresentando resultados diversificados como, 22,6% dos entrevistados atribuíram as notas 1, 2 e 3; enquanto 18,8% dos entrevistados atribuíram a nota 4; e 56,8% a maior nota, 5.

Por fim, sobre a avaliação do processo de ensino remoto, 69% dos entrevistados disseram que em algum momento o setor fez

alguma avaliação. E 71,3% dos entrevistados avaliaram positivamente a postura do setor, em verificar a eficiência ou não das aulas remotas.

Os números mantêm uma coerência, quando os entrevistados avaliam de 1 a 5, classificando como foi o processo de ensino remoto durante a pandemia; sendo que 23,8% atribuíram a nota 4; e 45,2% a nota 5. Ou seja, para 69% dos entrevistados o processo de ensino remoto durante o momento pandêmico, foi classificado como eficiente.

Vale lembrar que, o estudo de Anjos e Francisco (2021, p.128), revela que durante a pandemia de COVID-19 as TDIC's foram um “[...] suporte de comunicação e manutenção de vínculos entre as famílias e as instituições educacionais”. E durante todo este trabalho, foi possível observar junto ao grupo de entrevistados, a necessidade do ensino remoto durante aquele difícil momento, mesmo com todas as ressalvas que esta modalidade de ensino possa ter.

Outro fator interessante que precisa ser mencionado, diz respeito à rotina das escolas, que procuraram se organizar, mesmo durante o afastamento social, como mencionam Barbosa e Soares (2021).

Ao afastar-se dos diferentes lócus de interação, os indivíduos são solicitados a assumir uma atitude solidária e coletiva, em que se mantém convivências com limites e cuidados consigo mesmo e com outras pessoas próximas e distantes, exigindo dos diferentes sujeitos que assumam e compreendam o seu lugar no mundo e constituam uma consciência sócio política e de classe (BARBOSA; SOARES, 2021, p.38).

E durante nossa trajetória nos deparamos com muitos relatos referentes a experiências que ratificam as palavras de Barbosa e Soares (2021), demonstrando uma movimentação positiva; escolas, coordenadores, professores e demais profissionais querendo fazer acontecer, mesmo diante dos obstáculos que surgiam diariamente.

Ainda foi possível perceber que essa colaboração, segundo Diniz e Moraes (2024), trouxe aspectos positivos:

Trouxe aspectos positivos para o desenvolvimento profissional dos docentes e saberes e fazeres dos coordenadores pedagógicos. Assim, notou-se que sem o diálogo e o incentivo recorrente entre a coordenação pedagógica e os professores, a tecnologia sozinha não pode garantir a aprendizagem dos alunos. Deste modo, é fundamental discutir o quanto o desenvolvimento profissional docente também pode ser um aliado diante das perspectivas futuras deixadas pela pandemia, especialmente no que se refere ao uso das tecnologias, pois ainda é necessário que os educadores se apropriem das ferramentas tecnológicas, com qualidade e criticidade. (DINIZ E MORAES, 2024, p. 15).

Aspectos positivos, experiências negativas, olhares outros e diversos foram detectados durante este trabalho de pesquisa. Se durante as análises das questões fechadas tivemos uma percepção mais positiva do que negativa; não podemos desconsiderar as minúcias e detalhes, apresentadas pelas questões abertas, quando os responsáveis por alunos da Rede Municipal de Ensino, foram mais enfáticos ao relatarem a ineficiência e/ou a falta de preparo na condução remota do processo de ensino e aprendizagem; entre outros problemas mais, relatados a seguir.

11.2. PESQUISA DE CAMPO - APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO AOS PAIS E RESPONSÁVEIS (QUESTÕES ABERTAS)

Ainda em relação à aplicação do questionário aos responsáveis por alunos da Rede Municipal de Ensino, no que se refere a questões abertas, são duas as questões a serem analisadas: “Por que você classificou o ensino remoto com esta nota” e “Fique à vontade para relatar suas experiências com a Coordenação Pedagógica ou com a escola, durante a pandemia de Covid-19”.

Antes de aprofundarmos um pouco mais sobre os depoimentos dos responsáveis, é importante citarmos a declaração da UNESCO (2020b, s. p.), falando sobre o fechamento de escolas durante o momento pandêmico: “[...] o fechamento das escolas exacerba desproporcionalmente as desigualdades educacionais para os mais vulneráveis, de modo que a continuidade, a inclusão e a equidade na educação devem ser garantidas agora mais do que nunca”.

E uma análise mais criteriosa sobre aquele período e seus desdobramentos para a escola e demais atores da comunidade escolar, precisa levar em conta a situação das pessoas mais vulneráveis, a fim de que possamos realizar um levantamento que se aproxime o máximo possível, das muitas realidades relatadas.

PRIMEIRO QUESTIONAMENTO

Em relação ao primeiro questionamento, “por que você classificou o ensino remoto com esta nota”, tal pergunta faz referência à questão anterior formulada no questionário, onde o entrevistado avaliou a classificação do ensino remoto durante a pandemia, numa escala linear de 1 a 5, como pouco eficiente ou muito eficiente.

É importante frisar que alguns entrevistados utilizaram o espaço para a resposta aberta, apenas para repetir a nota dada. Outros foram evasivos, dizendo algo como “por que sim”, “por que é minha opinião”, “por que não foi tão bom”, “achei muito bom”, “foi o nível que achei que tinha que dar”, “por que me agradou”, “por que é o que eu acho”, “não foi eficiente”, “péssimo atendimento aos pais e muita conversa fiada”, “não tive apoio”, “não rende”, “ruim para a criança aprender”, “foi exemplar”, “muita atividade para um dia”, “ficamos um pouco perdido”, “foi muito bom”, “por que elas são ótimas”, “meu filho não aprendeu muito”, “não foi bom”, “o momento pegou todos de surpresa”, “por que não gostei, achei ruim”, “regular”, “deixou muito a desejar”, “faltou mais esclarecimento”, “por que foi mais ou menos”, “por que sim”, “por que eu acho muito importante”, “foram muito atenciosos”, “foram muito prestativos”, “por que foi excelente”, “por

que as crianças não aprenderam direito”, “por que o atendimento foi bom”, entre outros.

Também houve quem se justificasse em relação aos anos que se passaram, alegando que não se lembrava muito bem do período pandêmico. A fim de melhor compreendermos as respostas referentes a esta primeira questão aberta, optamos por fazer uma divisão na apresentação dos resultados, conforme a escala linear:

1 E 2 - POUCO EFICIENTE

Os entrevistados que classificaram o ensino remoto como pouco eficiente, reclamaram de uma série de fatores, como por exemplo, pouca eficiência e ser maçante para o aluno. Outros responsáveis disseram que as aulas não rendiam o suficiente e se disseram insatisfeitos com a qualidade do ensino.

Veja como um dos entrevistados justificou a sua nota 1:

Minha filha não tinha nenhum ensino a professora só jogava as atividades no grupo do whatsapp. Sem dar uma explicação direita sobre a atividade. Não houve ensino durante esse período e todas as crianças, não somente a minha, todas, exceto as que tinham condições de pagar aula particular foram muito prejudicadas nesse ano e nos que seguiram também por conta de ficarem totalmente perdidos. Por falta de interesse do próprio aluno, que não se sentia estimulado a fazer as atividades [sic].

Já outra pessoa, deu uma nota 2, e ratificou que deveria ter sido dado mais conteúdo para os alunos:

Pq eu acharia que poderia ter sido dado mais conteúdo. Pela professora não tenho o que reclamar. Pois ela se desenvolveu bem dentro de suas dificuldades. Só que as matérias em si foram muito rasas e falavam mais

sobre o vírus do que msm o conteúdo pedagógico. Como meu filho estava na alfabetização a turma dele foi muito prejudicada e até hj estamos vivendo o mal desse atraso. Mas a professora que eles tiveram ajudou muito, mas ao decorrer dos anos só foi piorando ao invés de melhorar. E esse ano tá pior do que no início da pandemia [sic].

CRIANÇAS TIVERAM DIFICULDADE COM O ENSINO REMOTO

Uma das reclamações recorrentes foi referente ao fato de as crianças terem mais dificuldades em se adaptarem ao ensino remoto, conforme revelou uma mãe: “o ensino remoto não funciona muito bem com crianças. As crianças precisam de contato direto com o mundo infantil para se desenvolverem”.

De acordo com Oliveira e Souza (2020, p. 17), “as crianças não são autossuficientes e nem todas possuem o apoio de um responsável nos estudos. Além disso, a educação, mesmo com a modalidade da educação a distância, se configura como uma área que demanda o contato diário, presencial”.

Uma outra entrevistada justificou a pouca eficiência “porque o ensino remoto não possui os aspectos necessários para evolução da criança e as escolas não contam com todo aparato para ensino a distância”.

FALTA DE APOIO GOVERNAMENTAL

Ainda houve críticas sobre falta de apoio governamental e falta de equipamentos tecnológicos. “Não têm a ver com a coordenação, mas sim com o governo, que deveria ter prestado maior auxílio a quem não tem computador ou acesso limitado a internet”.

SILVA (2010) mostra a necessidade de a tecnologia ser ampliada em todas as esferas da vida, incluindo o âmbito escolar:

[...] o contato com o computador, com o aparelho de vídeo-conferência, data show e outras ferramentas tecnológicas avançadas de auxílio é imprescindível, e isso faz parte do cotidiano de educandos e educadores, não se restringindo somente na escola, mas ao lar, casa de colegas, *lan-houses* e muitos outros locais em que haja acessibilidade a estas ferramentas; contudo, existe a necessidade de análise e avaliação de qual ferramenta é necessária e apropriada. (SILVA, 2010, p. 270).

Já outro responsável argumentou da seguinte forma: “porque demorou para colocar meu telefone para que meu filho pudesse participar das aulas online. O governo não ajudava”.

Outros três entrevistados disseram o seguinte: “faltou mais prestações de serviços do governo”; “Porque foi muito difícil pras crianças ter que fazer as atividades online nem todo mundo tem telefone ou internet [sic]”; “Por que minha filha não tinha como participar das aulas online”.

DESPREPARO

O despreparo da escola também foi pontuado: “acredito que foi um período perdido para a educação dos alunos e que a rede pública não estava e não está preparada para momentos assim”. E “sem aulas presenciais o ensino não é completo”, argumentou outra pessoa. “O ensino remoto jamais irá substituir uma professora em sala de aula”, justificou outro responsável.

Observe alguns depoimentos sucintos e diretos sobre a pouca eficiência do ensino remoto e o despreparo com o momento:

- “Porque esse processo remoto atrapalhou muito meu filho no aprendizado dá leitura”.

- “Porque não ajudou em nada os alunos e quando voltou, a escola não deu uma atenção aos alunos. Muitos até hoje têm dificuldade em ler e escrever sozinho”.

- “Infelizmente o processo de aprendizado feito remotamente, para a idade da minha filha, não é muito vantajoso”.

- “Porque simplesmente para os que estavam alfabetizando, não funcionou direito eles não conseguiram”.

- “Não gostei é muito mais difícil para o aluno aprender”.

- “Pois a distância é bem difícil para criança aprender com eficiência”.

Aqui é importante pontuarmos a necessidade e importância de o setor de Coordenação Pedagógica, quanto a escola em si, ter a capacidade de receber críticas, como alertam Faustino & Silva (2020).

Por ser responsável por questões administrativas e educativas, o coordenador e gestor precisam possuir algumas qualidades, como, por exemplo, ter capacidade de receber críticas e considerar as opiniões e sugestões [...] e auxiliar nos métodos de avaliação e cumprimento do currículo, precisa estar atento aos novos recursos de promoção de aprendizagem disponíveis, para que a escola possa se apropriar e melhor desenvolver o funcionamento dos trabalhos pedagógicos. (FAUSTINO & SILVA, 2020, p. 56).

E o período de pandemia de COVID-19 precisa de uma especial reflexão, principalmente sobre aquilo que não funcionou, aquilo que deu errado, para que no futuro, caso haja momentos semelhantes, o setor pedagógico e toda a comunidade escolar, possam melhor lidar com os problemas que venham surgir.

OUTROS ARGUMENTOS

A falta de um contato mais eficiente com a escola, também foi pontuada: “não fiquei por dentro de nada! Eu tinha que ir à escola para buscar folhas para minha filha estudar”. Um outro comentário alegou que “faltou empenho em formar uma relação pais e escola”. Uma outra justificativa dizia o seguinte: “muito mal tivemos contato com a professora, que demorava muito tempo para responder e tirar dúvidas”.

Ainda houve reclamação referente a material didático: “o ensino, achei fraco pela idade do meu filho. Não tive acesso ao material didático, tive que pagar para imprimir”. “Não aprovei o conteúdo, o material está ultrapassado. O terceiro ano, estava com o conteúdo do segundo ano”, alegou outro responsável.

Mesmo achando que o ensino remoto foi pouco eficiente, dando inclusive uma nota 2, encontramos um depoimento que poderíamos classificar como “compreensivo”.

Como o ensino não foi presencial, isso atrapalhou bastante o aprendizado. Acredito que meu filho não aprendeu adequadamente como se estivesse em sala de aula, mas foi o que podia ser feito no momento diante da situação da pandemia [sic].

Ainda houve quem reclamasse da falta de incentivo. “Acho que ainda, faltou um pouco mais de incentivo, entre aluno e escola, escola e aluno. Ainda ficou uma brecha, por tudo ser tão novo e repentino”.

Veja outros depoimentos mais, que foram cuidadosamente separados para a análise desta pesquisa:

- “Não achei os exercícios compatíveis com a idade”.
- “Porque a alfabetização não foi produtiva”.
- “Para uma criança que está começando a introdução no sistema de ensino, fica um pouco difícil o aprendizado remoto”.

- “Estava tudo literalmente sob a responsabilidade da família. Só entregavam material e algumas vezes uma cesta de alimentação”.

Aqui, precisamos pontuar algo que não pode passar despercebido, a ‘fome’; como aponta a pesquisa desenvolvida por Tavares, Pessanha e Macedo (2021), afirmando que o número de famílias pobres, tem se elevado significativamente durante o período da pandemia.

A fome associa-se a essa condição. Nesse contexto, faz-se necessário pensar em como estão as crianças com as quais trabalhamos, desprovidas, em muitos casos, de condições objetivas materiais, com seus familiares desempregados e comprometidos em suas rendas, sofrendo os impactos de retração da economia, decorrente da pandemia (TAVARES; PESSANHA; MACEDO, 2021, p.88).

Apesar de não termos objetivado aprofundar no quesito ‘fome’ durante a pandemia de COVID-19, faz-se necessária essa reflexão, afinal, muitos perderam seus empregos e, conseqüentemente, a questão alimentar ficou em risco. A Secretaria de Educação montou kits de alimentação, e fez a distribuição para os responsáveis pelos alunos em algumas oportunidades.

Retomando os depoimentos analisados, foram muitas as questões levantadas pelos responsáveis, que os levaram a classificar o ensino remoto como pouco eficiente, demonstrando não só a complexidade da implementação do processo de ensino remoto em si; como toda a realidade que envolveu a escola, professores, alunos e família durante a pandemia de COVID-19.

3 - MÉDIA

O momento ou período pandêmico, como queira, foi a justificativa mais citada por aqueles que atribuíram a média 3, sobre a eficiência do processo de ensino remoto. Observe o relato a seguir:

Foi um período muito difícil p as crianças, muita mudanças, e sem dúvida a absorção de conteúdo não foi a mesma do que é com aula presencial. Não foi um bom período para a educação a fase da pandemia [sic].

Confira outros depoimentos que também atrelam as dificuldades vivenciadas, ao difícil momento pandêmico:

- “Porque foi uma época difícil para todos e inclusive para os alunos, não estavam acostumados com esse tipo de aula”.

- “Não tem como ninguém ter aproveitado com muito desempenho o período que vivemos de pandemia, muito menos as crianças”.

- “Porque nesse período os alunos teriam que ter tido mais suporte, pois muitos alunos não aprenderam nada nesse período”.

E este difícil momento, obrigando o isolamento social, ainda promoveu uma maior visibilidade da desigualdade no Brasil, conforme mencionam Faustino & Silva (2020).

Tal asserção é uma realidade para muitas crianças, já que esse isolamento social também promove maior visibilidade da desigualdade existente no país, não apenas em relação ao acesso à internet ou aos recursos que lhe deem esta conexão, mas também uma desigualdade social, cultural e educacional, pois, por óbvio, os mesmos recursos das escolas privadas não possuem os alunos das escolas públicas, principalmente nos interiores municipais, onde a

escassez de recursos financeiros e de pessoal é ainda mais severa. (FAUSTINO & SILVA, 2020, p. 59).

Tal desigualdade precisa se fazer presente em todas as análises, reflexões e discussões, junto às comunidades escolar e acadêmica, a fim de, não só melhor compreender o processo de desigualdade, como trabalharmos visando buscar soluções, ainda que paliativas.

Houve ainda quem mencionasse a dificuldade do ensino remoto para crianças, mesmo assim, optou por uma média 3. “Ensino a distância, principalmente com crianças não é algo fácil. Porém mesmo assim, meus filhos tiveram uma nítida evolução de aprendizagem”, comentou uma mãe.

Outros depoimentos mencionavam a presença do professor em responder aos questionamentos; ou que o professor, mesmo de casa, dava um jeito de ensinar os alunos; outros depoimentos mencionavam que o conteúdo não foi todo aprendido, por que os pais não sabiam ensinar os seus filhos.

Por fim, ainda identificamos depoimentos falando sobre a deficiência do ensino remoto e que a aula presencial é de suma importância. A paralisação forçada das aulas e a implementação do ensino remoto, segundo Castaman e Rodrigues (2020) nos permitiu observar um desvirtuamento conceitual e ideológico:

Ou seja, o conceito de ensino remoto utilizado como sinônimo de educação a distância e a educação digital como redentora do vácuo educacional proveniente da necessidade de suspensão das aulas presenciais, desconsiderando que essa paralisação forçada pode gerar perdas irreparáveis tanto do ponto de vista das relações que se tornam mais distantes, oportunizando inclusive a evasão e o aumento da desigualdade. (CASTAMAN E RODRIGUES, 2020, p. 3).

Como já pontuado em outras ocasiões, esta pesquisa não primou por aprofundar nos quesitos “evasão escolar” ou “aumento da desigualdade” durante a pandemia; entretanto, faz-se necessário esse tipo de apontamento, a fim de que em estudos futuros, possamos esmiuçar tais temáticas.

4 E 5 - MUITO EFICIENTE

Os que classificaram o ensino remoto como muito eficiente, o fizeram apontando muitas justificativas. De imediato, dois comentários mencionaram o trabalho realizado pela Escola S. J. (***Abreviatura desta e outras escolas, a fim de não identificar as unidades escolares***).

Porque meu filho veio de outro colégio, com a aprendizagem totalmente atrasada e muitas dificuldades para realizar as tarefas. O colégio S. J. (abreviatura nossa), a professora... juntamente com a diretora, orientadora pedagógica, em apenas três meses e entre várias reuniões remotas comigo, conseguimos ainda na pandemia, alfabetizar e adiantar a aprendizagem do meu filho, deixando ele no mesmo “nível” de ensino dos demais alunos [sic].

No outro depoimento, a mãe chega a mencionar que não iria participar da pesquisa, mas devido a gratidão que sente pelo trabalho realizado, deixou os afazeres, a fim de participar da entrevista.

Eu não ia participar da pesquisa devido a falta de tempo e correria do trabalho, mas em nome da minha gratidão com o Colégio S. J. (abreviatura nossa) e toda a sua equipe, eu parei tudo e decidi deixar registrado a eficiência e comprometimento dos funcionários [sic].

Outra escola mencionada nos comentários foi a Escola O. J. da S., veja: “foi um ano muito difícil, mas foi através das aulas online que meu filho com deficiência intelectual aprendeu a ler com mediadora. Sou muito grata a Deus e a toda equipe do Colégio O. J. da S. (abreviatura nossa)”. Já a Escola Municipal B. de M. foi mencionada, com a argumentação de que “fizeram aulas remotas até com transmissão ao vivo e diariamente no *meet*”.

ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS E DA ESCOLA

Um fato interessante a ser observado em relação a este grupo que classificou o ensino remoto como muito eficiente, é que os comentários dizem respeito à atuação dos profissionais da escola, que se dedicaram durante o período pandêmico.

Para Nóvoa (2020a, p. 3), mesmo diante dos desafios e dilemas durante a pandemia, foi possível observar grandes aprendizados, “pois, ainda que em condições difíceis, os profissionais da educação conseguiram inventar respostas úteis e pedagogicamente consistentes, através de dinâmicas de colaboração dentro e fora das escolas”.

E para este grupo de entrevistados que classificou o ensino remoto como muito eficiente, atribuindo as médias 4 e 5, os profissionais conseguiram atender as suas expectativas. Confira alguns outros comentários, que ratificam este pensamento!

- “A professora foi muito presente, sempre tirando as nossas dúvidas. Muito atenciosa”.

- “Porque eles sempre estavam enviando as mensagens para motivar os alunos”.

- “Porque durante esse processo, a escola de manteve firme, e nos ajudava em tudo sobre a pandemia”.

- “A professora era eficiente. Fazia seu trabalho com zelo”.

- “A escola deu muita atenção ao aluno”.

- “Porque todos os profissionais da escola se desdobraram para fazer o melhor. Meu filho se empenhou bastante, mas o ensino

remoto não supriu o ensino como um ensino presencial, mas dentro do possível de cada um foi bem-sucedido”.

- “Minhas netas conseguiram êxito no aprendizado durante a pandemia com aulas remotas. Professores eficientes fizeram a diferença”.

- “Porque tive minhas dúvidas sempre respondidas pelos responsáveis da escola”.

- “Porque por mais difícil que foi, a coordenadora e os professores fizeram o seu melhor pelas crianças da escola”.

- “Porque sempre foram muito atenciosos, a professora era muito atenciosa com todos e toda a equipe pedagógica era muito atenciosa em relação as aulas, dúvidas e demais questões”.

- “Porque em todo momento a equipe pedagógica sempre ajudava com tudo, sempre orientando e esclarecendo todas as dúvidas sobre as atividades”.

Observe que há depoimentos em que podemos fazer um recorte a respeito da atuação do coordenador pedagógico, como propõe Franco (2016, p. 19), entendendo que “o trabalho do coordenador pedagógico é uma atividade voltada essencialmente à organização, compreensão e transformação da práxis docente, para fins coletivamente organizados”.

OUTROS ARGUMENTOS DE VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL

E outros responsáveis mais, classificaram o ensino remoto como muito eficiente e se justificaram com os seguintes comentários:

- “É um trabalho eficiente. Por conta dos professores que deram uma atenção aos alunos com cuidados básicos de segurança e carinho com nossos pequenos”.

- “Não tive problemas com a escola em relação a passar o conteúdo trabalhado. Sempre estiveram prontos a nos ajudar”.

- “A escola tem excelentes profissionais”.

- “Todos os profissionais de ensino se fizeram presentes respondendo perguntas e tirando dúvidas”.

Esses foram alguns comentários que valorizaram a atuação dos profissionais. O próximo comentário também valorizou o trabalho desempenhado, mas, lembra que não é possível comparar o ensino remoto ao presencial.

Foi um ano difícil para todos devido a pandemia! Todos fizeram o que puderam, não pode ser muito melhor devido a pandemia! Sem comparação da aula presencial... Porém apesar das dificuldades eles foram excelentes [sic]!

Ainda obtivemos comentários dizendo que o melhor que poderia ter sido feito, foi feito; outros demonstrando que o filho conseguiu aprender a ler, mesmo durante aquele difícil momento; e ainda houve a argumentação de que o estudante, mesmo longe da escola, não ficou sem Educação.

Por fim, identificamos um comentário justificando a eficiência do processo de ensino e aprendizado de forma remota, dizendo o seguinte: “porque eles trabalharam buscando amenizar o prejuízo que a COVID-19 deixou. Na falta das escolas seria muito pior se não tivesse nada”.

Diante do exposto, é pertinente a colocação feita por Nóvoa (2020b, p. 10), ao mencionar que “[...] as capacidades de iniciativa, de experimentação e de inovação manifestadas durante a pandemia devem ser alargadas e aprofundadas no futuro, como parte de uma nova afirmação profissional dos professores”.

E não só dos professores, como coordenadores e demais profissionais do setor educacional. Não há como negar a necessidade de tirarmos lições e aprendizados diante do contexto experienciado, potencializando as relações humanas, bem como uma postura

colaborativa entre a comunidade escolar, visando um futuro mais ameno, diante de difíceis situações.

SEGUNDO QUESTIONAMENTO

“Fique à vontade para relatar suas experiências com a Coordenação Pedagógica ou com a escola, durante a pandemia de COVID-19”. A partir deste segundo e último questionamento, separamos alguns relatos de pais e demais responsáveis.

RESPOSTAS SUCINTAS

Durante a análise deste questionamento, observamos muitas respostas sucintas, outras com apenas uma única palavra, como por exemplo, “bom”, “boa”, “top”, “satisfatório”, “tranquila”, “ótima”, “sim”, “péssima”, “satisfeito”, “excelente”, “maravilhosos”, “normal”, “obrigada”, “não”, “ok”, “normal” etc. Ainda tiveram aqueles que disseram que não queriam comentar nada.

Entre as respostas sucintas, destacamos algumas: “eles foram super atenciosos”, “nenhuma reclamação”, “eu amo essa escola e funcionários”, “foi tranquilo sem problemas”, “uma experiência muito satisfatória”, “escola boa”, “o mais acolhedor possível”, “atendeu tudo que eu precisei”, “foi bem tranquilo”, “ótima experiência”, “tive pouco contato”, “muito boa”, “nota 10”, “eles foram excelentes”, “os alunos não estão preparados”, “sempre disponíveis”, “uma ótima experiência, nada a reclamar”, “minha experiência foi boa”, “eles estão sempre à disposição”, “eles estão sempre à disposição”, “experiência muito boa”, “poderia ter sido melhor”, “foi boa teve um bom suporte”, “foi muito boa minha experiência”, “foi boa, sempre estávamos em contato”, “muito agradecida”, “a coordenação é maravilhosa”, “muito fraco”, entre outros depoimentos.

CRÍTICAS PONTUAIS

Observe ainda, estes outros depoimentos, evidenciando inclusive, uma má comunicação junto aos pais e demais responsáveis!

- “Não atendeu as necessidades dos alunos e dos pais”.
- “Faltou mais empatia com os pais de alunos”.
- “Cada criança fazia e enviava as fotos, somente não tinha correção do que estava certo e nem errado”.
- “Na minha concepção foi péssimo a forma que lidaram com toda a situação”.
- “Escola mal se importava se o aluno estava ou não estava fazendo as atividades”.
- “Informações vagas, por conta do período conturbado que vivenciamos”.
- “A coordenação foi boa, apenas o governo que não auxiliou como deveria”.
- “A escola deixou um pouco a desejar, ao contrário da professora que era bastante atenciosa”.
- “Faltou apenas um pouco mais dos governos”.
- “Péssimo, colégio em divergência com a gente para passar notícia e informações”.
- “Faltou mais desempenho deles para conosco nesse período”.
- “O ensino em casa não era o mesmo que na escola”.
- “Ruim foram as aulas, porque são muito pequenos para aprenderem as coisas a distância”.

Assim sendo, observou-se questionamentos referentes a atuação governamental, como da escola ou do gestor educacional em estabelecer elo de comunicação eficiente, que viesse atender às demandas. Faustino & Silva (2020, p. 61) mencionam a necessidade de respostas precisas que possam gerar mudanças, bem como resolver problemas. “A sensibilidade, nesse aspecto, é característica intrínseca na comunicação”, e complementam:

Falar a mesma linguagem é de extrema importância para a organização e utilização eficaz das ferramentas a serem utilizadas no processo, até mesmo para os alunos compreenderem os instrumentos e saberem como podem manuseá-los de modo mais benéfico e produtivo. (FAUSTINO E SILVA, 2020, p. 61).

ELOGIOS

Já outros depoimentos sucintos, foram mais favoráveis ao desempenho da escola e de seus profissionais, durante o momento pandêmico. Observe!

- “Foi um trabalho muito bem elaborado e executado”.
- “A troca de informações, acredito que foram satisfatórias”.
- “Equipe muito voltada e preocupada com os alunos”.
- “Fui muito bem informada de tudo que se passava”.
- “Não tenho nada a reclamar, os responsáveis sempre me atenderam”.
- “A equipe pedagógica foi muito essencial para que a qualidade do ensino”.
- “Sempre muito presente. Nos deram total apoio para que as crianças tivessem bons conteúdos de ensino”.
- “A escola facilitou a comunicação, houve parceria para impressão de material, dentro do possível, foi bem legal executado”.
- “A escola faz o trabalho dela, fez até as mães se aproximarem dos filhos”.
- “Foi maravilhoso, escola muito atenciosa, sempre nos ajudava em qualquer dúvida”.
- “Foi uma experiência onde ambos aprenderam a lidar com o novo normal”.
- “A escola se fez muito presente e deu total suporte durante esse período de pandemia”.

- “A coordenação fez seu trabalho muito bem, fizeram tudo que estava ao alcance deles”.

- “Todos foram exemplo do que é ser um bom profissional”.

- “Eles tiveram cuidado com as crianças e tiveram muita higiene com todos e com a escola”.

- “Da escola não tenho o que reclamar foram muito atenciosos com as famílias”.

- “Foram bastante esclarecedoras e a escola foi participativa no processo”.

- “Dentro do possível, o setor e a escola desempenharam um bom papel”.

Os depoimentos demonstram significados essenciais, na questão das relações estabelecidas entre a escola e os profissionais, junto aos responsáveis; demonstrando a importância de ‘cuidar’, como propõe Almeida (2012).

Cuidar e ser cuidado faz parte da constituição humana. E, como implica ação, o cuidar, no campo das relações pedagógicas, demanda o comprometimento, a disponibilidade para reconhecer as necessidades do outro naquele momento, naquele contexto determinado (ALMEIDA, 2012, p. 43).

Foram muitas as falas detectadas, demonstrando essa relação de cuidado, principalmente relatos elogiando a atuação de professores, a forma como estes profissionais se portou diante dos desafios impostos pela pandemia.

Apesar de a maioria das respostas serem mais diretas e objetivas; e de termos respostas monossilábicas ou ainda a falta de respostas por parte de alguns entrevistados, que preferiram nada dizer, deparamo-nos com respostas mais completas, que também merecem a nossa análise, com o mesmo olhar atento.

RELATOS OUTROS

O primeiro comentário destacado nesta fase da nossa análise, menciona justamente a necessidade de aprender com o difícil momento pandêmico, a ponto de tirarmos algumas lições sobre tudo isso que aconteceu recentemente.

Acredito que tenha sido um período perdido para a educação dos alunos e que a rede pública não estava e não está preparada para momentos assim. Os professores não estavam preparados, os alunos não tinham como utilizar as plataformas de ensino. Foi um período difícil, mas que podemos tirar vantagens, incluindo políticas que já englobem a tecnologia no contexto estudantil público, para que não possamos ser pegos de surpresa novamente [sic].

Neste próximo comentário, a mãe elogia o trabalho da professora, mas pontua a desorganização da escola.

A professora fez o que estava ao alcance dela, que por sinal é a melhor professora que a escola tem no quesito alfabetização foi uma pena as crianças não poderem ir às aulas presenciais por causa da pandemia e sobre a coordenação não tem o que falar porque até hoje e um descanso com os alunos até hoje a escola e a única que não recebeu uniforme escolar, a escola e muito desorganizada no meu ponto de vista [sic].

Uma outra mãe aproveitou o espaço, a fim de fazer uma comparação com o retorno às aulas presenciais e, para a nossa surpresa, a reclamação principal gira em torno do ensino presencial.

Durante a pandemia até que não foi ruim o ensino. Não houve reuniões pra explicar mas a direção sempre estava pronta a atender no privado do ZAP. Professores TB sempre atendiam quando precisei. Só acho que a matéria foi bem fraca e está sendo até hj. Meu filho só adiantou bem, pq eu ensinava em casa e esse ano fui obrigada, até sem poder, pagar professor particular, pq na leitura e escrita tava bem ruim. Nas aulas online não tava tão ruim como foi o processo depois das volta e está sendo até hj. Muito atrasado o ensino. Culpam os pais e pandemia, mas depois das aulas presenciais ficou bem fraco o conteúdo [sic].

Este outro entrevistado optou por relatar a falta de contato com a escola, fazendo críticas pontuais àquele período.

Durante a pandemia, tivemos muito pouco contato com qualquer parte da escola. Mal respondiam as perguntas feitas via WhatsApp e era muito mal coordenado as atividades. Só no final da pandemia é que entregaram as atividades para fazermos com as crianças em casa, no início tínhamos que copiar as atividades nos cadernos ou imprimir as atividades por conta própria. Muita pouca informação das partes escolares e só sabiam falar que tinham que esperar os superiores mandarem os materiais [sic].

Alguns outros entrevistados, relataram não se lembrarem muito bem dos fatos na época, “tem muitas coisas que não me lembro, mas acho que na medida do possível foi fluído, por se tratar de algo novo e nem todos terem acesso à Internet, e como mexer com o *Google Meet* para reuniões”. Outros preferiram falar sobre a alfabetização, como neste comentário: “deixou a desejar porque a alfabetização é a base para outras matérias. E infelizmente a educação pública foi péssima. Agora temos um alto índice de crianças sem saber ler”.

O depoimento sobre uma escola específica, despertou-nos a atenção, não só pela satisfação ao relatar o trabalho dos profissionais, como pelo envolvimento para que as crianças tivessem suas dúvidas sanadas.

Os profissionais da E. M. O. J. da S. (abreviação nossa) estão de parabéns pelo trabalho durante o processo de aprendizagem durante a pandemia de Covid-19. Todos os profissionais de ensino deram muita atenção aos pais e aos alunos, respondendo perguntas e tirando dúvidas sobre os exercícios e avaliações aplicadas durante as aulas remotas, criando aplicativos para as aulas e desenvolvendo modos de todos participarem de modo que as crianças mais carentes sem acesso a Internet poderiam ir a escola com todas as devidas proteções exigidas buscarem as atitudes uma vez por semana para serem desenvolvidas em casa pelas crianças com ajuda dos pais e quando tinham dúvidas os professores estavam sempre atentos a tirar dúvidas. Sendo assim a equipe do colégio está de parabéns pelo profissionalismo [sic].

Apenas a título de esclarecimento, a Escola Municipal O. J. da S. não desenvolveu nenhum aplicativo. A Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), liberou o acesso à plataforma de ensino à distância (EAD SEMED), para os alunos de 1º ao 9º ano da Rede Municipal de Ensino. Tal plataforma foi desenvolvida pela equipe do Núcleo de Tecnologia e Informação da SEMED.

Um outro depoimento despertou a curiosidade, pois segundo relato, o professor não poderia ser cobrado: “questionei a direção somente uma vez sobre a forma de ensino e a resposta que obtive era de que o professor não tinha a obrigação de criar uma aula online, que tudo aquilo era atípico e que por isso ele não podia ser cobrado”.

Há uma série de outros relatos afirmando que a escola fez tudo aquilo que era possível ter sido feito, durante a pandemia

de COVID-19; outros afirmaram que as escolas foram muito bem, inclusive nos cuidados básicos de higiene; há ainda depoimentos afirmando que os alunos não foram abandonados. “Os alunos nunca ficaram abandonados, sem ajuda, sempre tiveram a extensão dos ensinamentos. A vida escolar não ficou paralisada, mesmo estando em casa”.

São muitos os relatos e experiências mencionados durante este questionamento; ainda que de forma fragmentada, é possível perceber recortes múltiplos de situações vivenciadas no dia a dia dos responsáveis e alunos, que vivenciaram o contexto pandêmico, com suas respectivas particularidades e idiosincrasias.

Ao verificarmos os gráficos e os questionamentos que podem ser contabilizados, percebemos que para aquele grupo específico de entrevistados, o setor de Coordenação Pedagógica, bem como a escola e seus profissionais, desempenharam suas funções – na medida do possível – de forma positiva, sob a ótica dos responsáveis.

As questões abertas também demonstram – em muitas situações e contextos – que o trabalho foi realizado de forma satisfatória, para uma determinada parte do grupo de 261 pessoas. Entretanto, ainda há outras respostas que evidenciam uma série de problemas, seja do setor de Coordenação Pedagógica e, conseqüentemente a escola; ou até mesmo pela falta de estrutura e equipamentos, para que os alunos pudessem ao menos ter direito ao ensino remoto.

O momento experienciado durante a pandemia nos instigou a pensar além dos muros escolares, e buscar entender o coletivo, como mencionam Ferraz e Silva (2021):

Estamos vivenciando uma situação que exige replanejamento, isto é, exige uma reconfiguração do desenho didático, do próprio trabalho pedagógico. Esse processo de reestruturação também perpassa as múltiplas relações que são construídas no contexto do processo ensino e aprendizagem, cabendo a seus atores compartilharem em busca de reconstruir/

reestruturar/ressignificar sua forma de ensinar, aprender, acompanhar, além de um novo processo de vinculação destes e da escola com a família (FERRAZ e SILVA, 2021).

Reconstruir, reestruturar e principalmente ressignificar precisam fazer parte do dia a dia dos profissionais da educação, autoridades governamentais, instituições de ensino e a sociedade como um todo, a fim de entendermos que Mundo é este pós-pandemia.

Ainda são muitos os relatos que merecem uma reflexão mais apurada sobre o momento pandêmico vivenciado pela comunidade escolar; no entanto, um depoimento nos dá fortes pistas, a fim de que paremos! Que tal uma pausa para pensar? Para seguirmos adiante, objetivando aprender com as experiências recentes daquele momento terrível e complicado para todos. Sendo assim, permita-nos citar novamente o depoimento:

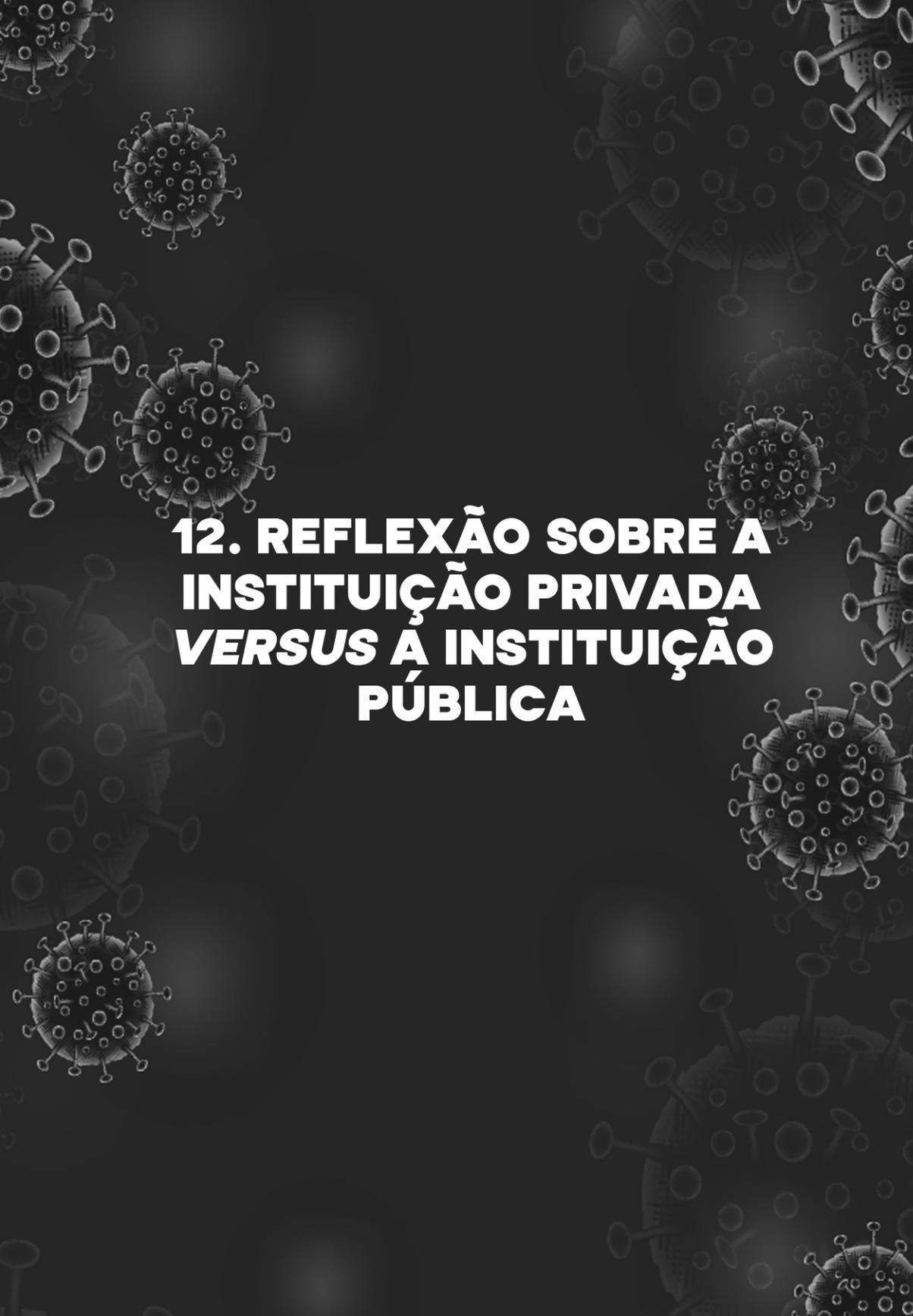
Acredito que tenha sido um período perdido para a educação dos alunos e que a rede pública não estava e não está preparada para momentos assim. Os professores não estavam preparados, os alunos não tinham como utilizar as plataformas de ensino. Foi um período difícil, mas que podemos tirar vantagens, incluindo políticas que já englobem a tecnologia no contexto estudantil público, para que não possamos ser pegos de surpresa novamente [sic].

Este depoimento foi escolhido para o encerramento deste capítulo de forma intencional e mais abrangente, no sentido de juntos, ultrapassarmos as barreiras da Rede Municipal de Ensino e avançarmos em nossas reflexões.

Foi realmente um período perdido para a Educação? A rede pública não estava preparada para tal enfrentamento? Professores e alunos estavam aptos a lidarem com as plataformas de ensino? E que

tipo de lições ou vantagens podemos tirar daquele período? Temos ou teremos políticas públicas que englobem as tecnologias no contextos estudantil público? E por fim, seremos pegos de surpresa novamente?!

Enquanto pesquisadores, estes e outros questionamentos nos impulsionam a seguir adiante, visando contribuir (ainda que minimamente) com as comunidades escolar e acadêmica, primando pela seriedade dos trabalhos realizados. Fica ainda, uma reflexão individual a cada educador que possa ter acesso a esta pesquisa, no sentido de repensar práticas e estratégias educacionais (em momentos de crises ou não), que possam ser significativas no processo de ensino e aprendizagem, seja de forma remota ou presencial.

The background of the page is a dark gray color, overlaid with a repeating pattern of stylized virus particles. Each virus particle is depicted as a spherical body covered in numerous small, circular protrusions, resembling the surface of a coronavirus. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and texture.

12. REFLEXÃO SOBRE A INSTITUIÇÃO PRIVADA VERSUS A INSTITUIÇÃO PÚBLICA

Apesar de esta pesquisa não pretender traçar um panorama comparativo entre a atuação dos setores de Coordenação Pedagógica de instituições privadas e públicas, sob a ótica dos pais e demais responsáveis, alguns resultados chamaram a nossa atenção e precisam ser colocados em discussão.

Diante de todos os dados coletados, novas inquietações foram surgindo e vimos a necessidade de ampliar esta discussão, a fim de propormos novos questionamentos e reflexões. E o *start* inicial para a elaboração deste capítulo foi justamente o comentário que classificamos como “compreensivo”, relembre:

Como o ensino não foi presencial, isso atrapalhou bastante o aprendizado. Acredito que meu filho não aprendeu adequadamente como se estivesse em sala de aula, mas foi o que podia ser feito no momento diante da situação da pandemia [sic].

Será que realmente o que poderia ter sido feito, foi feito? Aqui é possível notar uma mãe conformada diante do momento pandêmico em si, bem como sobre aquilo que a escola e a Coordenação Pedagógica ofereceram, conseqüentemente. Vamos lembrar este outro comentário, a fim de darmos seqüência em nossas reflexões:

Minha filha não tinha nenhum ensino a professora só jogava as atividades no grupo do whatsapp. Sem dar uma explicação direita sobre a atividade. Não houve ensino durante esse período e todas as crianças, não somente a minha, todas, exceto as que tinham condições de pagar aula particular foram muito prejudicadas nesse ano e nos que seguiram também por conta de ficarem totalmente perdidos. Por falta de interesse do próprio aluno, que não se sentia estimulado a fazer as atividades [sic].

Observe que esta mãe afirma que somente as crianças, cujos pais puderam pagar um professor particular, não tiveram o ensino prejudicado. E aqui passamos a fazer alguns questionamentos: por que não, ao menos tentar ensinar o próprio filho diante de uma situação excepcional? Não está apta para tal tarefa? Trabalha muito a ponto de não ter tempo? Não tem interesse e transfere a outros a função de ensinar? Como os pais se portaram diante daquele contexto de pandemia, no sentido de proporcionar apoio aos filhos?

Talvez não tenhamos a resposta exata e não venhamos a conhecer o perfil exato desta mãe e de muitos outros responsáveis, entretanto, é possível apontar alguns caminhos, que passarão justamente pela nossa pesquisa inicial e, posteriormente, pela pesquisa principal.

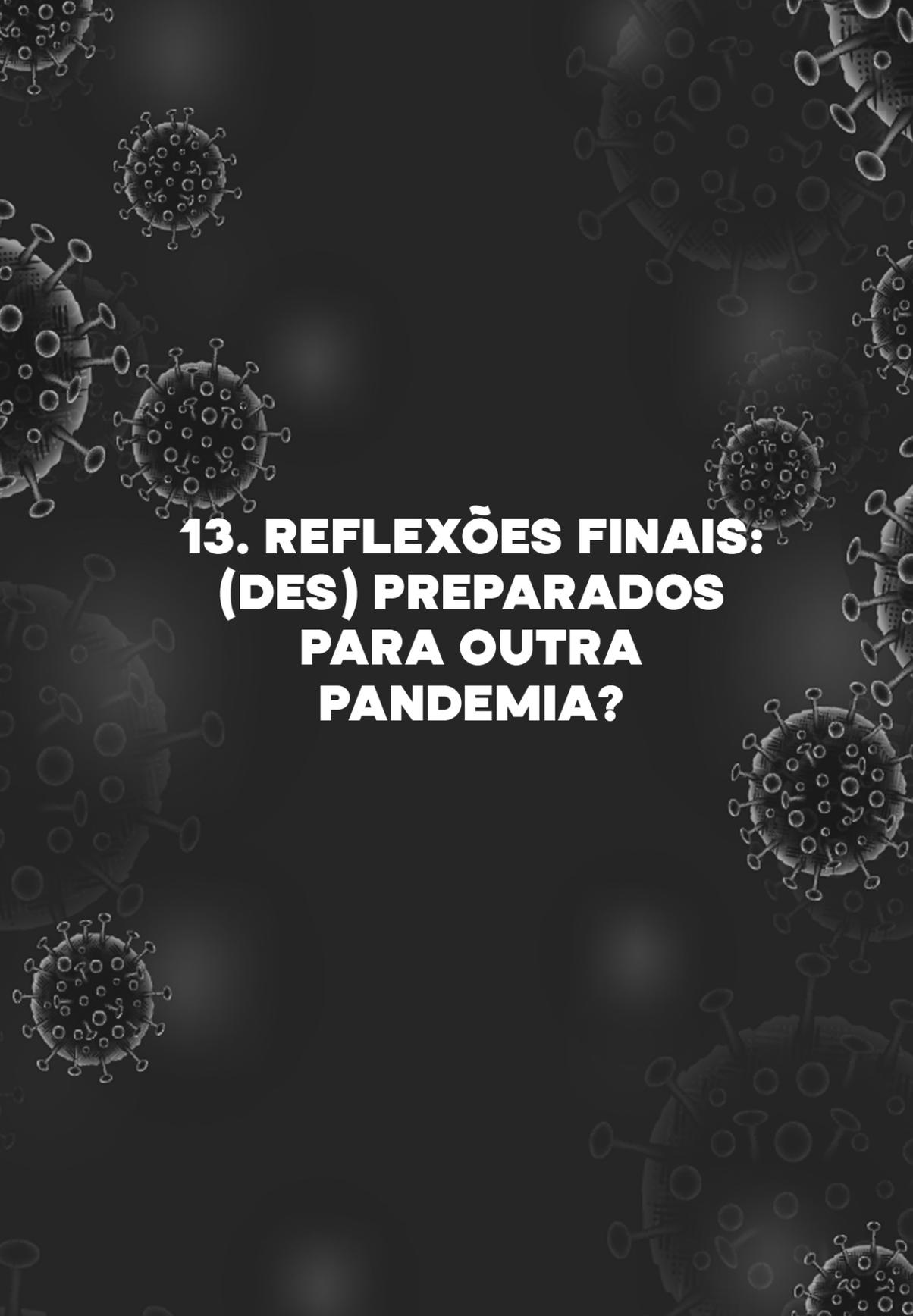
Lembrando que em nossa pesquisa inicial 53,4% eram de responsáveis por alunos da rede privada. Naquela oportunidade foi possível notar que quase 25% dos entrevistados demonstraram algum tipo de insatisfação com o setor de Coordenação Pedagógica, afirmando não terem sido atendidos em seus questionamentos.

Já em nossa pesquisa principal, junto à Rede Municipal de Ensino, mais de 90% (93,1% para ser mais exato) dos responsáveis afirmaram que os profissionais atendiam suas demandas e 83,2% dos entrevistados ficaram satisfeitos com o setor. E 89,3% dos entrevistados disseram que o coordenador pedagógico cumpriu com o seu papel, sendo o elo de ligação da escola com os pais. Ou seja, se levarmos em consideração o quesito ser atendido ou não pela Coordenação Pedagógica, os responsáveis por alunos da rede privada apontam uma insatisfação de quase 25% (24,1% exatamente). Enquanto a insatisfação por parte dos responsáveis por estudantes da rede pública, foi de apenas 6,9%.

E diante desses dados é possível levantar algumas hipóteses, dentre elas, será que nas escolas particulares os pais são mais exigentes com a educação dos filhos? Será que nas instituições privadas os pais exigem mais da escola e não se contentam apenas com o que é oferecido? Será que os responsáveis por alunos de escolas particulares tendem a investir mais na educação dos filhos, não apenas

em termos financeiros, mas também em tempo e atenção? Será que o comportamento e o comprometimento dos pais, auxiliando seus filhos, apresentaria um melhor resultado na qualidade do aprendizado?

Independente das respostas que venham a ser respondidas em pesquisas futuras, vale frisar a importância e o comprometimento de pais que se envolvem com o processo de ensino e aprendizagem de seus filhos, seja em instituições públicas ou privadas. Essa participação intensa pode criar uma cultura de responsabilidade compartilhada, onde a escola e a família trabalhem juntas para garantir o sucesso dos estudantes. Essa dinâmica pode fomentar um ambiente em que a comunicação entre pais e escola seja constante e aberta, permitindo ajustes rápidos e efetivos às necessidades dos alunos.

The background of the page is a dark grey color, overlaid with a repeating pattern of stylized virus particles. Each virus particle is depicted as a spherical body covered in numerous small, protruding spikes or receptors, resembling a coronavirus. The particles are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others, creating a sense of depth and movement. The overall aesthetic is scientific and somber, reflecting the theme of the text.

**13. REFLEXÕES FINAIS:
(DES) PREPARADOS
PARA OUTRA
PANDEMIA?**

Buscar entender o papel da Coordenação Pedagógica durante a pandemia de COVID-19, sob o olhar de pais e responsáveis por alunos da Rede Municipal de Ensino foi um trabalho complexo, que respondem a alguns questionamentos propostos.

Entretanto, revelam relatos outros, que merecem ser apreciados sob novos ângulos e perspectivas, em estudos futuros, afinal, esta pesquisa não pretende em nenhum momento esgotar o assunto, bem como não tem a pretensão de encerrar as discussões e reflexões sobre a temática proposta.

Outro fato que precisa ser pontuado diz respeito ao grupo específico de pais e responsáveis entrevistados. Em um universo de 8.476 alunos matriculados na rede no ano de 2020, obtivemos respostas de 261 entrevistados; além disso, em 15 escolas não tivemos nenhuma contribuição de pais ou algum outro responsável.

Em relação à questão problema proposta, “durante a pandemia de COVID-19, como foi a comunicação entre a Coordenação Pedagógica e os pais (ou responsáveis) por alunos da Rede Municipal de Ensino?”, os entrevistados – em sua maioria – entenderam que o setor cumpriu com suas funções durante o momento pandêmico.

Entretanto, vale salientar que sob o ponto de vista de outros responsáveis, em diversos momentos e circunstâncias, esta parcela de entrevistados se sentiu sozinha, sem saber como proceder durante o ensino remoto, ou em outras situações. Este fato detectado pelo estudo, como observados nos relatos descritos, também precisa ser evidenciado.

Em relação ao número de entrevistados, a pesquisa conseguiu atingir o número de responsáveis proposto no início dos estudos, que era ouvir entre 200 a 300 pessoas; conseguindo atingir o número de 261 participantes. Já em relação aos objetivos, o trabalho primou por cumprir com todas as propostas. Sobre analisar o papel da Coordenação Pedagógica da Rede Municipal de Ensino do município, durante a pandemia de COVID-19, sob a perspectivas de pais e responsáveis; buscou evidenciar pontos importantes, como por exemplo:

Referente ao coordenador pedagógico, que se fez presente durante aquele difícil período, respondendo aos questionamentos e dúvidas; mais de 90% dos responsáveis afirmaram que os profissionais atendiam às demandas solicitadas; e 83,2% dos entrevistados ficaram satisfeitos com as respostas fornecidas pelo setor.

E para 89,3% dos entrevistados, o setor cumpriu com o seu papel de proporcionar o elo de ligação entre a escola e os pais e demais responsáveis. Também houve encontros para explicar como seriam as aulas remotas e até mesmo, uma avaliação sobre o processo remoto de ensino e aprendizagem, sendo assim, é possível dizer que o grupo de entrevistado, em sua maioria, aprovou a atuação do setor, durante a pandemia de COVID-19.

Também foram analisadas as diferenças entre ensino remoto e Educação a Distância (EaD), bem como uma breve menção sobre Ensino Híbrido, além de evidenciarmos o que realmente foi proposto nas escolas, durante a COVID-19. Sobre a coleta de dados e informações de pais e responsáveis, sobre a percepção do trabalho desempenhado pela Coordenação Pedagógica, durante a pandemia, percebemos que a abordagem contribuiu para o avanço da pesquisa, podendo ser melhor estruturada em pesquisas futuras.

Já em relação a possíveis ruídos na comunicação entre pais ou responsáveis e a escola; o grupo pesquisado entendeu que não houve problema na comunicação, ao considerarmos a opinião da maioria dos entrevistados. Os gráficos e os depoimentos revelam uma atuação positiva do setor no quesito comunicação durante aquele momento específico, com algumas ressalvas já pontuadas.

Ainda no que diz respeito a outros objetivos, esta pesquisa propôs relatar experiências de pais e responsáveis sobre a Coordenação Pedagógica e a escola, durante o momento pandêmico; além de propor reflexões sobre a atuação do setor, durante a implementação do ensino remoto. E aqui cabem algumas reflexões que precisam ser compartilhadas, a fim de que possam reverberar, para que possamos nos lembrar daqueles dias difíceis e tirar algum proveito de tudo que foi experienciado:

Como podemos melhor utilizar as TDIC's em sala de aula? Como o coordenador pedagógico pode melhorar o elo de comunicação entre a escola e responsáveis? Seria possível um trabalho de qualificação, junto aos professores, referentes a novas tecnologias? O que fazer com alunos sem acesso a essas tecnologias? O que fazer para tentar minimizar o abismo sócio educacional existente entre aqueles que tem acesso às TDIC's e os que não tem? A escola estaria preparada para um outro momento pandêmico?

Diante do exposto, esperamos que as análises e reflexões tratadas no decorrer deste trabalho se configurem como possibilidades de avançarmos no quesito 'comunicação', entre a escola e os responsáveis, tendo o setor de Coordenação Pedagógica como elo eficiente, principalmente em momentos de crises.

Ao apresentar estruturas que se desenrolaram desde a concepção histórica da Coordenação Pedagógica à utilização das TIDC's, como alternativa de implementação do processo de ensino e aprendizagem remotamente, o estudo abriu espaço para que alunos e professores, acadêmicos de graduação e pós-graduação, coordenadores pedagógicos, universidades e escolas, possam ampliar as discussões visando tirar o melhor proveito dessas tecnologias no contexto educacional.

O trabalho ainda alertou para a atenção sobre políticas públicas, que possam vir atender as necessidades de alunos menos favorecidos, sem acesso a aparelhos eletrônicos conectados à Internet, principalmente em momentos atípicos, como os vivenciados durante a pandemia de COVID-19.

E por fim, pensando nos desdobramentos que este estudo poderá avistar, acreditamos que seja irrefutável continuar as análises sobre a atuação da Coordenação Pedagógica durante o período de COVID-19. Baseado nos relatos obtidos, principalmente nos depoimentos daqueles que desaprovaram a atuação do setor ou da escola durante o momento pandêmico, seria importante um estudo mais detalhado, evidenciando justamente o que não funcionou, a fim de propor ações mais eficazes que possam ser aplicadas em momentos de crises.

E como proposta futura, cabe a ideia de realizar uma ampla avaliação de todas as medidas e ações, que funcionaram ou não, durante a pandemia; nas escolas da Rede Municipal de Ensino, visando identificar o melhor que cada unidade escolar conseguiu fazer durante aquele momento. Posteriormente, de posse de todos esses dados, tanto os negativos, quanto os positivos; elaborar um manual de crise detalhado, envolvendo não só questões relacionadas ao processo de ensino remoto, bem como questões que envolvam a distribuição de merenda escolar, higienização do espaço, rede de apoio, comunicação interna eficaz, entre outras questões.

Assim sendo, a Rede Municipal de Ensino teria um manual a seguir, caso algum outro tipo de crise viesse a acontecer. A pandemia de COVID-19 mostrou a todos, o quanto a informação é valiosa em momentos difíceis; e saber o que fazer, pode ser crucial não só pela sobrevivência da Educação, mas, pela própria vida.

Como dissemos no início, o barco ancorou momentaneamente, e nós já conhecemos parte do percurso. Agora, precisamos solucionar as avarias – ainda que somente algumas – a fim de seguirmos navegando adiante, com tempestade ou calmaria; sem pandemia ou com pandemia... precisamos estar preparados!



14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e a questão do cuidar**. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; SOUZA, Vera Maria Nigro de (Orgs.). O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2012, p. 41-60.

ALVES, Lucinéia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância - RAABED**: São Paulo, Artigo 7, V.10, 2011, p.83-92.

ALVES, Nancy Nonato de Lima. **Coordenação pedagógica na educação infantil: trabalho e identidade de profissional na rede municipal de ensino de Goiânia**. 2007, 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

ANJOS, Cleriston Izidro; FRANCISCO, Deise Juliana. Educação infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempo de pandemia. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 125-146, jan./jan., 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79007>.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede - Revista de Educação a Distância**. Porto Alegre, v.7, n.1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.auniredede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 17 jun. 2023.

BARBOSA, Ivone Garcia; SOARES, Marcos Antônio. Educação Infantil e pobreza infantil em tempos de pandemia no Brasil: haverá um novo normal? **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 35-57, jan./jan., 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79044>.

BARCELOS, Ana Regina Ferreira de. **A supervisão escolar na rede municipal de ensino de Florianópolis: ascensão, declínio e ressignificação de uma função (1987-2010)**. 326 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BLANDINO, Fátima Maria Lucas. **A construção do coordenador pedagógico rumo a um projeto de escola: o ideal, o legal e o real.** 1996. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BOFF, Leonardo. **Covid-19: a mãe Terra contra-ataca a humanidade - Advertências da pandemia.** Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

BRASIL: **DOU Diário Oficial da União.** Publicado no D.O.U. de 18 de março de 2020. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 07 mar. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 25 mar. 2023.

BRASIL. **Decreto no 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regula o art. 80 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm. Acesso em: 25 mar. 2023.

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira. **O trabalho coletivo como espaço de formação.** In GUIMARAES, Ana Archangelo et al. O coordenador pedagógico e a educação continuada. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira; CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **O coordenador pedagógico como gestor do currículo escolar.** In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PLACO, Vera Maria Nigro de Souza. (org.). O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 81-91.

CASTAMAN, Ana Sara; RODRIGUES, Ricardo Antônio. Educação a Distância na crise COVID - 19: um relato de experiência. **Research, Society and Development**. V. 9, n. 6, e180963699, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i6.3699>. Acesso em: 09 mar. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHRISTENSEN, Cleyton; HORN, Michael; STAKER, Heather. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. Tradução: Fundação Lemann e Instituto Península. 2013. Disponível em: <http://abre.ai/bgvJ>. Acesso em: 16 mar. 2023.

CORRÊA, Shirlei.; FERRI, Cássia. Coordenação pedagógica: das influências históricas à ressignificação de uma nova prática. **Revista Entreideias**. Salvador, v. 5, n. 1, jan./jun. 2016, p. 41-56.

CRUZ, Ederval Pablo Ferreira da; GOMES, Geórgia Regina Rodrigues; AZEVEDO FILHO, Edson Terra. Discentes nas aulas online e videoaulas durante a pandemia da COVID-19: um estudo de caso na relação tempo x dispositivos eletrônicos. **Research, Society and Development**. [S. l.], v. 10, n. 12, p. e228101220436, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i12.20436. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20436>. Acesso em: 12 out. 2022.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1985.

DINIZ, Camila Castro; MORAES, Lélia Cristina Silveira de. A coordenação pedagógica e o desenvolvimento profissional de professores no contexto pandêmico: discussões e perspectivas futuras. **Dialogia**. [S. l.], n. 48, p. e26231, 2024. DOI: 10.5585/48.2024.26231. Disponível

em: <https://uninove.emnuvens.com.br/dialogia/article/view/26231>. Acesso em: 19 maio. 2024.

DOMINGUES, Isaneide; BELLETATI, Valéria Cordeiro Fernandes. A formação contínua em terreno colonizado: desafio para a coordenação pedagógica. In: Maria Amélia Santoro Franco, Elisabete F. Esteves Campos (Org.). **A coordenação do trabalho pedagógico na escola [e-book]: processos e práticas**. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2016, p. 59-75.

DOMINGUES, Isaneide. **O coordenador pedagógico e o desafio da formação contínua do docente na escola**. 235p. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP.

DUARTE, Phelipe Magalhães. (2020). COVID-19: Origem do novo coronavírus/COVID-19: Origin of the new coronavirus. **Brazilian Journal of Health Review**. 3 (2), p. 3585-3590. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-187>. Acesso em: 25 fev. 2023.

FAUSTINO, Lorena Silva e Silva; SILVA, Tulio Faustino Rodrigues Silva e. (2020). Educadores frente à pandemia: dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes. **Boletim de conjuntura (BOCA)**. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3907086>. Acesso em: 20 mai. 2024.

FERNANDES, Marileusa Moreira. A opção da supervisão diante da ambivalência, p.111 - 122. In: SILVA JÚNIOR, Celestino Alves da; RANGEL, Mary (orgs). **Nove olhares sobre a supervisão**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

FERRAZ, Roselane Duarte *et al.* O coordenador pedagógico e a organização do trabalho escolar no contexto da pandemia. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos; MONTINO, Mariany Almeida; NUNES, Claudio Pinto. (Org.); **Educação em Tempos de Pandemia: e outros cenários**

de crise. Humanidades e Inovação, Palmas, v. 8, n. 61, p. 318-336, out. 2021.

FERRAZ, Roselane Duarte.; SILVA, Aída Maria Monteiro. Planejamento de ensino no Parfor: pensar e organizar práticas pedagógicas na formação para professores em exercício. Rev. Int. de Form.de Professores (RIFP), **Dossiê: Formação e Trabalho Docente: interfaces e proposições.** Itapetininga, p.154-176, 2021.

FERREIRA, Liliana Soares. **Gestão do pedagógico: qual pedagógico se fala?**. Currículo sem Fronteiras, v. 8, n. 2, p.176-189, jul/dez 2008.

FERREIRA, Marcello; MILL, Daniel. Institucionalização da educação a distância no ensino superior público brasileiro: desafios e estratégias. In: FIDALGO, Fernando et al. (Org.). **Educação à distância: meios, atores e processos.** Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2013.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto.; FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. **A inspeção escolar como forma de controle no estado novo: uma contribuição às origens da gestão da educação.** Disponível em: <https://silo.tips/download/a-inspeao-escolar-como-forma-de-controle-no-estado-novo-uma-contribuiiao-as-orige>. Acesso em: 27 jan. 2023.

FILHO, Edison Terra; FREITAS, Arnold de Araújo; NASCIMENTO, Matheus Carvalho do; GOMES, Geórgia Regina Rodrigues et al. **O. Práticas pedagógicas no ensino durante a pandemia do COVID-19.** Research, Society and Development, v. 11, n. 13, e240111335521, 2022.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade. **Revista Múltiplas Leituras**. V.1, nº 1, p. 117 - 131. Jan./ jun. 2008.

----- . Da Pedagogia a coordenação pedagógica: um caminho a ser re-desenhado. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; CAMPOS, Elisabete Esteves. (Orgs.). **A coordenação do trabalho pedagógico na escola: processos e práticas**. Santos, SP: Editora Universitária Leopoldianum, 2016. p. 17-31.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; NOGUEIRA, Simone do Nascimento. Coordenação pedagógica: marcas que constituem uma identidade. In: Maria Amélia Santoro Franco, Elisabete Esteves Campos (Org.). **A coordenação do trabalho pedagógico na escola: processos e práticas**. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2016, p. 49-58.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

----- . **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GORBALENYA, Alexander et al. E. **Severe acute respiratory syndrome-related coronavirus - The species and its viruses, a statement of the Coronavirus Study Group**. Doi:10.1101/2020.02.07.937862. Disponível em: <https://www.biorxiv.org/content/10.1101/2020.02.07.937862v1>. Acesso em 03 de mar. 2020.

HÉRNANDEZ, Belén. **WhatsApp, tele y radio: Los más usadas para educar durante la pandemia**. El País. Madrid, 21 jun. 2020. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2020/06/05/album/1591356238_273904.html#?sma=newsletter_planeta_futuro20200624. Acesso em: 17 jun. 2023.

Histórico da pandemia de COVID-19. **OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde)**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-COVID-19>. Acesso em: 19 nov. 2022.

HONGZHOU, Lu. **Drug treatment options for the 2019-new coronavirus (2019-nCoV)**. <https://doi.org/10.5582/bst.2020.01020>. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/bst/14/1/14_2020.01020/_article. Acesso em 03 de mar. 2023.

HORTA, Patrícia Rossi Torralba. **Identidades em jogo: duplo mal-estar das professoras e das coordenadoras pedagógicas do Ensino Fundamental I na constante construção de seus papéis**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. O desafio da Educação a Distância no Brasil. **Revista Educafoco**, 2010, UFRJ. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/011.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 63-100.

LIOTI, Claudia Sena; STENTZLER, Márcia Marlene. A Educação Infantil e a pandemia da Covid-19: entre o cotidiano de uma pré-escola e as famílias dos estudantes. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos; MONTINO, Mariany Almeida; NUNES, Cláudio Pinto. (Org.); **Educação em**

Tempos de Pandemia: e outros cenários de crise. Palmas/TO: Humanidades e Inovação, v. 8, nº 61, 2021, p. 75-89.

LOPES, Luís Fernando; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. O que e o quem da EaD, p. 09-24. In: Pereira, Maria de Fátima Rodrigues; Moraes, Raquel de Almeida; Teruya, Teresa Kazuko. (Orgs). **Educação a distância (EaD): reflexões críticas e práticas.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

MACEDO, Sandra Regina Brito de. Coordenação pedagógica: conceito e histórico, p. 33-47. In: Maria Amélia Santoro Franco, Elisabete F. Esteves Campos (Org.). **A coordenação do trabalho pedagógico na escola [e-book]: processos e práticas.** Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2016.

MALTEMPI, Marcus Vinicius. **Construcionismo: pano de fundo para pesquisas em informática aplicada à Educação Matemática.** 4^a ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Ana Flávia Miranda; ANDRADE, Angela Bezerra dos Santos; ZANDAVALLI, Carla Busato. Desafios da coordenação pedagógica em Mato Grosso do Sul em tempos de trabalho remoto. **IntegraEAD.** V. 2, n. 1, p. 1-15, 2020.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing.** São Paulo: Atlas, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1996.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada.** Tradução: Roberto Galman. São Paulo, SP: Thomson Learning, 2007.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife**. Revista UFG, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. DOI: 10.5216/revufg.v20.63438. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 9 mar. 2023.

MOTA, J. S. Utilização do Google Forms na Pesquisa Acadêmica. **Humanidades & Inovação**. V. 6, p. 371-380, 2019.

NASCIMENTO, Matheus Carvalho do; GOMES, Geórgia Regina Rodrigues. **Formação continuada docente para a utilização das TIC no processo de ensino e aprendizagem**. Research, Society and Development, v. 9, p. 1, 2020.

NASCIMENTO, Matheus Carvalho do; MANSUR, Geórgia Santana da Silva; GOMES, Geórgia Regina Rodrigues. Pandemia, Tecnologias Digitais e Educação: pensamentos sobre a escola de hoje, v. 1, p. 95-108. In: Fernanda Insfran; Cristiana Callai; Francisca Marli Rodrigues de Andrade; Geórgia Regina Rodrigues Gomes; Jean Carlos Miranda. (Org.). **Pandemia e suas interfaces no ensino**. 1ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

NASCIMENTO, Paulo Meyer et al. **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia**. Brasília: Ipea, 2020. 16 p. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10228>. Acesso em: 27 fev. 2023.

NEGRAO, Ana Maria Melo. O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum”. **Revista Brasileira de Educação**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LqB7SVwpmcCQ8Qp8zHJdB3k/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2023.

NÓVOA, António. E agora, Escola? **Jornal DA USP**, 2020a. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/e-agora-escola/>. Acesso em: 19 mai. 2024.

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 8-12, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905/551>. Acesso: 14 mai. 2024.

OLIVEIRA, Edison Trombeta de; GARBIN, Mônica. Processo formativo para mediação na educação a distância: a experiência da UNIVESP, p. 107-118. In: BIANCHETTI, Cleber (Org.). **Cultura Digital: novas relações pedagógicas para Aprender e Ensinar**. Volume II. Curitiba: Bagai, 2020. OLIVEIRA, Hudson do Vale de; SOUZA, Francineire Sales de. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, vol. 2, n. 5, 2020.

OLIVEIRA, Raquel Mignoni de; CORRÊA, Ygor; MORÉS, Andréa. Ensino remoto emergencial em tempos de Covid-19: formação docente e tecnologias digitais. Itapetininga: **Rev. Int. de Form.de Professores (RIFP)**. V. 5, e020028, p. 1-18, 2020.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PELLI, Débora; VIEIRA, Flávio César Freitas. História da educação na modalidade a distância. **CIET: EnPED**. São Carlos, maio 2018. ISSN 2316-8722. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/907>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia escolar: coordenação pedagógica e gestão educacional**. São Paulo: Cortez, 2011.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edmea Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública, p. 318-325. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 29, n. 4, 1995.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loyola, 2010.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA Laurinda Ramalho de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Retrato do coordenador pedagógico brasileiro: nuances das funções articuladoras e transformadoras, p.10-11. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (Orgs). **O Coordenador Pedagógico no espaço escolar: articulador, formador e transformador**. São Paulo: Loyola, 2015.

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2^a. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. **O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas**. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992. p. 13-29. (Coleção Textos; 2a série, 3).

REIS, Nelio; OLIVEIRA, Cristina Corrêa de; ANDRADE, Alequexandre Galvez de; (2020): COVID-19 e o calendário escolar brasileiro: medo e frustração, p. 52-68. **Revista Inovação Social**. Vol. 2, n^o 1, maio de 2020.

RICHARDSON, Roberto. (coord.) *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

ROCHA, Maressa Ferreira de Alencar; VELOSO, Wanderson Gomes; BEZERRA, Rebeca Ellen de Alencar; GOMES, Laura de Almeida; & MARCOLINO, Aline Beserra de Lucena. (2021). O impacto da pandemia do covid-19 na saúde infanto-juvenil: um estudo transversal, p. 3483-3497. **Brazilian Journal of Health Review**. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-271>. Acesso em: 04 mar. 2023.

SANTOS, Catarina de Almeida. Educação a Distância: tensões entre expansão e qualidade, p. 49-54. In: Fernando Cássio (org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

SANTOS, Juvencio Jesus dos; SANTO, Eniel do Espírito; SOUZA, Naira Santana. Educação no Contexto da Pandemia: Percepções Críticas da Coordenação Pedagógica. In: EaD em Foco. **Dossiê Especial - Pesquisaformação na Cibercultura: Experiências da Pandemia**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2022.

SARAIVA, Carla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020.

SARAIVA, Terezinha. Educação a distância no Brasil: lições da história, p. 17-27. **Em aberto**. V. 16, n.70, abr./jun., 1996.

SAVIANI, Demerval. A supervisão educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da ideia. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto. (Org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003a.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; FUJII, Rosangela Araujo Xavier; CORAZZA, Maria Júlia. (2017). Pesquisas quali-quantitativas:

contribuições para a pesquisa em ensino de ciências, p. 569–584. **Revista Pesquisa Qualitativa**. Disponível em <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/157>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SILVA, Luciana Pereira. **A utilização de recursos tecnológicos no Ensino Superior**. Revista Olhar Científico, vol. 1, n. 2, 2010.

SILVEIRA, Sidinei Renato et al. (2020). **O Papel dos licenciados em computação no apoio ao ensino remoto em tempos de isolamento social devido à pandemia por COVID-19**. In: Série Educar, Prática Docente/ Organização: Editora Poisson - Belo Horizonte/MG: Poisson.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramango de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos, p.64-83. **Cadernos da Fucamp**. Campinas/SP, v.20, n.43, 2021.

SOUSA, Thiago Ferreira de Sousa; SANTOS, Sueyla Ferreira da Silva dos; FARIAS, Gildeene Silva et al.. Grupos de pesquisa brasileiros com ênfase na pandemia da Covid-19. **Revista Interfaces**. V. 8, n. 3, ISSN 2317-434X (Número Especial - Covid-19), 2020.

TAVARES, Maria Tereza Goudard; PESSANHA, Fabiana Nery de Lima; MACEDO, Nayara Alves. Impactos da pandemia de Covid-19 na Educação Infantil em São Gonçalo/RJ, p. 77-100. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 23, 2021.

TOZETTO, Susana Soares; KAILER, Priscila Gabriele da Luz. (2019). Formação inicial do pedagogo que atua como coordenador pedagógico: análises e reflexões dos saberes profissionais, p. 361–379. **Educação Por Escrito**. Disponível em <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2018.2.27871>. Acesso em: 10 fev. 2023.

TRUJILLO FERRARI, Alonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

UNESCO. **Sobre a COVID-19 e suspensão das aulas presenciais.**

Disponível em: <https://respeitarepreciso.org.br/sobre-o-covid-19-respeitar-e-preciso>. Acesso em: 01 mai. 2023. 2020a.

UNESCO. **Unesco apresenta a Coalizão Global de Educação.**

Disponível em: <http://www.catedraeducacionjusticiasocial.org/pt/unesco-apresenta-a-coalizao-mundial-pela-educacao/>. Acesso em: 07 abril. 2024. 2020b.

VALENTE, José Armando. **O Computador na Sociedade do Conhecimento.** Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999.

WALTRICH, Rose Elaine de Liz. **O Coordenador pedagógico na educação infantil da rede municipal de educação de Florianópolis: marcas de uma experiência democrática.** 2008, 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.